



COTRIJORNAL

ANO 5 - IJUI, OUTUBRO DE 1977 - Nº 46

Láurea Exportação:

BLOCH EDITORES PREMIOU A COTRIJUI-COTRIEXPORT

Dez personalidades brasileiras vinculadas ao empresariado, tecnologia ou áreas de "marketing", na agricultura e pecuária, foram distinguidas com os prêmios "Agricultura de Hoje", uma distinção do Grupo Bloch Editores, a quem mais se sobressaiu durante o ano. Dentre os destacados está o diretor-presidente da COTRIJUI e da COTRIEXPORT, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, por sua atuação no setor de mercado internacional. Os demais laureados com o prêmio "Agricultura de Hoje", com destaques para suas respectivas atividades foram: Ernane Galvêas (Agroindústria); Gervásio Tadashi Inoue (Cooperativismo); Sérgio Mário Regina (Extensão Rural); José Julio Pontes Corrêa da Silva (Informação Rural); Juergen Adolpho Engelbrecht (Mecanização); Gabriel Donato de Andrade (Pecuária); Johanna Dobreiner (Pesquisa) Ney Bitencourt de Araújo (Produção Vegetal) e André Tosello (Tecnologia Agrícola). Paulo Cesar Venturini foi laureado como Estudante.

As Láureas de 1977 do "Agricultura de Hoje" foram entregues durante jantar de gala servido no Edifício Manchete, sede do Grupo Bloch Editores, no Rio de Janeiro, na noite de 19 de setembro. O Prêmio conquistado pela COTRIJUI constou de um diploma confeccionado pela Bloch Editores com o destaque "Agricultura de Hoje", o mesmo nome de uma revista técnica do Grupo jornalístico.

Na festa dos destaques no Edifício Manchete, com a presença da família Bloch, tendo a frente seu diretor-presidente, Adolpho Bloch, compareceram autoridades de todas as áreas e convidados especiais das setoriais do empresariado e do mundo jornalístico carioca.

Falando à reportagem logo após retornar do Rio de Janeiro, onde recebera o Destaque em Exportação, disse Ruben Ilgenfritz da Silva que mais do que a honra da distinção conquistada é saber que o cooperativismo como sistema válido para a solução dos problemas sociais e econômicos do País, é visto cada vez com maior realce. Disse que o cooperativismo recebeu dupla consagração no Prêmio Bloch, através da COTRIJUI/COTRIEXPORT em Exportação e da Cotia de São Paulo, em Cooperativismo.

O presidente da COTRIJUI fez questão de transferir o mérito do Prêmio "aos companheiros da COTRIEXPORT, que não tem medido esforços no sentido de prever, projetar e concretizar negócios que tem elevado o cooperativismo a bons empreendimentos externos".



A partir da direita, Adolpho Bloch, presidente do Grupo e diretor da Revista Manchete; Ruben Ilgenfritz da Silva, o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli e Ernane Galvêas, ex-presidente do Banco Central do Brasil.



MORTE DE ISRAEL SCATRUT - VOTO DE PESAR

É com profundo pesar que registramos a morte do sr. Israel Scatrut, ocorrida por acidente automobilístico no último dia 2, na BR-290, proximidades da cidade de São Gabriel. O sr. Israel Scatrut, um dedicado e eficiente assessor de diretoria na COTRIEXPORT, procedia da cidade uruguaia de Ta-

quarembó, acompanhado pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, onde haviam participado de um seminário internacional sobre soja.

O sr. Israel Scatrut exercia as funções de assessor de relações públicas da COTRIEXPORT - Exportação e Importação S.A., empresa subsidiária

da COTRIJUI, desde a fundação desta empresa, o que ocorreu em princípios de 1975. O falecido, que desapareceu aos 54 anos de idade era viúvo, deixou um filho, o sr. João Carlos Scatrut, de 23 anos de idade. O corpo do sr. Israel Scatrut foi levado a sepultura no Cemitério do Centro Israelita em Porto Ale-

gre, as 11 horas da manhã de 3 do corrente.

A direção da COTRIJUI, consternada com o ocorrido, ao tempo que lamenta a perda de seu laborioso e eficiente colaborador, transmite, por este modo, suas condolências aos familiares do extinto, com quem compartilha dos sentimentos.

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Rua das Chácaras, esquina Porto Alegre - Caixa Postal 111
IJUI - RS
TELEFONE: 2066 e PBX

CGC ICM - 065/0007700
Inscr. INCRA Nº 248/73
CGC MF - 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO
Diretoria Executiva

Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva,
- Eng. Agr.
Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.
Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores Contratados:

Alceu Carlos Hickembick, Euclides Casagrande, Léo Miron, Nedy Rodrigues Borges, Nelcy Rospide Nunes, Oswaldo Olmiro Meotti e Werner Ervin Wagner.

Conselheiros (Efetivos)

Alberto Sabo, Alfredo Driemeyer, Hugo Lino Costa Beber, Pedro Bizarro, Flávio Sperotto e Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Antonio Primo, Italvino Sperotto, Herbert Hintz, Carlos Krüger, Amaury Marcks e Renaleto Fontana.

Conselho Fiscal (Efetivos)

José Cláudio Koehler, Edelmar Friedrich e Bruno Eisele.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Harry Reisdorfer, Arnaldo Hermann e Abu Souto Bicca.

Capacidade em Armazenagem:

IJUI (Sede)	164.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	60.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Vila Jója	60.000 T.
Tenente Portela	60.800 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Dom Pedrito	15.700 T.

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior. Nossa tiragem, 15.000 exemplares.

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP

Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

EXPEDIENTE

Redação e Administração

Rua Floriano Peixoto, 559

Telefone: 2033

98.700 - IJUI - RS

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob n. 9. Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 n. 022.775 de 13.11.1973 e figurativa M/C11 n. 022.776, de 13.11.1973.

Redator Responsável

- RAUL QUEVEDO -

Registro profissional no MTPS 1176.

Redatores:

Valmir Beck da Rosa e

Açari Amorim.

Composto no JORNAL DA MANHÃ Ijuí, e impresso em rotativa off-set no DIÁRIO SERRANO - Cruz Alta.

CARTAS

CONTROLE NA VENDA DE PRODUTO TÓXICO

O eng. agr. Luiz Volney Mattos Viau recebeu correspondência do dr. Waldemar Ferreira de Almeida, diretor da Divisão de Biologia Animal do Instituto Biológico de São Paulo, a respeito de artigo saído recentemente no COTRIJORNAL. Damos um resumo da correspondência:

Prezado dr. Volney: Seu artigo no "Cotrijornal" saiu excelente. Apreciei bastante os destaques referentes à venda controlada pelo técnico através de receituário e também as recomendações dos produtos menos tóxicos.

Faço um apelo para que continue a série de publicações, divulgando cada vez mais a boa prática agrícola, com recomendação de produtos eficientes, de baixa toxicidade para o homem e cujos resíduos sejam menos perigosos. A campanha do receituário agrônomo, iniciada de modo pioneiro no RGS está se expandindo porque traduz benefícios para os agricultores e são extensivos à Nação em geral. Atenciosamente, Waldemar Ferreira de Almeida, diretor da D.B.A. - São Paulo.

UNIVERSIDADE DE LONDRINA

Prezados senhores. Apraz-nos comunicar a mudança de domicílio do dr. Julio Cesar desta cidade de Londrina para Curitiba. O "Cotrijornal" destinado a ele deve ser remetido para a rua Buenos Aires, 486. De nossa parte, ficaremos gratos caso seja remetido um em nosso nome. José Augusto de Annuniação, secretário-executivo da Coordenação de Extensão à Comunidade, caixa postal 2111, Londrina, Paraná.

CEUPA, PORTO ALEGRE

Recebemos do Centro Evangélico Universitário de Porto Alegre - CEUPA: Solicitamos o fornecimento de três assinaturas do COTRIJORNAL, uma para cada residência deste Centro, considerando o alto teor instrutivo e informativo que apresenta o citado jornal.

Atenciosamente, Paulo Augustin, Departamento Cultural.

UNIVERSIDADE DE VIÇOSA

Prezados senhores: Venho participar-lhes meu entusiasmo ao ter tido oportunidade de ler um exemplar do COTRIJORNAL, o qual me foi cedido pelo colega Francisco M. Rodrigues Pinto, da Universidade Federal de Viçosa, da qual sou aluno. Através do COTRIJORNAL tive oportunidade de obter excelentes informações sócio-culturais e econômicas, além da mais variada modalidade de assuntos. É assim que consigo entender um verdadeiro jornal. Manifesto aqui meu interesse em receber o jornal. Saudações agrônomicas. Ruy Bueno da Silveira, rua Padre Serafim, 108 - Viçosa, Minas Gerais.

PARAGUAY COOPERATIVO

Recebemos da Revista Paraguay Cooperativo, órgão oficial da Direção Geral de Cooperativismo do Paraguay:

Senhor Redator do COTRIJORNAL. A redação desta revista sente-se honrada em receber o importante órgão de difusão cooperativista da COTRIJUI, o COTRIJORNAL. É de destacar que o trabalho jornalístico do COTRIJORNAL é de excepcional eficiência construtiva.

Aproveitamos esta oportunidade para informar-lhe que o atual diretor de "Paraguay Cooperativo" é o senhor Miguel Angel Sánchez, a quem deve passar a ser dirigido o COTRIJORNAL. Antecipando agradecimentos, subscrevo-me atenciosamente. Julio Cesar Zarza.

BRASILEIROS EM ISRAEL

Recebemos do casal Daniel Pablo e Neyda Hurevich, residentes em Israel:

Nem podemos descrever nossa alegria e emoção cada vez que recebemos o COTRIJORNAL; pois ele é todo feito com talento jornalístico e inteligência superior. O COTRIJORNAL conquistou aqui o "grande" público de nossos vizinhos. O jornal de cada mês anda de

mão em mão entre os brasileiros e mesmo os de fala espanhola, pois mais do que um jornal ele é um autêntico livro de cultura geral. Assina, Neyda Heloisa Hurevich, Guivat Tsarfatit, Jerusalém, Israel.

ESTADO DO PARÁ

Prezados senhores: Recentemente recebi de um amigo o exemplar nº 43 do COTRIJORNAL. Fiquei surpreendido pelo rico conteúdo de suas páginas. Esse fato se constitui numa alegria, pois notei que estava diante de uma fonte rica de informações de cultura geral e interesse agropecuário.

Ficarei muito feliz se puder recebê-lo regularmente. Antecipando agradecimentos. Eng. agr. Messias de Sena Braga, Base Física de Aleuquer, estado do Pará.

BELO HORIZONTE

Senhor diretor. Apraz-nos apresentar-lhes nossos agradecimentos pela remessa mensal do COTRIJORNAL. Adiantamos-lhe que os enfoques apresentados pelo mesmo é importante para a atuação deste Departamento. Por essa razão, solicitamos que seja mantida a remessa sistemática do jornal. Atenciosamente, Edna Helena de Souza, diretora do Departamento do Trabalho do Governo do Estado de Minas Gerais.

POUPANÇA APESUL

Caderneta de Poupança Apesul cumprimentando direção e redação do COTRIJORNAL por motivo da passagem do Dia da Imprensa, transcorrido a 10 de setembro.

PEDIDOS DE COTRIJORNAL

N. da R. - Todas as pessoas que solicitaram jornal passarão a receber, como oferta especial da COTRIJUI, a título de relações públicas. Comunicamos aos interessados a seguir, que estão relacionados para receber o COTRIJORNAL já a partir da presente edição. São os seguintes:

Milton Souza, rua Maracaju, 1.321 - 79.130 - Rio Brillante, Mato Grosso. Hélio Augusto do Amaral, rua México, 555 - Frederico Westphalen, RS. Imério Zanatta, Colégio Agrícola de Frederico Westphalen. Roberto Zovzan, engenheiro-agrônomo, cidade de Porto Xavier, RS. Germano Drews, av. Duque de Caxias, 346 - 96.100 - Pelotas, RS. Vera Zilio, coordenadora de comunicação social do Ministério do Trabalho, Esplanada dos Ministérios, Brasília, DF. Gert Marcos Lübeck, rua Lobo da Costa, 663, 96.100, Pelotas, RS. Gastor Bernstein, BR 386 km. 123 - Linha Bastos - Marques de Souza, Teutônia e Atilio Bolzan, rua Assis Brasil, 310, Jaguari, RS.

Finalmente a solução adequada contra as pragas do solo da soja.

DIAZINON 60E e BASUDIN 14G

(à base de Diazinon)

Os únicos inseticidas indicados oficialmente contra a broca do colo e a lagarta rosca.

CIBA-GEIGY
CIBA-GEIGY QUÍMICA S.A.
Divisão Agroquímica
Av. Santo Amaro, 5137
Tel.: 241-0691
São Paulo - SP

DIAZINON 60 E
Inseticida líquido. É indicado principalmente contra a lagarta rosca. Pode ser usado contra a broca do colo, quando esta já estiver atacando a soja.

BASUDIN 14 G
Inseticida granulado. É indicado preventivamente contra a broca do colo. Deve ser aplicado junto com o plantio, numa só operação.

Desseja receber gratuitamente o boletim Técnico Diazinon 60 E e Basudin 14 G

Nome: _____ Rua: _____ Cidade: _____ Estado: _____

O COMÉRCIO EM FACE A REPÚBLICA DE PLATÃO

Na República considerada utópica de Platão, as classes dominantes, em número de três, eram os filósofos, os militares e os agricultores. O Estado Platônico primava pela honradez. Sua meta e diretriz era o caminho pleno da virtude e da dignidade do ser. Cabia aos filósofos o desempenho da magistratura; aos militares a defesa soberana dos primados da Pátria e a garantia da tranquilidade interna e aos agricultores, o suprimento alimentar de todos.

Esse governo ou sistema tripartite, satisfazia os anseios de moral com liberdade, pois conforme o pensamento político de Platão, "só os filósofos são capazes de governar bem e honradamente". Mais importante ainda do que essa espécie de decálogo de governo, era o pensamento dessa curiosa república em relação ao magistério.

Todo o cidadão platônico tinha os mesmos direitos em relação ao ensino, que era obrigatório e universal. Na primeira quadra da existência as crianças, sem distinção de sexo, aprendiam o elementar pelo espaço de sete anos. Consistia o currículo de leitura, aritmética, e noções de história e geometria. Um segundo período era de observação didático-pedagógica por parte de mestres experimentados, no sentido de orientar o aluno para as artes, para atividades bélicas, agricultura, etc. quando então, e já definido, o aluno passava a receber os ensinamentos correspondentes à futura profissão ou atividade.

Os mestres da república platônica desenvolviam todos os esforços no sentido de encaminhar seus alunos às atividades produtivas ou de criatividade artísticas — filosofia, ciências em geral, letras e atividades de segurança pública. Mas nem sempre os professores tinham êxito em seu magistério, pois sempre e em todas as épocas existiram os preguiçosos, os incapazes, os inertes.

Reza a história porém, que quando falhavam todos os recursos pedagógicos dos mestres na orientação aos alunos, e um ou outro provava ser totalmente incapaz de produzir ou criar alguma coisa de útil a si, à sociedade e à Pátria, então esse elemento era destinado as lides do comércio, pois dele nada era lícito esperar de válido, de proficiente, de útil. A nós, parece ter sido esse o grande pecado do sistema filosófico-social que passou para a história como a República de Platão. É claro que os países precisam possuir legislações sólidas, para conter os excessos dos comerciantes desonestos. Mas prescindir da participação dos comerciantes é que é impossível.

CRÉDITO E INCENTIVOS, UMA ASPIRAÇÃO COOPERATIVA

O VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado de 14 a 17 últimos em Fortaleza, Ceará, focalizou temas de relevante significação para o sistema. O conclave não só procurou mostrar que o cooperativismo é a solução ideal para os problemas sócio-econômicos, segundo a expressão do deputado federal Odacir Klein, do Rio Grande do Sul, como principalmente expôs questões de importante atualidade para seu fortalecimento.

É o caso, por exemplo, da Lei que trata dos incentivos fiscais, conforme argumentou com a devida ênfase o diretor-executivo da Organização das Cooperativas Brasileiras, José de Campos Melo. Perguntou o líder cooperativista por que somente as empresas que tem fins meramente especulativos tem acesso à aplicação dos incentivos? Realmente. A questão de que trata o Decreto-Lei 157 nos parece anômala. Os incentivos, conforme sua jurisprudência, são dados exclusivamente à empresas de caráter mercantil; à empresas que de uma ou de outra forma, especulam, enquanto as cooperativas não tem incentivo fiscal.

O Congresso ressaltou também a necessidade de uma abertura governamental para que as cooperativas de crédito sejam fortalecidas, visando reduzir sua dependência em relação aos bancos, sejam estes oficiais ou particulares. Para os congressistas, parece que nada mais justo que as empresas solidárias que criam as riquezas do campo possam também manipular os recursos financeiros necessários à criação dessa riqueza.

O certo é que não é justo que o cooperativismo continue sendo considerado apenas um sub-sistema de apoio à economia individual. Não é justo, e mais do que injusto, é desumano, que as economias de muitos continuem sendo canalizadas para as mãos de poucos, através dos incentivos conforme eles são aplicados presentemente.

A nós, pareceu que o VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo de Fortaleza, valeu pela ênfase que concedeu a esses dois itens.

O COMÉRCIO EXTERIOR, UMA PREOCUPAÇÃO DO GOVERNO

Discursando durante a abertura do VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo em Fortaleza, a 14 de setembro, o ministro da Agricultura, sr. Alysson Paulinelli, manifestando preocupação pelos resultados práticos do mercado internacional de produtos, conclamou os congressis-

tas presentes a somar esforços junto com o Governo para a criação de uma grande empresa exportadora, espécie de "trading company", para competir a nível mundial com maior segurança.

No dia seguinte, falando a jornalistas presentes ao Congresso, o presidente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, sr. Marcos Pessoa Duarte, disse que as cooperativas precisam modificar urgentemente seus mecanismos de comercialização a fim de assegurarem melhor retorno aos seus associados. A tônica das declarações do presidente do BNCC era idêntica a proferida no dia anterior pelo ministro Alysson Paulinelli.

Dias depois, ou seja, a 20 de setembro, falando para jornalista de um jornal de São Paulo, o diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, sr. Benedito Moreira, declarou em Curitiba que "no próximo ano o Governo pretende reduzir muito o nível de intervenção nas exportações, dando maior liberdade ao setor privado". Destacou aquela autoridade financeira que "a liberalização na política de exportação é um esforço que vem sendo gradativo, mas deverá ser acelerado em 1978 para dar maiores condições ao empresário de ser realmente empresário", sentenciou.

Em outro trecho de seu pronunciamento disse Benedito Moreira: "Quero que cada setor exportador se organize e crie cada um sua personalidade empresarial e política comercial própria". Em sua opinião, os exportadores não podem se acomodar, esperando que o Governo resolva todos os seus problemas, que procure mercados e defenda preços, pois senão chegará o momento em que a estatização será inevitável".

De nossa parte, aplaudimos esses pronunciamentos em cadeia, que parece demonstrar o reconhecimento do Governo para uma questão de real importância para a saúde econômica do País. Mas estranhemos que precisamente após uma intervenção que se configurou extremamente danosa à economia de exportação do País, que foi o confisco cambial da soja, extrapolado de 7 para 12% e aí permanecendo até o aviltamento do preço do produto, venha o diretor da CACEX argumentar em termos de estatização.

É de esperar-se que a partir de agora, quando em especial com relação a economia de mercado primário a intervenção governamental foi danosa às finanças da Nação, que o Governo pense mais antes de intervir. Dai os nossos aplausos aos pronunciamentos do ministro Alysson Paulinelli e Marcos Pessoa Duarte, de fortalecer o empresariado para que este tenha forças para competir lá fora.

O JOGO DOS ALIMENTOS E A FOME NO MUNDO

A FAO, órgão das Nações Unidas que trata dos alimentos a níveis mundiais, tem manifestado sérias preocupações com a escassez desses alimentos, principalmente a base de cereais. A cada nova frustração de safra ou oscilações bruscas de preço, os técnicos do organismo manifestam-se através da imprensa, clamando por uma política mais humana do mundo desenvolvido para gerir os frutos da produção em benefício dos sub-desenvolvidos.

Não é raro que essas manifestações da FAO sejam avalizadas por governos desenvolvidos, quando então fazem o jogo diplomático do "bonzinho", do "humano", do "protetor".

Porém, no jogo brusco do capitalismo direto, as intenções do lucro se manifestam claras, anulando qualquer filosofia de humanismo que possa transcender de intenções dos atos meramente diplomáticos. Agora mesmo o Governo Carter anunciou nos Estados Unidos um plano de criação de reservas de alimentos a fim de "proteger" o País contra alterações bruscas nos estoques e preços. Ao mesmo tempo, funcionários governamentais deram a conhecer um novo plano destinado a reduzir em 20 por cento as terras reservadas ao plantio do trigo no próximo ano.

Durante encontro com a imprensa realizado na Casa Branca, o secretário interino da Agricultura, John White, disse que ocorreu uma "acentuada elevação nos estoques mundiais de alimentos a partir de 1975". E para evitar "flutuações de preços"; quer dizer: para impedir que esses preços sejam reduzidos, pretende-se diminuir os índices da produtividade.

De parte dos Estados Unidos, conforme declarou John White, o programa de reserva colocaria de lado (fora de comercialização a curto prazo) de 30 a 35 milhões de toneladas métricas de alimentos e grãos antes do início do ano mercantil de 1978-79.

O esquema fundamental do programa anunciado tem como meta a diminuição das áreas de plantio do trigo de 74 milhões para 63 milhões de acres (de 30 milhões para 25,5 milhões de hectares), o que resultaria, segundo John White, em uma baixa de 250 milhões de bushels, o equivalente a 6,7 milhões de toneladas métricas.

White enfatizou que a redução pretendida representa "uma diferença insignificante em escala mundial". Mas é suficiente para que se entenda que os lucros do capital estariam assegurados.

Ao encerrar a entrevista, John White esclareceu que "estamos tentando evitar os excedentes que tivemos no passado, e dos quais levamos anos para nos recuperarmos".

Sem dúvida alguma, com relação aos alimentos e a fome no mundo, usa-se de dois pesos e duas medidas. Vê-se sem maiores esforços que a preocupação não tem em vista a pessoa humana mas apenas assegurar uma farta e garantida remuneração para o capital, sejam quais forem as circunstâncias.

AMERICANOS ESTÃO COM PROBLEMAS ECONÔMICOS

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Michael Blumenthal, declarou que seu país tem "sérios" problemas econômicos de âmbito externo, entre os quais um crescente déficit comercial, salientando porém que o governo norte-

americano está convencido de que poderá solucioná-los em breve. A afirmação foi feita ante a 32ª Assembléia Anual conjunta do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, que conta com a participação de 131 países.

ANUNCIADA COLHEITA GIGANTE DOS NORTE AMERICANOS

Nunca havia ocorrido uma safra simultaneamente generosa para os três principais artigos agrícolas norte-americanos: a soja, o trigo e o milho.

O maior problema da economia dos Estados Unidos é, nesta altura do ano,

AUSTERIDADE NO JAPÃO

Durante quatro dias por ano, as emissoras de televisão transmitirão apenas os noticiários, ficando sem funcionar o resto do tempo; na hora do almoço, os escritórios não receberão energia elétrica; de cada dois elevadores, um ficará parado e o outro não atenderá os andares abaixo do sexto. Além disso, todas as casas serão obrigadas a baixar os termostatos em dois graus. Se adotadas essas medidas, diz o Escritório de Técnica e Ciência do Japão, serão economizados em Tóquio 59 milhões de litros de petróleo por dia (uma quantidade consumida por uma cidade de dez mil habitantes em 20 anos). Ao receber a proposta para adoção dessas medidas, apresentada pelo Escritório, o gabinete japonês, que disse impressionado, marcou as discussões sobre o assunto para o final do ano.

PROGRESSO NO IRAQUE

Novo rico, transbordando de petrodólares depois da alta do preço do produto, o Iraque (438 mil quilômetros quadrados e 13 milhões de habitantes) iniciou uma furiosa corrida ao desenvolvimento, quadruplicando seus investimentos de um ano para outro.

O plano quinquenal 1976/1980, elaborado pelo governo do presidente Amede Hassa Elbaquer prevê 30 bilhões de dólares em investimentos. Esta soma, se forem incluídos os serviços, alcança, segundo as cifras fornecidas pelo Ministério do Planejamento, 40 bilhões de dólares.

À agricultura que é, com o petróleo, uma das duas principais fontes de renda nacional, corresponderá pelo menos um terço do total dos créditos, como à indústria, porque o papel da agricultura deve aumentar à medida que diminuem as reservas de petróleo.

achar depósitos para a gigantesca colheita de soja, de trigo, e de milho.

Isso que ocorreu secas em algumas regiões do Nordeste do país, mas as safras de grãos foram excepcionais. Oficialmente, apenas a soja teve recorde de produção. Mesmo assim, a disponibilidade de trigo e milho fica muita próxima da melhor marca para cada um deles.

Em vista disso, já se está pensando nos Estados Unidos em plano para conter o possível excedente, onde se induziria os fazendeiros a plantar menos no próximo ano. Esse plano poderia custar até 5 bilhões de dólares, mas sairia ainda mais barato do que o financiamento e estocagem de uma nova colheita gigante. No comentário ao lado, analisamos o assunto.

ARGENTINA APÓIA RESERVA MUNDIAL PARA O TRIGO

A Argentina apoia a tese de formação de uma grande reserva internacional de trigo, informou em Buenos Aires, segundo a Telenoticias/AP/Down Jones, o secretário da Agricultura e Pecuária, Mario Cadenas Madariaga. Ele disse que a Argentina "está disposta a fazer o esforço econômico necessário para aplicar parte de suas reservas na aquisição e formação de uma reserva nacional de trigo."

"Para defender o melhoramento dos preços internacionais do trigo" acrescentou — "estamos em reunião permanente com os representantes da Austrália, Canadá e Estados Unidos, com o objetivo de en-

contrar fórmulas e procedimentos que permitam constituir uma grande reserva internacional com os excedentes das últimas safras".

Madariaga explicou que "se obtivermos a participação dos principais exportadores e importadores do mundo, essa reserva contribuirá para o melhoramento dos preços e beneficiará os exportadores, numa primeira etapa". A Argentina colheu uma safra recorde de 11 milhões de toneladas de trigo no ano agrícola de 1976/77. No período de 1977/78, no entanto, calcula-se que a safra cairá para cerca de 7,5 milhões de toneladas.

AGRICULTURA BRASILEIRA FOI PROMOVIDA NOS EUA

O "Wall Street Journal", de Nova York, publicou quase uma página inteira de um artigo com o título "Agricultura: uma contribuição vital à industrialização brasileira", ao lado do mapa do Brasil com esta citação: This is Brazil today (Este é o Brasil hoje).

O artigo, que é assinado por Vivian E. Morgan, fala sobre as enormes realidades e promessas na agricultura brasileira, sem contudo, ignorar seus problemas. Depois de contar as conquistas da lavoura de soja no Brasil, o artigo refere-se aos custos dos transportes, a ausência de administradores habilitados, agrônomos e pessoal técnico em geral.

Morgan acentuou que o Brasil se transformou em pou-

co tempo no segundo maior exportador de produtos de soja, e a seu ver, isto é apenas um exemplo do que o futuro reserva para o país. Ele tornou-se ainda mais otimista quando disse que o Brasil está a caminho de transformar-se no segundo maior exportador de produtos agrícolas, tirando este lugar que é atualmente da França.

No final do artigo faz uma estimativa da terra arável no Brasil, situando em torno de 250 milhões de hectares, e que em 1976, apenas 57 milhões de hectares estavam sendo cultivados. "As exportações agrícolas continuarão sendo estimuladas pelos incentivos do governo à produção e a comercialização", concluiu, num claro convite aos investidores estrangeiros.

EM RECIFE I SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO COOPERATIVA



O Grupo nº 1, do qual foi relator o redator do COTRIJORNAL, constituído por representantes do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Ceará e Rio Grande do Sul.

A Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste (ASSOCENE) promoveu em Recife, de 10 a 12 de setembro, o I Seminário de Comunicação Cooperativa, tendo tomado parte cerca de 60 profissionais entre jornalistas e educadores rurais. O regime do Seminário, que foi de tempo integral, teve em vista um embasamento entre a comunicação e a educação a nível de mensagem constante e mais objetiva ao homem do campo e seus familiares, tendo sido dado destaque a comunicação em seus diversos estágios de informática global, com maior ênfase, porém, à comunicação e educação horizontal.

Foram coordenadores dos debates Ivan Anzuategui, técnico do setor de audiovisuais da ANCARPA/Paraná; Juan Diaz Bordenave, PhD em Comunicação Rural e técnico do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA) e Jorge Roberto Tavares de Lima, secretário-executivo da ASSOCENE.

Os trabalhos foram desenvolvidos em grupos, onde procurou-se estabelecer troca de experiências, tendo cada grupo um coordenador e um relator eleitos, para posterior exposição ao plenário. A soma dos resultados foi considerada boa, apesar da inexperiência da maioria dos participantes, o que se constituiu em fato natural em vista de se tratar do primeiro encontro do gênero, no País.

As conclusões do Seminário clamam por uma maior conscientização da importância da comunicação por parte das direções das cooperativas, e por extensão, também uma maior conscientização do público em geral para os valores do cooperativismo em benefício da sociedade como um todo.

O Seminário serviu como uma espécie de análise do que se faz no País atualmente nas áreas da comunicação e educação, tendo sido possível visualizar os avanços no setor em algumas regiões do País, principalmente no Centro-Sul, o quase desinteresse motivado pelo desconhecimento da importância da comunicação, em outras áreas do País. Como conclusão, tem-se que a importância dada à comunicação e a educação a nível rural-cooperativista, está na razão direta do crescimento do cooperativismo como sistema sócio-econômico válido.

A coordenação geral dos trabalhos esteve a cargo de Marconi Oliveira da Silva, Malaquias Ancelmo de Oliveira e Raquel Reis Canib, com coordenação técnica de Carlos José Mendonça de Souza, Alexandre José Costa Lima e José Mário Austregésilo.

O II Seminário de Comunicação Cooperativa, num prazo máximo de dois anos, deverá realizar-se no Rio de Janeiro ou no Rio Grande do Sul, segundo proposições apresentadas e votadas pelo plenário. Caso seja escolhido o Rio Grande do Sul, ficou estabelecido que a cidade que sediará o Seminário será Ijuí.

A IMPRENSA COOPERATIVA DESTACADA EM FORTALEZA

Jornais e revistas de cooperativas do Rio Grande do Sul foram expostos em estande especial no salão de Convenções, do VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, em Fortaleza, despertando a curiosidade de convencionais de todo o País e do grande público que durante 4 dias circulou pelo local.

A instalação do estande foi uma iniciativa da FECO-

TRIGO, que contou com a participação da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre e Fundação da Produtividade, de Carazinho.

O estande foi visitado e elogiado pelo ministro da Agricultura, sr. Alysso Paulinelli, que viu expostos o "Coojornal", a revista "Agricultura & Cooperativismo", da FECO-

TRIGO; "O Interior", de Carazinho; "O Cotrijornal", de Ijuí e o "Eco", de Santa Rosa.

Além dos jornais, que venderam assinaturas para elevado número de interessados, foi vendido o livro "Crédito Rural para Cooperativas", de autoria de Mário Krueh Guimarães e Antonio Luiz Matias da Cunha, editado pela FECOTRIGO.

RÁDIO REPÓRTER EM NOVAS INSTALAÇÕES

No dia 14 de setembro, com a presença do ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, do vice-governador, Amaral de Souza e inúmeras autoridades, a Rádio Repórter, de propriedade do atual prefeito de Ijuí, Wilson Mânica, inaugurou suas novas instalações que abriga 50.000 m² de área, junto a BR-285.

Ali está localizado um prédio de 612m², com 20 salas onde estão distribuídas as reda-

ções, estúdio, discoteca, administração, recepção e lancheria. Outro prédio abriga a central elétrica, com geradores de energia e um depósito de material. E por fim um prédio onde estão localizados os transmissores Philips, um titular de 5.000 watts, e outro de reserva de 1.000/2.500 watts. Em volta de todos os prédios, as áreas estão arborizadas com mais de 3 mil árvores ornamentais e frutíferas.

A Rádio Repórter, fundada em 10 de abril de 1950, se constitui hoje, uma das emisoras mais potentes (5.000 watts) da região e do interior do Rio Grande do Sul.

SARGS DÁ VOTO DE LOUVOR AO "COTRIJORNAL"

Em correspondência datada de 1º de setembro e assinada pelo eng. agr. Enildo Diniz Caldeira, a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul comunicou Voto de Reconhecimento ao COTRIJORNAL.

É a seguinte a íntegra da correspondência:

Sr. Jornalista Raul Quevedo. Ao término de nossa gestão na presidência desta entidade de Classe, cumprimos, pela presente, informá-lo o que segue:

Em assembléia geral extraordinária realizada a 12 de agosto findo, foi aprovada por unanimidade e por proposição da diretoria-executiva que finda o mandato, um voto de reconhecimento ao COTRIJORNAL pela cobertura dada às nossas atividades e promoções.

Assim pois, dirigimo-nos a V.S. para comunicá-lo aquele voto, pedindo que o transmita aos ilustres colaboradores. Sendo o que se oferecia para o momento, externamos-lhe nosso mais alto respeito e admiração. Eng. agr. Enildo Diniz Caldeira, presidente.

CORREIO DO POVO: 82º ANIVERSÁRIO

Completo 82 anos de circulação o "Correio do Povo" órgão líder da Companhia Jornalística Caldas Júnior, a 1ª do corrente.

Fundado por Caldas Júnior a 1º de outubro de 1895 e hoje dirigido por seu filho, o dr. Breno Caldas, o jornal estabeleceu em torno de si uma aureola de respeitabilidade merecida da responsabilidade

com que costuma apresentar os fatos que veicula.

Conforme ocorre em todos os anos, o circunspecto jornal vem sendo alvo de inúmeras homenagens por parte de autoridades, classes empresariais e leitores em geral, a qual se soma este registro do COTRIJORNAL.

ELEIÇÃO NA ABERJE

A Associação Brasileira de Editores de Jornais da Empresa - ABERJE - elegeu nova diretoria e conselhos fiscal e de ética, em assembléia realizada a 30 de julho. A jornalista Elisa Vannuccini, que exerce atividades profissionais na empresa Ciba-Geigy, eleita, substituiu na presidência da ABERJE ao jornalista Nilo Lucchetti, da Pirelli, que na nova diretoria ocupa a 1ª vice-presidência, tendo ficado na 2ª vice-presidência Luiz Henrique de Miranda, da ASEA Industrial, todos na foto.



O GAÚCHO

Segundo JOÃO DO SUL

Os ventos temperados com a maresia de todos os oceanos sopraram-lhe a pele áspera, dando-lhe a tonalidade rara de somar cores e matizes diversos.

Da Ibéria máscula da Castela, Granada, Sevilha ou Aragão, herdou o porte altivo, o tom sobranceiro, a voz de comando e o espírito aberto à aventuras bélicas e amorosas. Do Minho, do Alentejo, do D'Ouro, da Beira, veio-lhe o espírito cavalheiresco e humano, a tendência contemporizadora e o gesto paternalista e amigo, característica do povo lusitano; manifestação cristalina do seu temperamento onde quer que tenha arriado o velame de suas galeras a partir dos anos quinhentistas.

A essa mescla vinda do além mar, foi acrescentado um plasma novo: o aborígine pampeiro, taura de luta e de fé, maior do que todos os homens, quase igual a Tupã... Próximo a Deus.

Assim nasceu uma estirpe rara. Ela carrega no sangue o vírus de todas as raças: Trácios, Celtas, Tartéssios, Lígures, Celtíberos, Fenícios, Gregos, Cartagineses, Visigodos, Romanos, Muçulmanos, moldaram-lhe o físico e marcaram-lhe o caráter com todas as virtudes e os defeitos naturais ao ser humano. Esta raça é a gaúcha.

Temperada ao sopro gelado do minuano, mas aquecida pelo sol equatorial, a terra gaúcha simboliza o melhor solo do Universo. Seus campos desaparecem na imensidão das lonjuras onde pasteja a gadaria pachorrenta. Pampas, baios, pretos, barrocos, oscos, brancos, vermelhos; dão um colorido à paisagem que é somente quebrado pela tonalidade do sol, quando tomba no horizonte.

Os quero-queos zigzagueiam no espaço, formando círculos em planos inclinados. Atrás, fica a impressão de figuras geométricas desenhadas, que permanecem visíveis ao olhar atento do viajante. Os rios cortam as planícies e se precipitam pelos lajedos, formando cascatas que se arremessam com estrondo pelos socavões dos pedregais abertos chão adentro.

Nas épocas de chuva (agosto e setembro), os rios transbordam seus leitos, jorrando água a campo-fora e transformando as planícies ribeirinhas em rios caudalosos e violentos.

Mas ao passarem as enxurradas, quando os rios retornam aos seus leitos, chega a primavera. Os campos rebrotam de verde e as árvores florescem numa ardentia multicolor.

E o gaúcho, esse Ciclope de braço rijo e alma branda, que hoje labora na paz, olha o mundo orgulhoso do seu próprio mundo, o universo do Rio Grande de São Pedro do Sul.



BLAU NUNES, O TAPEJARA

J. Simões LOPES NETO

Blau Nunes e Romualdo são os personagens mais característicos de Simões Lopes Neto. Ambos destemidos, arruaceiros, debochados, mas diferentes no essencial. Romualdo, por mentiroso, assemelha-se a um Barão de Münchhausen, segundo o dizer de Guilhermino Cesar. Já o gaúcho Blau, pela larguesa de espírito, pelas tiradas romanescas e pela ação audaz e aventureira é apenas um gaúcho taura (o que parece não ser pouco).

Vejamos Blau Nunes, o vaqueano Tapejara, na apresentação de seu criador, o magistral pelotense Simões Lopes Neto, o popular João do Sul, na verdade um hino de amor dedicado ao Rio Grande.

Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano.

Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso zigzague. Já senti a ardentia das areias desoladas do litoral; já me recrei nas encantadoras ilhas da Lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi malme-queres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicui; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em S. Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupacretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos

onde repousou a mãe de Deus.

— Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranquila na encosta da serra, emergindo do verde-negro da montanha copada o casario, branco, como um fantástico algodão em explosão de casulos.

— Subi aos extremos do Passo Fundo, deambulei para os cumes da Lagoa Vermelha, retrovim para a merencória Solidade, flor do deserto, alma risonha no silêncio dos ecos do mundo; cortei um formigueiro humano na zona colonial.

— Da digressão longa e demorada, feita em etapas de datas diferentes, estes olhos trazem ainda a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da iberdade, da hospitalidade.

— Vi a colmeia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas; vi a serra, os rios, a campina e as cidades; e dos rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo, estes olhos, pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo da luz, a impressão da visão sublimada e consoladora; e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz.

E, por circunstâncias de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquistado tapejara Blau Nunes, desempenado arca-

buço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de furriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.

Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco ceroso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...

Genuino tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

E, do trotar sobre tantíssimos rumos; das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das cousas que ele compreendia e das que eram-lhe vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões da morte e das eclosões da vida, entre o Blau — moço, militar — e o Blau — velho, paisano —, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações — casos, dizia —, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.

Querido índio velho!
Saúdoso Blau!

SANTO ÂNGELO VIVEU O CULTUR-FOLCLORE

De 28 de setembro a 2 de outubro, o município de Santo Ângelo, onde estão localizadas as Ruínas de São Miguel, viveu intensa programação cultural na área nativista, dentro da primeira etapa do Projeto Cultur, uma promoção da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

Aberto oficialmente no auditório do Colégio Verzeri, com a presença do prefeito Carlos Wilson Schroeder, de Santo Ângelo e autoridades de todas as áreas, mais o secretário do Turismo, Mário Bernardino Ramos e o representante do DAC-SEC, jornalista Paulo Amorim, um bom público passou a prestigiar a programação, principalmente estudantes e

alunos das escolas santo-angelenses. No dia da abertura, a conferência intitulada "Importância do Folclore no Desenvolvimento do Turismo", foi proferida por Zilda Moreira Rangel, presidente do Conselho de Folclore e Artesanato da Comissão Estadual de Artes e Ciências Humanas da Secretaria de Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo.

Nos dias que se seguiram falaram o professor Dante de Laytano, que abordou o tema, o Índio no Legado do Folclore Luso-Brasileiro no Rio Grande do Sul; Mário Ipiranga Monteiro, professor de Antropologia, História, Geografia, Folclore e Literatura da Universidade do

Amazonas, que abordou o tema "Danças Folclóricas do Amazonas". O professor Mozart Pereira Soares, de Porto Alegre, desenvolveu o tema, Missões Jesuíticas: Milagre de Acluturação. O professor paraense Napoleão Figueiredo fez conferência sobre, Rezadores, Pajés e Puçangas, e o professor Galagerri, do Uruguai fez a conferência intitulada, A Viagem do Gaúcho na Banda Oriental: O Gaúcho já Morreu?

As conferências foram realizadas no salão paroquial da Igreja Metodista e os espetáculos artísticos foram apresentados ao ar livre, na praça Pinheiro Machado, em frente a Catedral de Santo Ângelo.

ÍNDIO SEATHL RELEMBRADO EM HOMENAGEM AO DIA DA ÁRVORE

Transcorreu mais um dia consagrado à árvore. Manchete de jornais, chamamentos pelo rádio e televisão, além de pronunciamentos de autoridades e professores procurou despertar a atenção do grande público para a triste realidade: o homem nunca foi tão voraz e predatório em relação à destruição crescente e paulatina de seu habitat. O homem age como verdadeira hecatombe sobre o meio-ambiente, devastando diretamente o que pode devastar e omitindo-se na preservação de outros meios ambientais que, se desejasse, poderia salvar.

Essa é a triste situação do Brasil em fins de 1977. Destruição da mata amazônica de maneira irracional, a existência de menos de 8 por cento de cobertura florestal no estado de São Paulo e pouco mais de

3 por cento no Rio Grande do Sul.

Nos demais estados, com exceção da Amazônia (por enquanto) a situação não é muito diferente. Em face desse estado de coisas, parece-nos ser útil a republicação da Carta do chefe índio Seathl endereçada ao presidente Franklin Pierce, dos Estados Unidos, no ano de 1855, já publicada no Cotrijornal na edição de abril de 1975. Eis o seu texto:

"O Grande Chefe de Washington envia palavras manifestando desejos de comprar nossa terra. O Grande Chefe também nos envia palavras de amizade e boa-vontade. Gentileza dele, pois sabemos que necessita um pouco de nossa amizade. Vamos considerar sua oferta, já que se não fizermos assim o homem branco poderá vir com armas e tomar nossa terra. O Grande Chefe de Washington

pode contar como certo o que o Cacique Seathl diz, assim como nossos irmãos contam como certo o ciclo das estações. Minhas palavras são como as estrelas — elas se fixam.

Como pode alguém comprar e vender o céu, o calor da terra? É uma idéia estranha para nós. Porque não possuímos a frescura do ar ou o brilho da água. Como Grande Chefe pode querer comprá-los de nós? Decidiremos por nossa vez. Cada parte de nossa terra é sagrada para meu povo. Cada copa brilhante de um pinheiro, cada praia arenosa, cada névoa dos bosques escuros, cada inseto luminoso é santo na memória e na experiência de meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Para ele, um pedaço de terra é igual ao seguinte, porque ele é um estranho que

chega de noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga e após tê-la conquistado ele vai embora. Ele abandona a sepultura de seus pais, e não se preocupa. Ele rouba a terra de seus filhos. E não se preocupa. As sepulturas de seus pais e os direitos naturais de seus filhos são esquecidos. Seu apetite devorará a terra e deixará atrás de si um deserto. A visão de suas cidades castiga os olhos do homem vermelho. Mas talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem, e não entende.

Não há lugares calmos nas cidades dos homens brancos. Nenhum lugar para se ouvir as folhas da primavera ou o ruído das asas dos insetos. Talvez eu seja um selvagem e não compreenda — mas o barulho apenas insulta meus ouvidos. E o que é a vida lá, se um homem não pode ouvir o belo canto do rouxinol ou as conversas noturnas dos sapos em volta do Lago?

O índio prefere o som suave do vento escorrendo na face da lagôa, o cheiro do vento lavado por uma chuva de meio-dia e perfumado pelos pi-

nheiros. O ar é precioso para o homem vermelho. Todas as coisas repartem o mesmo ar: os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não levar em conta o ar que respira. Como um homem morrendo há muitos dias, ele está entorpecido para o perfume.

Se eu decidir aceitar, darei uma condição. O homem branco tem que tratar os animais desta terra como irmãos. Sou um selvagem e não compreendo nenhuma outra atitude. Tenho visto milhares de búfalos apodrecendo na pradaria, mortos pelos brancos que passam num trem em disparada. Sou um selvagem e não compreendo como os fumegantes cavalos de aço podem ser mais importantes que os búfalos que matamos somente para permanecermos vivos. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais desaparecessem, o homem morreria de grande solidão de espírito, porque seja o que for que aconteça aos animais, acontecerá também ao homem. Todas as coisas estão ligadas. O que suceder com a terra, sucederá também com os filhos da terra".

RECURSOS DA TERRA SE ESGOTAM

O livro "População, Recursos e Ambiente", do americano Paul Nernich, faz uma previsão preocupante da existência dos recursos naturais da Terra. Segundo o autor, se a água potável vier a faltar, outros recursos naturais já tem um tempo certo e definido para se esgotarem. Assim, o chumbo já foi esgotado nos EUA e em 1984 deverá terminar a reserva do globo. O ferro não mais existirá no ano 2.300 e como ele o níquel, o cobalto, o urânio e o cobre. O já tão falado petróleo tem seu fim marcado para o ano 2.000.

Nos Estados Unidos, conforme o livro, terminaram também as reservas de platina, ouro e prata. No globo, estes metais deixarão de existir em 1980.

NATUREZA EM REVISTA

A Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul está editando um periódico, com circulação semestral, intitulado "Natureza em Revista".

Conforme diz no editorial de apresentação do segundo número, "Natureza em Revista" ressalta que a tecnologia proporcionou ao homem moderno condições de trabalho, que até então o próprio homem desconhecia. Mas essa mesma tecnologia, quando usada inadequadamente, pode vir a trazer consequências catastróficas para o meio ambiente natural.

Então — ressalta a revista — o desafio do mundo contemporâneo é fazer com que o homem compreenda que a sua presença na Terra está ligada à inteligência de conseguir discernir entre o desenvolvimento e a preservação da natureza, fazendo com que os dois elementos se compatibilizem. O problema não deve ser colocado em termos de alternativas, mas sim de capacidade para permitir a evolução e o desenvolvimento, sem que este represente uma violação da natureza e do próprio homem.

FOLCLORISTA LUTA PELA ECOLOGIA

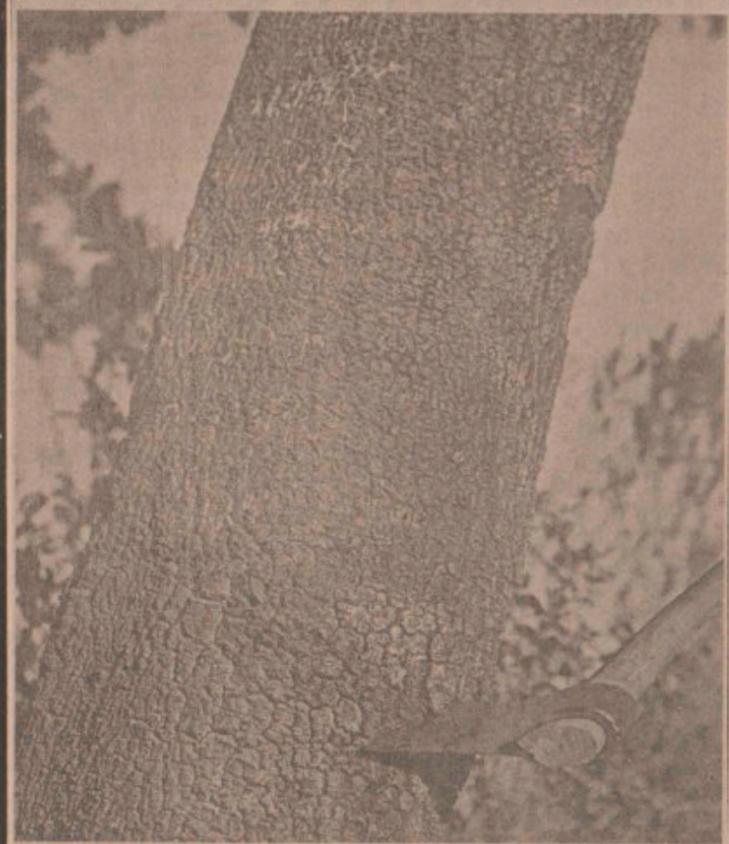
Em São Paulo, tendo por local as vitrinas da famosa Livraria Teixeira, na rua Marconi, a folclorista e defensora da natureza, professora Laura Della Mônica, promoveu no final de setembro uma exposição em prol da preservação dos valores da natureza.

A professora paulista, que em anos anteriores usava as vitrinas da conhecida Casa de Livros para expor assuntos do folclore, através de correspondência que teve a gentileza de endereçar a este jornal, comunicou que este ano optou pela ecologia, como motivo de sua exposição anual.

Na correspondência enviada, Laura Della Mônica solicitou-nos trabalhos sobre ecologia publicados no COTRIJORNAL bem como o Decreto-Lei do Governo do Estado que instituiu o ano de 1977 como o Ano da Árvore.

Esta Seção sente-se feliz com a importante opção tomada pela intelectual paulistana, que preferiu o folclore, sem dúvida também importante, e que é matéria de sua especialidade inclusive didática, para dar sua contribuição à luta pela preservação da natureza.

ISTO AINDA VAI DOER MUITO NO SEU FILHO



Defenda a Natureza

SECRETARIA ESTADUAL DA SAÚDE

CONHEÇA UM POUCO DO AGRESTE CEARÁ



Margeando as extensas orlas costeiras, as palmeiras dão um colorido especial ao Nordeste, com suas formas retorcidas e projetadas em ângulos as vezes quase horizontais.

Os etnologistas não chegaram a uma conclusão definitiva sobre a origem da palavra Ceará. Diz João Brígido, que antigamente não se escrevia Ceará nem Ciará, mas Siará (com S), e assim realmente se encontra esta palavra nos antigos manuscritos da Capitania.

O Ceará da ortografia atual, acrescenta o mesmo historiador, vem de uma corruptela que aos poucos deturpou a palavra tupi, "Ciri-Ará". Ciri, na língua guarani, quer dizer "andar para trás (carangueijo)", e Ará significa branco, claro, alvacentos.

A verdade é que a origem do pequeno rio (arroio) que corre ao ocidente de Fortaleza e que deu o nome à Província, continua sendo uma incógnita. José de Alencar, cearense de Messejana, que se localiza nos arredores de Fortaleza, profun-

do conhecedor do idioma tupi, diz que a palavra Siará significa "onde canta a Jandaia". Mas Capistrano de Abreu afirma que a palavra se originou da aglutinação das palavras indígenas dzú (água), cuja pronúncia em português teria dado Siara (grafia primitiva) ou Ciará, que quer dizer água ou rio verde.

Já o etnologista Mendes Júnior explica que a palavra Ceará encerra a idéia de seca periódica e mesmo a moléstia e febre causada pelo calor. No entanto, para o escritor cearense Antonio Bezerra, a palavra Ceará originou-se por semelhança do nome Saara — o maior deserto do mundo, localizado na África — nome que teria sido dado pelos primitivos povoadores à vista das inumeráveis dunas que orlam as alvíssimas praias cearenses.

AS PRIMEIRAS LUTAS E O NASCIMENTO DA CAPITANIA

Conta o escritor Filgueira Sampaio, que quando Dom João III dividiu o Brasil em capitânicas hereditárias em 1534, coube o território do Ceará a Antonio Cardoso de Barros. Mas que este não fez nenhuma tentativa no sentido de colonizá-lo.

Em 1539 naufragou nos baixios maranhenses a expedição de Luis Melo da Silva, que viera ao Brasil tentar a colonização do lote de terras doado a Antonio Cardoso de Barros.

No decorrer do século XVI a capitania permaneceu em completo abandono, ainda segundo narra o escritor Filgueira Sampaio. Devido a esse abandono, corsários e comerciantes clandestinos começaram a aparecer tentando negócios com as tribos que dominavam o litoral e a vasta região do Ibiapaba.

Navegantes franceses, valendo-se da ingenuidade dos indígenas, não só praticavam comércio ilícito de pau-Brasil, como saqueavam e matavam os naturais que tentavam lhes opor resistência.

Ao findar o século XVI, apenas a faixa litorânea e a zona do Ibiapaba eram conhecidas. Quando o Ceará entrou oficialmente para a história do Brasil, em 1603, por força do Tratado de Tordesilhas, este encontrava-se sob domínio da Espanha.

Mas nesse mesmo ano de 1603, Pero Coelho de Souza, desbravador ousado, conforme a maioria dos autores, requereu e obteve da Corte, por intermédio de Diogo de Botelho, 8º governador-geral do Brasil, o título de capitão-mor e os privilégios para desbravar e colonizar a capitania do Siará Grande.

Com 65 soldados brancos e 200 índios guerreiros, ocupou o território com quartel localizado na embocadura do rio Siará, até então denominado Pirangi, pelos nativos. Após longo período de lutas Pero Coelho ergueu um pequeno forte a que deu o nome de São Tiago. E o arraial em torno do forte recebeu o nome de Nova Lisboa.

A CONQUISTA EFETIVA DA CAPITANIA DO CEARÁ

Mas Nova Lisboa não prosperou, apesar dos esforços de Pero Coelho. Em 1612, Diogo de Mendonça Furtado, 9º governador-geral do Brasil, resolveu realizar, definitivamente, a colonização do Ceará. A missão foi confiada ao jovem Martin Soares Moreno, já conhecedor da região, pois acompanhara (1603-1606) a expedição de Pero Coelho.

No dia 20 de janeiro de 1612 Soares Moreno desembarcou na barra do Ceará. Logo construiu um fortim de madeira e taipa, a que deu o nome de São Sebastião, numa homenagem ao santo do dia, como era usual na época. Ao lado do fortim construiu uma capelinha, sob a invocação de N. Senhora do Amparo.

O baluarte de S. Sebastião foi edificado no mesmo local onde se erguera, anos antes, a fortificação de S. Tiago, na sonhada Nova Lisboa do capitão-mor Pero Coelho de Souza.

Mas o fortim também não resistiria. Os holandeses, que por volta de 1637 estavam de posse de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, promoveram expedição arrasadora sobre S. Sebastião. Mas em 1644 houve insurreição geral dos índios contra os holandeses, que destruíram o forte matando todos os holandeses, inclusive seu comandante Gedion Morris.

Os holandeses voltaram ao Ceará em 1649 sob as ordens de Mathias Beck, que trazia novos planos de conquistas. No dia 3 de abril os invasores desembarcaram na enseada do Mucuripe e foram se estabelecer à margem esquerda do riacho Marajaitiba, mais tarde denominado Telha e depois Pajeú. No dia 10 de abril o engenheiro holandês Ricardo Caar iniciou a construção de um forte que tomou o nome de Schoonenborch, em homenagem ao então governador holandês de Pernambuco. Foi em torno do forte Schoonenborch que Fortaleza nasceu e prosperou, rebatizada para Fortaleza de N. S. de Assunção, tão logo passou para o domínio português.



A TERRA ILUMINADA DE IRACEMA

No dizer de Viriato Correia, o Ceará é a mais brasileira das terras brasileiras. O Ceará é a terra iluminada de Iracema. Tudo o que lá está é nosso; tudo o que lá vive é profundamente nacional.

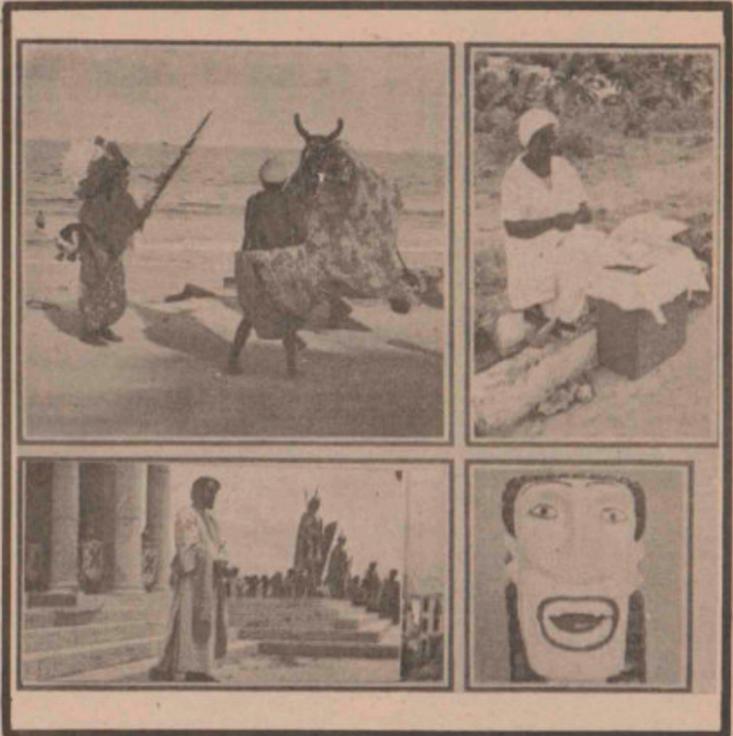
Há enraizada no mais fundo da alma cearense, toda uma manifestação cultural que caminha com as gerações, através do folclore. Seus topônimos, seus folguedos, sua comida, tudo lembra folclore através dos nomes pomposos que lembra santos e guerreiros, ou na simples e ritimada poesia dos nomes locais.

Crato, Juazeiro, Maranguape, Caucaia, Guaramiranga, Crateús, Canindé, Messajana (a terra de José de Alencar), Sobral, Trairi, Itapipoca, Tianguá, Itapajé, Paracurú, Ibiapina, Riutaba, Quixadá, Crato. Pode haver topônimos mais bonitos do que esses?

E os nomes das comidas típicas cearenses? Macaxeira, tapioca, munguzá, cuzcuz, carimã, paçocas, pirões e os camarões gigantes e lagostas de provocar guerra com a França...

E em meio ao povo, nas ruas centrais de Fortaleza, os cantadores entoam violas e trocam repentes. As bandas cabaiçais ritimam alegria e os pregões cantam os preços da tapioca, do beiju e outras iguarias comuns no Ceará. E mais as vaquejadas, as quermesses, as festas juninas autênticas, os termos de reis, o bumba-meu-boi, as malhações de judas, as novenas, o baião a dois.

Tudo isso torna o Ceará e mais especialmente Fortaleza, numa terra alegre e descontraída, que a gente ama a primeira vista, ao primeiro contato. Tinha razão Viriato Correia, ao qualificar o Ceará como o mais brasileiro dos Estados.



RECIFE É UM MISTO DE HISTÓRIA E LIRISMO

Basta o visitante aproximar-se do Recife para viver esse encantamento, misto de real e irreal, de concretismo e fantasia. Pernambuco pode ser para o visitante um encontro no sentido da arte, da vida, enfim, de descobertas. Quem se aproxima do Recife sente isso. Quando menos se espera há um rio passando, as vezes esguio como se existisse sutilmente com uma única função: a de espelhar a paisagem...

Prédios de mais de duzentos anos, igrejas tricentenárias, douradas a ouro puro — a Capela Dourada de São Francisco, por exemplo — e monumentos formando conjuntos arquitetônicos do período colonial. E as praias. São tantas que por pouco não fizeram de Recife e Olinda uma ilha.

E o povo então. Parece que todo o mundo é artista. Faz artesanato, pinta, escreve poemas, compõe, canta, dança. A literatura de cordel, a gravura popular, os ex-votos, os ingênuos, os eruditos, que tão bem e espontaneamente traduzem os sentimentos, os costumes, enfim, toda a riqueza cultural de Pernambuco. E tem os folguedos como o bumba-meu-boi, o pastoril, a ciranda, o côco, o xangô, numa inumerável variedade de passos e ritmos verdadeiramente encantadores. E tem o frevo, o maracatu, as troças, as alegorias que tomam de assalto, principalmente nos fins-de-semana, as praias da Boa Viagem, Candeias, Pieda-

de, Milagres, Itamaracá, Casa Caiada, Maria Farinha, Coroa Grande, Porto da Galinha, Barra de Sirinhaém (atentem para a beleza dos nomes) e outras.

Quase todas as cidades do interior pernambucano diferenciam-se através de particularidades. Tem-se as de microclima — Guaranhús, Triunfo, Gravatá, Taquaritinga do Norte; por sua arquitetura: Olinda, Ipojuca, Igarassú; Nova Jerusalém, onde se localiza o maior teatro ao ar livre do mundo. Anualmente, na Semana Santa, é encenada a Via Crucis, onde adquire um realismo fora do comum, pois a cidade inteira é um imenso teatro.



MONUMENTOS DE OLINDA

Para um País como o nosso, onde praticamente deixou de existir a chamada "memória visual", a existência de Olinda é uma consagração histórica. O visitante entra em Olinda e é como se penetrasse numa espécie de "túnel do tempo", regride pelo menos duzentos anos na história do País.

São igrejas e conventos no mais puro estilo colonial, que se conservam a despeito do rigor dos anos, anos que se contam por séculos. Palácios imponentes

com ameias e seteiras que lembram as fortificações européias da Idade Média, lado a lado com modestos sobrados e até pequeninas casas de meia água, mas tudo tombado pelo Patrimônio Histórico e Geográfico Brasileiro, que está restaurando a cidade histórica de Olinda, verdadeiro patrimônio cultural que devemos preservar como museu ao ar livre para as gerações vindouras.

Em Olinda estão localizadas as mais antigas igrejas brasileiras. A Igreja e convento de Santa Teresa, um belo conjunto arquitetônico de arte barroca, que é de 1645. Sua construção representa um voto de João Fernandes Vieira à Nossa Senhora do Desterro, pela vitória alcançada no Monte das Taboas, em Vitória de Santo Antão, contra os holandeses, quando comandou as forças da restauração pernambucana.

Nesse mesmo ano de 1645 houve uma grande seca em Pernambuco, ao mesmo tempo que grassou a terrível doença da cólera-morbus, fazendo centenas de mortos. Fernandes Vieira, que era governador, ordenou que se fizesse uma procissão em honra a São Sebastião para debelar a peste. A história não registra se a procissão reduziu a tragédia. O que se sabe é que foi construída uma igreja tendo como patrono São Sebastião.

Outras igrejas e conventos importantes de Olinda, cidade com cerca de 200 mil habitantes, são: a Capelinha dos Milagres, Igreja do Bom Fim, N. S. do Carmo, Convento de N. S. das Neves, Colégio dos Jesuítas e Seminário de Olinda, Igreja da Sé, Palácio dos Bispos, Convento da Conceição, Igreja da Misericórdia, Igreja do Amparo, Igreja do Rosário dos Pretos e Igreja de São João, Mosteiro de São Bento e as igrejas de Boa Hora e de Sant'Ana do Rio Doce. Além de igrejas e conventos, dezenas de outros monumentos e pontos históricos fazem de Olinda um imenso museu.



Um espetáculo tradicional em Olinda é a história da cidade "cantada" pelos moleques da rua.

BELÉM, CAPITAL DA SELVA



Vista parcial de Belém. Foto "Carta da Amazônia". Aparece ao centro a doca do famoso Mercado do Ver-o-Peso.

Por mar ou por terra, Belém é a porta de entrada da Amazônia. Por isso, Belém é chamada a capital da "jungle"; a metrópole do paraíso verde. E a COTRIJUI, que já opera na região de Altamira preparando-se para colonizar 400 mil hectares ao longo da Transamazônica, também está chegando em Belém. Sua subsidiária, a COTRIEXPORT, está instalando escritório em ponto central da bonita capital paraense.

As perspectivas de negócios em Belém são amplas e a COTRIEXPORT saberá aproveitar todas as boas oportunidades nesse campo, no devido tempo. No entanto, esta reportagem não fala de negócios, mas de turismo, pois nós desejamos que você comece a conhecer Belém.

Aproveitamos textos da revista "Carta do Pará", uma publicação do Banco da Amazônia, onde é destacado o lado turístico da grande cidade do delta do Amazonas, para dar maior divulgação.

Belém possui mais de 800 mil habitantes. É uma cidade de quase 400 anos, com sua cultura e suas tradições. Museus, bibliotecas, universidade, monumentos,

igrejas, palácios, uma arquitetura que emerge do barroco e do colonial para chegar às concepções mais recentes e arrojadas. Hospitais sincronizados com os últimos avanços da medicina. Hotéis de classe internacional. Teatros, cinemas, emissoras de rádio e televisão, clubes, restaurantes, bares, boates movimentando a vida noturna. A cozinha paraense de sabor ameríndio. Sua música, seus ritmos elementares. Feiras típicas. Arte popular. Um comércio onde nada falta e que se multiplica pelos bairros inúmeros. Uma indústria que se expande na orla da cidade. Largas avenidas, belamente arborizadas. Praias, rios, igarapés — a cidade penetra a natureza, a natureza penetra a cidade. Belém do Pará é a única cidade do mundo cuja arborização foi feita e se conserva sendo feita de mangueiras, imensos túneis verdes que lhe cobrem as ruas e suas muitas praças.

E tem o Bosque Rodrigues Alves, onde foi plantada uma mini-Amazônia. E o Museu paraense Emilio Goeldi, de fama internacional. E o ver-o-peso, com suas embarcações multicoloridas. E a feira de todas as frutas que a selva produz. E tem açaí. E tem pupunha. E tem

cupu-açu. E tem bacuri. E tem cheiro gostoso das ervas selvagens. E tem o Palácio Lauro Sodré, belo no seu interior, com uma pinacoteca digna dos melhores museus. E tem o Palácio Antonio Lemos, também com expressiva pinacoteca, onde o quadro de De Angelis — a morte de Carlos Gomes — é de uma rara beleza visual. E o "campus" da Universidade do Pará, às margens do rio Guamá. E as igrejas seculares, como a de Santo Alexandre, a Catedral da Sé, a Basílica de Nazaré, a das Mercês, a de Santana. E se o visitante chegar nos primeiros dias de outubro, terá oportunidade de conhecer a maior festa religiosa do Brasil: o Cirio de Nazaré.

Belém é tudo isso e algo mais que só vendo-a para conhecê-la. É lugar onde se respira ar puro, onde o verão nunca termina (apesar das chuvas) e o calor é gostoso (a temperatura média anual é de 26° C). Belém, onde a chuva cai torrencial e famosa, e dez minutos depois dá lugar a um céu de após-banho, luminoso e incrivelmente azul.

É hora de programar Belém para suas férias ou para simples visita.

AGRICULTORES GAÚCHOS VIAJARAM PELO BRASIL

No período de 05 a 16 de setembro, 27 agricultores associados da COTRIJUI, e cinco funcionários da cooperativa, realizaram excursão a diversas

capitais do país, numa viagem de caráter educativo e que ao mesmo tempo permitiu aos participantes conhecer a região do município de Altamira, no

Estado do Pará, onde está sendo implantado o projeto de colonização da COTRIJUI. A exemplo da viagem de estudos feita aos Estados Unidos em

setembro/outubro de 1974, também na recente excursão de produtores gaúchos pelo Brasil a organização do roteiro proposto e a orientação

coube a Turismo Bradesco. Durante aqueles dias, o agricultor deixou de lado as preocupações cotidianas como cotação da soja e lavoura de trigo.



Associados da COTRIJUI ouvem falar da região de Altamira. Dos lá radicados, são vistos os srs. Hélio Nicaretta, Trevisan, Leônico Miranda e Joel Azambuja, naturais desta região.

ROTEIRO - EXTENSÃO TERRITORIAL

Porto Alegre foi ponto de partida para as muitas viagens aéreas cumpridas pelo grupo, nos 12 dias de duração da excursão. As visitas se estenderam, pela ordem, no Rio de Janeiro, ao Pão de Açúcar, Corcovado e praias; Brasília, no Distrito Federal, com a cidade engalanada em vista das comemorações alusivas ao aniversário da proclamação da independência do Brasil; Salvador, a capital da boa terra, Bahia, com suas basilicas, terreiros, praias e capoeira, sem faltar o vatapá; Fortaleza, mais a frente, a capital do Ceará, o mais nordestino dos estados nordestinos, onde as belas praias confrontam com a aridez de um solo que só pelo esforço e apêgo de seus filhos produz o necessário. A excursão incluiu também Belém do Pará, agora colorida e movimentada na festa do Círio de Nazaré, cuja procissão chega a mobilizar 400 mil pessoas, e a Manaus da Zona Franca, bela capital do Amazonas, que chama atenção pelos fenômenos que a cercam, como o encontro das águas dos rios Negro e Solimões, as populações ribeirinhas e os costumes decorrentes da tradição. Em capítulo à parte, nos ocuparemos da viagem à região de Altamira-Itaituba.

Ainda da parte turístico-educativa da excursão há a destacar o atendimento que as empresas, sejam estatais ou de iniciativa privada, vem dando ao turista. Decorrência ou não da exigência de um depósito compulsório para viagens ao exterior, a verdade é que hoje o

brasileiro se desperta para a realidade de seu próprio país, e em consequência começa a receber um tratamento também a altura. Com raras exceções, talvez pelo alto gabarito que os hotéis queiram imprimir ao atendimento, este chega a ser confuso. Muitas trocas de contas entre diferentes apartamentos, chamadas telefônicas também invertidas, etc. Mas, repetimos, na viagem feita, isto constituiu exceção. No geral, o bom senso impera proporcionando ao turista às vezes cansado, uma rápida passagem pela recepção, ficando a parte burocrática ao encargo dos funcionários.

Junto à isso, importante é citar que a viagem dentro das características que a envolveram, deu aos participantes uma visão melhorada da extensão territorial do Brasil, do seu litoral ao mesmo tempo rico e com problemas, o que em parte explica a preocupação da COTRIJUI, em descentralizar de tal forma os seus serviços para modificar para melhor o quadro da produção no norte do país.

CACAU, PIMENTA E SELVA JUNTOS

Para quem já conhece, a região Amazônica ainda oferece surpresas. No caso do grupo de agricultores, elas foram ainda maiores, porque ninguém havia estado na área a ser colonizada. Então, foi possível observar muito próximo a árvores colossais, plantações de cacau já em adiantada produção, naquilo que poderíamos chamar de uma excelente consorciação. Isso afasta o temor do desmatamento irracional e exagerado, pois o cacau sem-

pre precisa de sombra. Junto a essa cultura, as mais tradicionais e aclimatadas são a pimenta-do-reino, o dendê, a cana-de-açúcar e outras tantas de subsistência. Na área onde se implantará o projeto de colonização da COTRIJUI, asseguram os colonos vizinhos, nunca faltará sombra e água fresca. O que falta no momento, são braços fortes e decididos que, após aceitar o desafio, ajudem a transformar parte do "berço esplêndido" numa região produtora. Segundo testemunho de Hélio Nicaretta, Leônico Miranda e outros gaúchos lá radicados há cinco anos, o projeto da COTRIJUI é aguardado com dupla expectativa: fará aumentar o efetivo humano na região de Altamira, apressando a colonização, além de levar junto uma infra-estrutura comprovadamente necessária para melhorar aspectos da produção transporte, armazenamento e comercialização de safras. Se observa com isso que o evento da chegada da COTRIJUI na área, com as primeiras famílias, encontrará no Norte uma consciência já formada de cooperativismo. Enfim, será esta a forma de fazer avançar rumo a seus objetivos uma idéia colonizadora do INCRA que não pode parar, pela nobreza da área e necessidade de ocupação.

A visita a Altamira, e mais precisamente a Brasil Novo, onde estão o motel e a serraria, agora sob controle da COTRIJUI, durou um dia e meio. Em ônibus, os excursionistas tiveram oportunidade de conhecer o Centro Experimental da EMBRAPA, que vem realizando trabalhos com

cacau, dendê, pimenta-do-reino, cana-de-açúcar, guaraná, seringueira, e inclusive soja. No segundo dia de estada na região, a viagem de ônibus se estendeu no sentido Altamira-Itaituba, isto é, passando pelos lotes já ocupados às margens da rodovia Transamazônica, até alcançar o Km 85, onde inicia a área COTRIJUI. Lá, o dr. Paulo Casanova, juntamente com uma equipe de assessores, trabalham no traçado da estrada que atravessará a área, ligando a rodovia Transamazônica com o rio Iriri. Isso aproximadamente no Km 125. Pelas condições atuais, não foi possível ao grupo chegar ao local, distante 7,5 Km da rodovia. O que já será possível com veículos, tão logo o primeiro trecho de estrada seja aberto pela COPAGRO, companhia

paraense contratada para executar a obra.

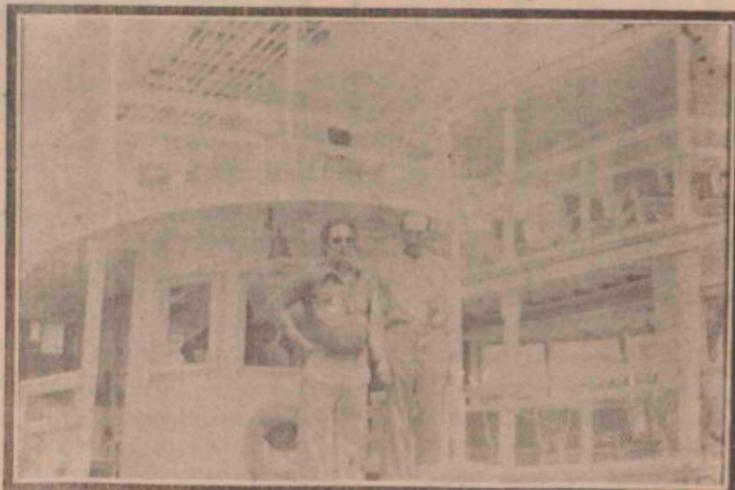
Há a mencionar o excelente atendimento que o motel Brasil Novo dispensa aos hóspedes, reconhecido por todos os excursionistas. O local serviu de base às autoridades que rumavam à Altamira para gerir o projeto colonizador e a abertura da Transamazônica. O núcleo conta com atendimento de um médico, uma enfermeira, escola de primeiro grau, um clube recreativo e um campo de pouso para pequenas aeronaves. Dista 40 quilômetros do início da área adquirida pela COTRIJUI. É também em Brasil Novo que está a serraria, cujo funcionamento deverá iniciar nos próximos dias, podendo então começar o projeto madeireiro na área a ser colonizada.

O NORTE É O FUTURO

Através do programa dominical que a COTRIJUI mantém nas Rádios Progresso de Ijuí e Municipal de Tenente Porteira, alguns associados que participaram da excursão ao Norte expressaram sua opinião quanto ao projeto de colonização que a cooperativa começa a implantar em Altamira. O texto a seguir é cópia do que falou o sr. Fermino Ribeiro Cezimbra, o mais idoso dos excursionistas, a propósito do Projeto IRIRI.

"Tivemos oportunidade de fazer esta viagem, não com finalidade exclusiva de turismo. Nosso objetivo era ver com os próprios olhos, aquela zona de terras que a COTRIJUI irá colonizar. Ver as condições de vida dos nossos conterrâneos gaúchos que estão trabalhando naquelas terras. Do que vimos, não há dúvida nenhuma, porque além de ver procuramos ouvir os moradores que lá se encontram trabalhando, produzindo, muito satisfeitos. Disseram eles que de início enfrentaram dificuldades, mas que hoje, de maneira alguma abandonariam seus lotes, pois que são terras boas, produtivas, e onde as opções de culturas são diversas. Eles produzem praticamente tudo aquilo que nós produzimos aqui, como seja o feijão, o milho, a mandioca, a cana-de-açúcar — lá existe uma usina — banana, cacau, pimenta-do-reino e até soja, ainda que para esta última não haja um manifestado interesse. Antes desse contato, eu era dos que alimentava a idéia que aquela gente não produzia, que haviam sido abandonados. Mas é bem o contrário. Superada a fase inicial, hoje estão satisfeitos e afirmam que daquele lugar não sairão. Por isso eu acho que o futuro do Brasil, em termos de agricultura, está naquelas terras".

O sr. Fermino Cezimbra fez referências a fase atual do projeto, tema abordado na reportagem sobre a viagem. Ao final, chegou a afirmar que não fosse a sua adiantada idade, e o fato de ter só dois filhos com os quais reparte as responsabilidades aqui no sul, procuraria se integrar àqueles que lá estão, ou se preparam para se transferir para Altamira.



Fermino Cezimbra, visto em companhia do filho, Edelmar, navegando no rio Negro.

O CRÉDITO E OS INCENTIVOS FISCAIS FORAM DESTAQUES NO CONGRESSO

O diretor-executivo da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), José de Campos Melo, entende ser necessário reduzir a dependência das cooperativas em relação aos bancos comerciais. Foi pedida a inclusão das cooperativas no espírito da lei que criou os incentivos fiscais. Deputado federal Siqueira Campos, da ARENA de Goiás, disse que se não houver uma mudança radical para se dar oportunidade aos produtores através de suas cooperativas, seremos em breve uma massa falida tendo por síndicos os banqueiros. Essas foram algumas conclusões do VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo realizado em Fortaleza, de 14 a 17 de setembro.

Painel de debates foi promovido na manhã do dia 15, segundo dia do Congresso, quando foram expostos e debatidos por parlamentares gaúchos, cearenses e goianos de ambos os partidos com a mesa diretora, sobre assuntos sociais e econômicos que afetam o cooperativismo. Durante a realização do painel foi ressaltada a necessidade de uma abertura governamental para que as cooperativas de crédito sejam fortalecidas, com vistas a eliminar ou pelo menos reduzir a dependência do sistema cooperativista em relação aos bancos, sejam eles oficiais ou particulares. Esse ponto-de-vista foi apresentado e definido com bastante ênfase pelo diretor-executivo da Organização das Cooperativas Brasileiras, sr. José de Campos Melo, com os

aplausos dos demais componentes da mesa e plenário do Congresso.

Outra proposição igualmente julgada relevante e que recebeu aplausos do plenário, passando a despertar interesse que se processaria durante todo o Congresso, é a que trata da Lei dos Incentivos Fiscais. Tanto os parlamentares como os convencionais que constituíram o painel foram unânimes em reconhecer a necessidade urgente de uma reformulação no setor, tendo surgido, inclusive, propostas específicas como a permissão para aplicação do Fundo 157 pelas próprias entidades cooperativas.

Participaram dos debates em nome do Poder Legislativo os deputados federais Igo Losso, representando o presidente da Câmara Federal, Marco Ma-

ciel; Odacir Klein (MDB-RS) e Siqueira Campos (ARENA-GO); o vice-presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Jorge Bandarra e o deputado estadual do Ceará, Fausto Arruda. Presidiu e mediu os trabalhos o diretor-executivo da OCB, José de Campos Melo.

COOPERATIVISMO É A SOLUÇÃO

As opiniões em torno do cooperativismo tiveram sempre o objetivo de mostrar que esse sistema social e econômico é a solução ideal para os problemas que nos afligem — e que afligem o mundo capitalista como um todo — conforme ressaltou o deputado Odacir Klein, da bancada do MDB gaúcho na Câmara Federal. O deputado lamentou ao mesmo tempo que muitos vejam o coo-

perativismo apenas pelo lado econômico, quando este devia ser olhado, e muito maior atenção, pelo lado humano, pelo lado social, “enfim, como uma maneira de se evitar a expropriação do homem pelo homem”.

Sobre a questão dos incentivos fiscais à cooperativa, o parlamentar gaúcho assim se pronunciou: “Ocorre no sistema tributário, uma anomalia. Os incentivos são dados à empresas de caráter mercantil; às empresas que especulam, enquanto as cooperativas não tem incentivo fiscal”. Concluiu seu pensamento apelando ao VIII Congresso Cooperativista que dirigisse moção ao Congresso Nacional em nome dos dois partidos para que o parlamento nacional estude uma medida para o problema, que é uma simples questão de justiça. Para o deputado Igo Losso, que representava o presidente da Câmara, o cooperativismo não é uma experiência mas uma realidade surgida no sentido comum agregativo do homem que procura defender-se unido na busca de soluções adequadas para os seus problemas, problemas esses que são o reflexo dos problemas maiores que afetam a toda a Nação.

O primeiro vice-presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Jorge Bandarra, também externou seu pensamento sobre o cooperativismo brasileiro, reclamando do tratamento que lhe é dado, colocando-o em segundo plano no concerto da economia nacional. Resaltou o deputado o aspecto constrangedor de uma cooperativa, que tendo em vista a produção do

que se consome neste País, quando quer um repasse, “é uma luta para conseguí-lo, ao passo que os bancos têm as maiores facilidades”.

O deputado Fausto Arruda, da Assembléia Legislativa do Ceará, também criticou a política adotada para com as cooperativas, declarando que com as restrições impostas ao sistema, é difícil a sobrevivência do cooperativismo ao lado de gigantescos conglomerados econômicos. Concluiu o parlamentar cearense apelando ao Presidente da República no sentido de que dê ao cooperativismo a legislação a que o mesmo tem direito, pelo bem que este traz ao País.

O último a se pronunciar foi o deputado federal Siqueira Campos, cearense eleito pelo estado de Goiás, que afirmou ser preciso “varrer a palavra lucro, por que ela se choca contra as mais legítimas aspirações da pessoa humana”. Disse que só o cooperativismo, com sua filosofia voltada para o homem, para o seu bem-estar, e contra o massacre, o esmagamento que caracteriza o capitalismo, pode solucionar os inúmeros problemas que afligem os homens como indivíduos isolados e no seu conjunto como Nação.

Finalizando seu pronunciamento, disse Siqueira Campos que “se não houver uma mudança radical para se dar oportunidades aos produtores através de suas cooperativas, nós seremos em breve uma massa falida e os síndicos serão os banqueiros”. Terminando por sugerir a criação do Instituto Nacional do Cooperativismo.

Ministro Alysso Paulinelli:

O FUTURO DA NAÇÃO TEM POR ALICERCE O COOPERATIVISMO

“Precisamos criar uma grande empresa para defender nossos produtos nas bolsas e mercados do Mundo”. Essa foi a tônica do discurso do ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura, ao falar na abertura do VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, promovido pe-

la Organização das Cooperativas Brasileiras, de 14 a 17 de setembro em Fortaleza, Ceará.

O Ministro foi incisivo quando conclamou os congressistas dizendo: “queremos que este Congresso levante e discuta aqui muitos dos problemas que ainda estamos sentindo”.

Destacando a idéia-força do cooperativismo brasileiro, disse ter afirmado ainda em seu discurso de posse que o problema da agricultura no nosso País não era apenas produzir; era também, comercializar bem. E hoje, passados quase dois anos, quando ultrapassamos, ora ven-

do, ora apenas neutralizando efeitos, ora sentindo sacrifícios de uma jornada difícil, nos encontramos novamente, volto a dizer que precisamos vender bem a nossa produção.

Não será nenhuma novidade dizer que temos diante de nós uma opção: ou continuare-

mos a ser meros entregadores de produtos ou assumimos aquela posição que o Governo tem defendido, de um País que tem possibilidades potenciais à auto-determinação para vender onde, como e quando, os seus produtos.

Dai a necessidade de nos

COOPERATIVISMO

estruturarmos a nível de competição na área dos mercados externos, criando uma grande empresa de comercialização suficientemente forte e ágil para competir de igual para igual

com as maiores corporações no gênero.

Precisamos de soluções autênticas, soluções nossas. E se anunciamos que o cooperativismo é uma idéia-força, hoje

no Brasil temos a honra de dizer que o cooperativismo não é apenas uma idéia-força, mas uma força viva na qual se assenta o futuro desta Nação.

Finalizando sua oração,

disse o ministro Alysson Paulinelli: "confio nesta idéia-força e, principalmente, acredito na força do cooperativismo brasileiro. Por isso é que ousou fazer-lhes novos desafios, por que

creio que juntos encontraremos as soluções brasileiras dentro do esforço brasileiro". O pronunciamento do ministro foi longamente aplaudido pelo plenário do VIII Congresso.

O QUE FOI APROVADO NO CONGRESSO

Foram aprovadas 18 teses, rejeitadas 3 e retiradas 2, da Comissão de Legislação e Tributação. Entre as aprovadas estão: ICM nas relações entre cooperativas e cooperados, cooperativa de consumo e ICM, incentivos fiscais às cooperativas, prazo de prescrição de tributos devidos pelas sociedades cooperativas, tributação sindical para cooperativas de trabalho, importância do ICM no processo de comercialização de produtos agrícolas, regulamentação de associados das cooperativas de trabalho, alteração do capítulo 14 da Lei 5764 nos artigos 95, 96 e 97 (referem-se a representação dos membros do Conselho Nacional de Cooperativismo); instituição de um capital rotativo nas cooperativas, não cobrança do ISQN so-

bre os serviços prestados pelas cooperativas; dar direito aos técnicos das cooperativas (agrônomos) para classificarem os produtos das cooperativas.

A Comissão de Tributação e Legislação mostrou-se também contrária às constantes autuações dos CREAS sobre as cooperativas, formulando tese sobre o assunto, o que foi aprovado por unanimidade. O relator dessa Comissão foi o sr. David Thiessen, do estado do Paraná.

A Comissão de Organização e Administração, que teve como relator Moisés Pollak, de Santa Catarina, aprovou as teses, uma comunidade rural cooperativa integrada, maior incentivo às cooperativas de transportes de carga, apoio às cooperativas vinícolas (para que es-

tas se fortaleçam e se defendam das multinacionais) e inclusão das cooperativas escolares no PRONACOP.

A Comissão Técnica do Congresso que analisou eletrificação rural, aprovou teses, tais como, uso racional da energia elétrica na zona rural; estímulos creditícios às cooperativas de eletrificação rural; eletrificação rural como fator de fixação do homem ao campo; assistência e orientação às cooperativas de eletrificação rural, e ordenação no plano nacional da eletrificação rural, tese esta considerada pelo seu relator, Roberto Pachet, como "a mais importante no Congresso".

O sr. Roberto Pachet fez moção de desgosto à Eletrobrás por não enviar ao Geer (Grupo de Estudo da Eletrifi-

cação Rural), o convite para que seus técnicos participassem da 7ª Conferência Latino-americana de Eletrificação que se realiza em Quito, no Equador. A moção foi aprovada. O Brasil se fará representar no entanto por membros da Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do Rio Grande do Sul. O relator da comissão de crédito foi o representante do Paraná, sr. Gunther Van Kaick. Aquela comissão aprovou 6 teses, moções e 3 proposições. Entre as teses aprovadas estão: a que quer disciplinar os recursos do Pronazem; reestudo sobre diferencial de juros atribuídos às cooperativas nas operações de crédito, e a que quer a intervenção da OCB junto ao Conselho Monetário Nacional para a liberação de limites de

juros (ora em 2 por cento e os cooperativistas querem 2,5 por cento, tais como os demais agentes financeiros) e, finalmente, assistência financeira às cooperativas de crédito.

A Comissão de Assuntos Gerais recebeu 7 teses, debateu 6, aprovou 5 e rejeitou uma delas. O relator para o plenário foi o sr. Paulo Moreira Rodrigues, de São Paulo. Entre as teses aprovadas pelo plenário estão: fornecimento de crédito para aquisição de combustível pelas cooperativas e permissão para que as cooperativas que tenham distribuição possam fazê-la com conta-corrente; maior cota de combustível para os cooperativistas; reestudo dos módulos de exploração agropecuária e extensão de benefícios às comunidades rurais.

COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

No discurso que pronunciou na sessão solene de encerramento do VIII Congresso Brasileiro de Cooperativismo, realizado em Fortaleza de 14 a 17 de setembro, o presidente do INCRA, sr. Lourenço Vieira

da Silva, disse que a colonização e a reforma agrária são um novo campo para o setor cooperativista. Disse "que o objetivo da participação das cooperativas agropecuárias na colonização e reforma agrária é dinami-

zar a ampliação da fronteira econômica nacional com a transferência de agricultores associados".

Para Lourenço Vieira da Silva, a transferência desses agricultores profissionalmente

capacitados, permite o ingresso de mão-de-obra habilitada, de razoável capitalização e capacidade empresarial nas áreas, ao mesmo tempo em que possibilita o remembramento dos minifúndios das regiões onde se

verificam fragmentações de propriedades, transformando áreas minifundiárias em empresas rurais tipo familiar. Ressaltou que o Governo já reservou para esse fim áreas especiais para implantação de projetos.

COTRICRUZ FESTEJOU 20º ANIVERSÁRIO

A COTRICRUZ — Cooperativa Tritícola dos Produtores Cruzaltenses, festejou a 25 de setembro seus 20 anos de fundação. A diretoria, que é encabeçada pelo eng. agr. Ciro Dias da Costa, recebeu autoridades, lideranças da comunidade cruzaltense e regional e amigos da entidade com um jantar em estilo tradicionalista servido no CTG Mirim Porteira Velha, que foi animado com um espetáculo gauchesco de Paixão Cortes, tendo como local o salão de festas do Clube Internacional.

Foram convidados a integrar a mesa principal durante o jantar comemorativo, o prefeito municipal Carlos Pompilio Schmidt, de Cruz Alta e o presidente da COTRIJUI, Ruben Ilgenfritz da Silva, que ladearam o presidente da COTRICRUZ, Ciro Dias da Costa; deputado Algir Lorenzon, coronel Germano Schwartz, o presidente da COTRISA, Jandir Schau de Araújo, entre outras autoridades e convidados.

No discurso que proferiu após o jantar, o presidente da cooperativa, Ciro Dias da Costa, rememorou a história da organização no decorrer desses vinte anos e salientou o desenvolvimento que se processa na cooperativa, hoje a nível de empresa, mas sem que a mesma se descaracterize de suas origens sociais, que são os agricultores, ressaltou Ciro Costa.



Na foto, de João Mário, do "Diário Serrano" de Cruz Alta, aparece o presidente da COTRICRUZ, Ciro Dias da Costa, quando discursava, tendo a sua esquerda Ruben Ilgenfritz da Silva, da COTRIJUI e a sua direita o prefeito cruzaltense.

COTRIJUI PEDE, OUTRA VEZ, O RAMAL DE SANTO AUGUSTO

O sistema ferroviário no Rio Grande do Sul está tendo mais ânimo para competir com outros meios de transportes. Essa conclusão era a mesma entre os dirigentes da Rede Ferroviária Federal e da COTRIJUI, após o percurso, no início de setembro, em toda a extensão que liga Santa Maria a Rio Grande. É que nesse trecho foi realizada a recuperação da linha que vai de Santa Maria à Cacequi. Depois, até Rio Grande, foi completamente remodelada, com inúmeras variantes para integrar diferentes municípios, o que facilitará em muito o escoamento das próximas safras gaúchas.

A rede ferroviária no Rio Grande do Sul, como em quase todos os estados brasileiros, vinha apresentando falhas na sua estrutura física, como também na parte organizacional. Com isso, sempre mais esteve perdendo terreno, principalmente para os meios de transporte rodoviário. Mas a partir de 1973 começaram a surgir os primeiros impulsos para a modernização da ferrovia gaúcha. As suas rampas de 1,8m e os seus raios mínimos de curva de 120m, estavam completamente superados. Agora, com as atuais construções, as rampas são de 0,8m e o raio mínimo de curva passou a ser de 500m. A tonelage passou de 560 para 1.200 toneladas e a velocidade média de 20km/h passou para 60 Km/h. Já com a conclusão de toda a obra prevista se terá uma capacidade de carga de 12 milhões de toneladas, em cada sentido, o que somará um total de 24 milhões.

Os principais melhoramentos na rede foram entre Cacequi e Rio Grande, com uma extensão de 478 km e uma inovação no sistema ferroviário gaúcho: a aplicação de dormentes de concreto, fabricados em Pedro Osório. As remodelações foram nos trechos Cacequi-Tiaraju, 50km; Eng. Afif - Herval, 73km; Pedro Osório - Pelotas, 50km; Pelotas - Rio Grande, 55km. As variantes construídas são: Tiaraju - Von Bocki, 65km; Von Bocki - São Sebastião, 44km; São Sebastião - Bagé - Hulha Negra, 66km; Hulha Negra - Afif, 35km e Herval - Pedro Osório, 35km.

O custo total destas obras já realizadas e as restantes chegam a 1 bilhão e 500 milhões de cruzeiros. A conclusão definitiva que abrange também a ampliação de pátios, novas estações e variantes, deverá ocorrer até o final deste ano.

REIVINDICAÇÕES

Seria uma viagem de passeio e de constatação. Aliás, seria uma viagem inaugural entre Santa Maria e Rio Grande com suas novas construções. A RFF aproveitaria a oportunidade, com a presença do secretário dos Transportes, Firmino Girardello, e mostraria para a COTRIJUI (uma das principais usuária da Rede), todas as inovações. Mas a viagem acabou sendo também para mais reivindicações.

O presidente da Cotrijui, Ruben Ilgenfritz da Silva, que estava acompanhado do diretor de operações, Euclides Casagrande, e do diretor-superintendente, Clóvis Adriano Farina, voltou a reivindicar a construção de um ramal para ligar Catuípe à Santo Augusto, como uma necessidade vital para a região. Ruben comparou essa construção a um pulmão humano que teria a função de reter a produção para depois encaminhá-la para o devido local. "Toda a região de Santo Augusto, com todos os municípios ao seu redor, poderia escoar 600 mil toneladas. Só esse dado bastaria para o projeto ser viabilizado".

A partir dessa proposta do presidente da COTRIJUI, o superintendente da RFF, Plauto Faccin, juntamente com o diretor de engenharia, Domingos Daré e do superintendente de engenharia, Alberto da Costa Castro, além de outros assessores da Rede, chegaram a conclusão: o amplo projeto realizado em 1972, pela FIDENE e a COTRIJUI, para a construção do ramal de Santo Augusto, deveria ser revisto alguns dados e encaminhado a direção da RFF. Depois se realizaria contatos entre ambas as partes e o projeto poderia ser imediatamente efetivado.

O SISTEMA FERROVIÁRIO

O presidente Ruben Ilgenfritz também sugeriu aos dirigentes da RFF, como uma medida para participar do desenvolvimento do sistema ferroviário, a compra de vagões próprios pela COTRIJUI. "Comprá-los os vagões e os entregá-los a RFF que nos daria um abatimento no frete, garantindo-se o escoamento das nossas safras".

Mas Ruben Ilgenfritz da Silva, acha necessário, pelo menos de princípio, ativar a RFF com os vagões que possui. "Nós compramos sempre mais caminhões, e a rede tem vagões parados. Mas num futuro bem próximo, poderemos inverter esse processo: em vez de comprarmos caminhões, vamos comprar vagões".

Ruben esclareceu que somente o transporte rodoviário não está sendo suficiente para escoar as produções, e acusou essa ocorrência como um dos fatores limitante da exportação da atual safra de soja brasileira. "Os caminhos da solução são apenas dois: a ferrovia e a hidrovia. E a ferrovia é a que pode ser mais eficiente e benéfica. Mas precisa ser mais popularizada; os usuários têm que participar diretamente da vida da ferrovia. A verdade é que não podemos ficar lamentando, assinando memoriais. Temos que participar decididamente".

Já o superintendente da RFF, Plauto Faccin, afirmou que é chegada a hora da ferrovia recuperar a sua força no transporte brasileiro. "É evidente que não podemos mais pensar em passageiros, porque não temos condições de competir com o sistema rodoviário. Mas teremos que juntar forças para tornar sempre mais eficiente o transporte de carga, com bastante vagões a disposição e linhas diretas".

O secretário dos Transportes, Firmino Girardello, também enalteceu a importância e a necessidade atual do sistema ferroviário, e mostrou-se entusiasmado com as reformulações e variantes no trecho entre Santa Maria à Rio Grande. Segundo ele, certamente todo o escoamento da safra gaúcha ficará mais fácil.

O QUE PREVÊ O PROJETO

Hoje a COTRIJUI pode considerar como superados os problemas de recebimento da produção dos seus associados, a armazenagem e o carregamento em navios para o exterior, junto ao próprio porto de Rio Grande. Mas está sentindo sempre mais a necessidade de um transporte mais eficiente, das unidades para a COTRIJUI, e da COTRIJUI para o porto de Rio Grande, ou direto das unidades para o porto de Rio Grande.

Somente o transporte através do sistema rodoviário não está sendo o suficiente. E a melhor alternativa de solução que se apresenta é a ferrovia, através de um ramal para ligar Catuípe à Santo Augusto que facilitaria o transporte de todos os municípios vizinhos, conforme apontou o projeto montado, já em 1972, pela FIDENE/COTRIJUI.

Agora, com a viagem dos dirigentes da COTRIJUI e da RFF, o projeto voltou a ser lembrado. Sem dúvida, a cons-

trução do ramal, numa extensão de 60km, aumentará em muito a utilização das demais linhas, instalações, equipamentos da RFF, já que Santo Augusto é um centro de importante zona produtora. Segundo o projeto, em 1980, a região em torno de Santo Augusto terá uma produção para ser escoada que atingirá aproximadamente 1.044.350 toneladas, oferecendo carga para 26.110 vagões. Isso representará o deslocamento de 80 vagões por dia.

A construção do ramal de Santo Augusto terá ainda uma série de aspectos que resultarão no desenvolvimento regional. Podemos inumerar alguns, como prevê o projeto:

- Primeiramente haveria a certeza do escoamento seguro das safras, independentemente de condições climáticas. Isto aumentaria a capacidade dinâmica de armazenagem. Os dois fatores conjugados evitariam o desperdício por deterioração dos produtos, fenômeno este que frequentemente ocorre na sua falta.

- O escoamento da pro-

dução, além de mais seguro, tornar-se-ia mais barato, ampliando a renda dos produtores e criando maiores possibilidades de investimento na agricultura, indústria e comércio.

- A extensão da rede ferroviária até Santo Augusto representaria um fator de integração muito significativo para a zona de influência. O ramal não se constituiria em um fator de arrancada para o desenvolvimento regional. Esta arrancada já é fato consumado. Representaria, sim, um aceleração deste processo, com repercussões na agricultura, na indústria, na absorção de mão-de-obra, no setor de serviços, etc.

- Na agricultura, porque, além de garantir o escoamento seguro e mais barato da produção, colocaria mais próximo aos produtores, a preços muito mais acessíveis, os corretivos e fertilizantes indispensáveis à racionalização da agricultura.

- Na indústria, porque o aumento do lucro oriundo da produção agrícola criaria possi-



Na foto os dirigentes da Cotrijui, Ruben Ilgenfritz da Silva, Euclides Casagrande e Clóvis Adriano Farina, ao lado do secretário dos Transportes, Firmino Girardello e do superintendente Regional da RFF, Plauto Faccin.

bilidades de investimentos que poderiam ser orientados para o setor secundário. Isto refletiria no mercado de trabalho, absorvendo maior volume de mão-de-obra. O aumento de poder

aquisitivo de boa margem da população desencadearia maior desenvolvimento no setor de comércio e serviços em geral, novamente criando oportunidades de emprego.

O AGRICULTOR SE ORGANIZA

As formigas atacavam em bando e destruíam as plantações. Isso lá pelos primeiros anos da década de 60. Aos poucos os associados da COTRIJUI foram percebendo que também tinham que se organizar, se unir, trabalhar juntos. E eles estavam bem perto de um exemplo que era o das próprias formigas.

Assim foram surgindo os chamados "núcleos de base" que são comunidades, em diferentes regiões, que se reúnem para discutir os seus problemas, e depois um líder, eleito pelo grupo, traz para uma reunião geral onde participa a direção da cooperativa.

Hoje passados todos esses anos, na área da cooperativa que integra 12 municípios, existem 178 núcleos. E o que já conseguiram os agricultores com seus núcleos?

A maior vitória foi o crescimento da própria cooperativa. Quando eles resolveram atacar, também em conjunto, para vencer as formigas, tomaram consciência da força da sua união. Mas precisavam da cooperativa para receber, comercializar e distribuir os seus produtos. Foi então que um maior número de agricultores começou a entrar na COTRIJUI. Em seguida, a cooperativa criou o Departamento Técnico para prestar assistência no combate às pragas e doenças e no ensino das melhores técnicas agrícolas, além de se encarregar do recebimento até a distribuição dos produtos dos associados.

Agora, quando se fala do porto de Rio Grande da COTRIJUI, dos inúmeros supermercados e lojas, armazéns graneleiros, da Cooperativa Central Gaucha de Leite, dos projetos de saúde, logo se pensa nas origens que nasceram das reuniões dos agricultores em seus núcleos.

Desde 1970 que a ação dos núcleos vem recebendo assistência direta do projeto assinado entre a COTRIJUI/FIDENE, especialmente do IEP — Instituto de Estudos Permanentes que orienta e analisa as reuniões dos agricultores.

UMA REUNIÃO EM CADA DIA

"Hoje tem uma reunião na Linha 5 Oeste. Amanhã será em Augusto Pestana. Depois de amanhã é na Vila Jóia". Rui Polidoro, responsável pelo setor de Educação e Comunicação da COTRIJUI, olha uma pequena agenda onde tem marcado todas as reuniões da semana. Não há um dia sem uma atividade programada para um núcleo. Muitas vezes, até num mesmo dia, há mais de um núcleo com atividades. Então, a equipe do setor, formada por 8 educadores, como são mais conhecidos, precisa se dividir. Uns ficam na cooperativa e outros vão para os diferentes núcleos.

Os agricultores recebem a notícia das reuniões de núcleos pelo rádio, diariamente no noticiário do meio-dia e no Informativo COTRIJUI aos domingos pela manhã. A partir da notícia pelo rádio, quem escuta vai passando adiante. Na escola, as professoras lembram os alunos para avisarem em casa o dia da reunião. No bolicho a notícia se espalha mais ainda entre os agricultores.

Rui Polidoro dá uma explicação do trabalho desenvolvido pelo seu setor: "O que temos que fazer é marcar reuniões. Muitas vezes nem isso fazemos. Nos assuntos para serem tratados na reunião nem pensamos em intervir. São os próprios agricultores que marcam suas reuniões e escolhem os assuntos que vão discutir".

— Esse é o grande valor das reuniões dos núcleos de agricultores. Não é como os técnicos que na maioria das vezes já levam aos agricultores uma solução pronta. Isso não ocorre nos núcleos. Lá os próprios agricultores tomam consciência dos seus problemas, discutem em conjunto, até que chegam a uma solução.

Mas na verdade os educadores têm uma participação muito importante nas reuniões: eles fazem toda a

coordenação. Isso para que as discussões sejam encaminhadas para uma conclusão.

Muitas vezes também os educadores precisam responder perguntas aos agricultores. Se as respostas só podem ser dadas, com mais certeza, por representantes da direção, então os educadores anotam as perguntas e trazem para a cooperativa.

Os educadores, com esse trabalho junto aos núcleos, passam a ser, por assim dizer, as pessoas mais conhecidas da COTRIJUI. Então, quando um agricultor chega na Cooperativa, logo pensa em falar com o seu Santo, ou com o seu Ivo, ou mesmo com o seu Polidoro.

Muitos dizem, talvez com razão, que esse trabalho dos educadores com os agricultores é o mais importante a ser desenvolvido numa cooperativa, porque é o elo de ligação entre os associados com os funcionários e a direção.

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER

Era um número reduzido de mulheres que participavam com seus maridos nas reuniões de núcleos. Se participavam não falavam quase nada. Ficavam quietas, parece que com medo, só vendo os homens falarem, e como falavam. Mas até que um dia "a filha do Alípio Friederichs", como é mais conhecida a nutricionista ou educadora da Cotrijui, Noemi Huth, teve a idéia de reunir somente as senhoras dos associados, nos mesmos locais, onde os homens já estavam acostumados a se reunirem.

Mas como conseguir isso? Noemi se perguntava. Pensou, pensou e chegou a conclusão: teria que apresentar algo prático, com que as senhoras já estavam acostumadas de lidar. Assim, Noemi programou para as primeiras reuniões uns cursos de corte e costura e de culinária.

Depois das primeiras reuniões, Noemi já estava quase desistindo. Eram poucas as senhoras que participavam. Mas Noemi não desistiu. Continuou insistindo no corte e costura e na culinária. E não é que aos poucos o número das senhoras foi sempre mais aumentando. O que tinha acontecido? A Noemi se perguntava. Depois de muito tempo é que ficou sabendo que uma senhora tinha inveja da outra. Porque uma queria saber mais do que a outra. A dona tal ia para a casa da vizinha e dizia que estava costurando toda a roupa da casa. E assim cada vez mais se espalhou as reuniões de núcleos para senhoras.

De abril de 1976 até agora, Noemi já conseguiu criar 20 núcleos, nas diferentes localidades da região da COTRIJUI. E até já não é mais preciso dizer que haverá curso de corte de costura, ou se vai aprender uma nova receita para a soja. Basta dizer que vai ter uma reunião de núcleo para senhoras, num determinado local, que pode ser no salão paroquial, numa unidade da cooperativa ou mesmo num clube. É o suficiente.

E não raras vezes, Noemi fica surpresa, porque já no início da reunião, nem se pensa em falar de corte de costura ou culinária. Logo se parte para a discussão de assuntos sobre o cooperativismo, ou mesmo de interesse técnico, como o leite ou a saúde comunitária, assuntos estes que somente os maridos entendiam e sabiam discutir.

"A mulher do agricultor estava sentindo a falta de um diálogo, da conversa com o seu marido. Queria saber o que estava passando com ele, com a cooperativa e ao seu próprio redor", diz Noemi.

Agora, em cada reunião estão sempre no mínimo 30 senhoras. E uma curiosidade: elas mesmas estão marcando reuniões conjuntas, com seus maridos, onde discutem assuntos que precisam da decisão dos dois, como por exemplo, o projeto de incentivo a criação de gado leiteiro que a COTRIJUI vem desenvolvendo. Depois da

reunião no núcleo, e em casa, cada um dá a sua opinião, e no fim se chega a uma conclusão. E a Noemi afirma com muita certeza: "Se a mulher tiver conhecimento de qualquer assunto, a sua opinião poderá ser importante para uma decisão junto com o marido".

A OPINIÃO DOS AGRICULTORES

As vantagens dos agricultores se reunirem nos núcleos vão desde do seu benefício pessoal até o rendimento dos seus produtos. Nas diferentes opiniões dos agricultores que segue, se pode fazer uma idéia.

"Na última reunião do núcleo nós entramos lá pelas 3 horas e só saímos quando o sol já estava sumindo. Discutimos de tudo: sobre o Funrural, o sindicato, a cooperativa. Uns reclamaram que a terra está pouca. Outros que o trigo está se acabando. E assim por diante.

No final cada um conhece o problema do companheiro. Então, por exemplo, um pode emprestar uma máquina para o outro. Por isso eu acho que as reuniões do núcleo são muito importante e todos têm que participar. Ninguém pode ficar na sombra do outro" (Fiorindo Luiz Picolli, do núcleo Felipe dos Santos).

"A gente se reúne para discutir os problemas da comunidade. Eu acho muito importante os núcleos. Antes nós não sabíamos nem o que era a cooperativa. Aos poucos fomos aprendendo a cozinhar melhor e a costurar algumas roupinhas. E não ficamos só nisso. Hoje as mulheres que participam aqui no núcleo já sabem que a cooperativa não é um bolicho, ou uma casa que nem qualquer comércio. No núcleo de senhoras que participo, estamos atualmente discutindo os problemas do leite. Na última reunião até falei demais. Não é para menos. O Franke já há quase dois meses que não paga mais. O leite vem naqueles caminhões sujos, sem tolda, e vem dizer que o nosso leite está estragado. Nós queremos que a usina da cooperativa comece logo para resolver esse nosso problema.

Depois que as senhoras começaram a participar do núcleo, eu acho mesmo que até a convivência está melhor. Agora todos se conhecem. Antes eramos quase que estranhos. O núcleo ajudou muito nisso" (Vanda Miroski, do núcleo Ponte do Ijuizinho).

"É uma oportunidade que o agricultor tem para falar, dizer as coisas que sente no dia-dia, reivindicar o que precisa. Não há dúvida que os núcleos são necessários e devem existir sempre com mais participação de todos. O agricultor tem que trocar idéias entre os companheiros. Não pode se acomodar. Tem que procurar uma solução de qualquer jeito. Quem diz que a melhor maneira para se encontrar uma solução não é em conjunto? E nós temos os núcleos em nossas mãos.

Mas eu acho que uma coisa tem que mudar nessas reuniões de núcleos. Precisa marcar de início um assunto só para se falar. Não se pode chegar na reunião e querer falar sobre cinco, seis assuntos, como muitas vezes acontece. Nós temos que pegar um assunto e levar até o fim. Até a solução" (Hugo Evaldo Deckmann, do núcleo Rincão dos Becker).

"Sempre achei que o agricultor tem que discutir, expor suas dificuldades. Por isso os núcleos são importante, pois é um local que podemos fazer tudo isso. O mais importante é que nós criamos força dentro da cooperativa, e a cooperativa é feita por todos nós.

Agora aqui no núcleo estamos numa briga feia. Mas temos que chegar a um acordo. Eu acho que o Funrural tem que cuidar da nossa assistência médica e da aposentadoria, mas o sindicato tem que reivindicar junto de nós. Hoje o sindicato não tem muita força, porque também quer prestar essa mesma assistência" (Domingos Adir Bilibio, do núcleo São Miguel).

AS CONQUISTAS DOS NÚCLEOS

Quem mais incentivou os núcleos de agricultores foi o professor da FIDENE, Mário Osório Marques, que há 20 anos, quando ainda era padre capuchinho, implantou em Ijuí a Faculdade de Filosofia. Naquela época, ele com suas "idéias de cidade", pensava organizar as comunidades da região. Até que se convenceu que o próprio agricultor é quem tinha de se organizar em determinados locais para discutir e encontrar as soluções dos seus problemas.

O professor Osório Marques acompanhou desde o início o desenvolvimento dos núcleos. Afora os agricultores, é ele, mais do que qualquer pessoa, que pode falar dos núcleos.

O COTRIJORNAL foi saber suas opiniões sobre o início dos núcleos, de sua evolução, e das vitórias que os agricultores conseguiram quando passaram a discutir e procurar soluções para os seus problemas.

Cotrijornal: Quais as principais razões que levaram os agricultores a se reunirem em núcleos?

Osório Marques: Os agricultores estavam num desânimo geral. A própria agricultura estava falida. E eles chegaram a conclusão que tinham que se reunir, se organizar. Concluíram que se eles se organizassem poderiam resolver todos os seus problemas. Caso contrário, não resolveriam nem os mais simples problemas.

No primeiro dia de um encontro, em fevereiro de 1962, eles discutiram os principais problemas e chegaram a conclusão que o maior de todos era a falta de organização. No segundo dia eles discutiram se era possível se organizarem. Se valia a pena. Já no terceiro dia, pensaram em quais as maneiras deles se organizarem. Aí eles resolveram que cada representante de localidade entraria em contato com os vizinhos para discutir e divulgar esse assunto. Foi então que começaram a surgir os núcleos, sempre com mais participação dos agricultores. No final de 1962, havia 76 núcleos em Ijuí, Ajuricaba e Augusto Pestana.

Cotrijornal: A idéia inicial de professores, como o senhor, e de líderes sindicais que sempre trabalharam junto aos núcleos, era apenas de reunir os agricultores. Fazer com que eles mesmos discutissem os seus problemas e encontrassem as devidas soluções. Isso foi conseguido?

Osório Marques: A idéia fundamental era essa: quem tem um problema se reúne com quem tem o mesmo problema, para estudar uma melhor solução. Regacem as mangas e trabalhem, que ninguém ficasse esperando uma solução, porque não vinha. Eu creio que isso foi conseguido.

Cotrijornal: Qual o feito prático conseguido que o senhor considera que houve a maior e direta participação dos agricultores?

Osório Marques: O primeiro foi a conhecida campanha da formiga. A partir dessa campanha, os agricultores começaram a distribuir os problemas: os que poderiam ser resolvidos, separadamente, e os que somente poderiam ser resolvidos com a ação de todos os agricultores. O problema da

formiga atingia a todos os agricultores. Naquela época a formiga destruiu 30% das plantações. Todo mundo dizia que quem matava as formigas era um só veneno, chamado Blenco, que era muito caro e perigoso.

Os agricultores mais experimentados, começaram a discordar desse veneno. Eles afirmavam que o Blenco poderia matar um carreiro de formigas. Mas elas abriam outro no lado. Então, chegou-se a conclusão que tinha que se fazer uma isca envenenada. O veneno seria dissolvido em mel e colocado em pedaços de folhas para as formigas levarem para dentro dos seus ninhos onde teria que começar a destruição. Depois disso, passou-se a discutir que tipo de veneno seria usado. Foram escolhidos quatro tipos diferentes. A partir disso, cada agricultor fez um cálculo de quantos quilos de veneno precisaria, e de qual tipo queria, e trouxe para o núcleo.

E a cooperativa reuniu todos os pedidos e fez a compra diretamente da fábrica. No dia 15 de agosto de 1962, todos tinham matado as formigas. Esse feito eu acho que foi o mais autêntico. Houveram outros, como a modificação da mecânica de comercialização da soja. Antes havia muitas confusões e os agricultores começaram a discordar, porque não sabiam e não estavam compreendendo. E levaram esse problema para os núcleos e conseguiram modificar. Outro feito é o Porto de Rio Grande. Essa também foi uma vitória dos agricultores, porque eles tinham o problema das sacarias, dos transportes dos seus produtos com sacos, que todos os anos voltavam estragados. A Cooperativa se defendia, porque não tinha condições. Mas para evitar os problemas das sacarias, tinha que eliminar a sacaria. Os agricultores foram até o Rio Grande, debateu-se esse assunto nos núcleos, até que se decidiu construir o Porto. Então, foi criado todo um novo graneleiro de transporte: o a granel. Foram construídos os armazéns graneleiros, comprados caminhões e vagões de trens, a partir desse problema sentido pelos agricultores.

Cotrijornal: Muitos dos problemas dos agricultores estão na falta de terra, na dificuldade de conseguir crédito. En-

tão são problemas que estão dentro não somente da orientação agrícola, mas também da própria política econômica brasileira. Assim, quais as chances que o agricultor terá para encontrar as soluções desses seus problemas, que não dependem somente de si?

Osório Marques: O pequeno agricultor não poderá conseguir novas terras, sem um mínimo de organização, de espírito de cooperação. Já temos exemplos no Sergipe, e na América Latina são numerosos os exemplos. Gente que não têm terra, formam uma cooperativa. Adquirem terras e passam a trabalhar cooperativamente. Seria uma solução para os pequenos. Acho que vale a pena começarmos a trabalhar em cima dessa idéia, no momento atual. A solução não será em apenas entregar gratuitamente terra. Mas organizar empresas comunitárias, cooperativas. Eu acho que essa a grande solução para os agricultores com pouca ou sem terra. Mesmo a política da Cotrijuí, em colonizar a Amazônia, é visando uma abertura no crédito fundiário, que tem uma legislação muito rígida.

Cotrijornal: O agricultor ingressando na cooperativa tem maiores possibilidades. Poderá comercializar seguramente seus produtos, além de obter uma série de assistência pessoal. Com isso ele não se acomoda, não deixa de participar de outras entidades, por exemplo, do sindicato rural, onde ele poderá reivindicar outras melhorias?

Osório Marques: Os grandes momentos do agricultor é na cooperativa, onde ele atua diretamente na estrutura econômica. Agora, o próprio sindicato pode, se for o caso, fazer a cooperativa funcionar. O esvaziamento do sindicato vem de outros fatores. Por exemplo, do fato do sindicato assumir tarefas que não são dele, como a assistência médica e odontológica. Isso esvazia o sindicato. O sindicato não deve fazer coisa. Deve fazer a coisa funcionar. Deve fazer funcionar a cooperativa, a prefeitura, o governo.

Cotrijornal: "Onde houver mais de uma pessoa com problemas semelhantes, que essas pessoas se reúnam e procurem discutir, em busca de soluções. Esse era o lema de todo o movimento comunitário. Foi assim que surgiram as associa-

ções, círculos, clubes, de estudantes, professores, operários, nos diferentes bairros de Ijuí. Isso a partir dos primeiros núcleos de agricultores. Qual o sucesso dessas entidades?

Osório Marques: O maior êxito de todas essas entidades é que conseguiram mudar toda uma política local. Hoje a estrutura de qualquer governo municipal está baseada nos bairros. Em termos de municí-

pio, foram feitas muitas pesquisas em anos anteriores e uma especificamente sobre a politização no Rio Grande do Sul, apontou Ijuí como a cidade mais politizada do Estado, mais do que a própria capital do Estado. Isso devido a esse trabalho de comunidade, onde a população começa a ter consciência dos seus problemas. Parece que por cima só existe cinzas, mas embaixo estão as brasas.



A ativa participação do associado.

Use Adubos Trevo.
Quem lida com fertilizantes há 46 anos,
sabe muito bem
como dar a você a terra prometida.

Pudera, todo esse tempo em que os Adubos Trevo vêm fertilizando terras pelo Brasil afora, sempre se soube que Trevo é marca de fé. Garantia de colheitas fartas. Certeza do pão na mesa.

Afinal, toda a tecnologia desenvolvida em suas fábricas está voltada inteiramente para o aperfeiçoamento de fertilizantes e calcários adequados às terras brasileiras, de maneira a suprir suas deficiências.

Inclusive agora, o complexo industrial da Trevo, no Superporto de Rio Grande, lança no mercado, também, Supertrevo, o NPK Granulado,

numa composição única de Nitrogênio, Fósforo e Potássio. Sem contar a constante produção de outras formulações NPK, para os mais diversos tipos de culturas.

Por isso, quando chegar a hora de adubar, acredite nos Adubos Trevo, antes de tudo.

Prá deixar sua terra santa.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Av. Júlio de Castilhos, 435

Fone 25-5455 - Porto Alegre - RS



DOM PEDRITO

EXPOSIÇÃO FEIRA AGRO-PECUÁRIA

Entre os dias 16 e 19 do corrente, Dom Pedrito estará promovendo a sua 44ª Exposição Feira Agropecuária. É uma promoção do Sindicato Rural do município, para a qual acreditam seus promotores seja ultrapassado o êxito verificado em anos anteriores.

Paralelamente a Exposição, foi organizada intensa programação social, com a realização de bailes nos principais clubes da cidade. No recinto do

Parque de Exposições haverá amostras de produtos, já tendo várias firmas industriais, comerciais e de prestação de serviços montado estandes com esse objetivo. E além da exposição de produtos de origem industrial, várias barracas montadas por instituições beneficentes colocarão a venda produtos artesanais feitos de lã, couro e demais produtos típicos da região da campanha.

A programação da 44ª

Exposição Feira Agropecuária de Dom Pedrito, que deverá levar ao município (agora também região COTRIJUI) muitos visitantes, terá o seguinte desdobramento:

Dia 13, quinta-feira, entrada dos animais, julgamento de admissão de bovinos e ovinos à galpão. Dia 14, sexta-feira, até às 12,00 horas, entrada dos animais, prosseguimento dos julgamentos dos animais à

premio. Às 14 horas, julgamento de classificação de equinos. Às 20,30 hs, palestra na Casa Rural. Dia 15, sábado, às 9,00 horas, julgamento de ovinos à galpão e campo, julgamento de classificação de bovinos à galpão. Às 14,30 hs, julgamento de classificação de bovinos à campo. Às 20,30 hs remate de ovinos à galpão e campo. Dia 16, domingo, às 15,30 hs. inauguração oficial e desfile dos animais premiados, provas e demonstrações a cargo do

C.T.G. Rodeio da Fronteira. Dia 17, segunda-feira, às 8,30 hs. remate de equinos. Às 10,00 hs. remate de bovinos à galpão e campo. Às 14,30 hs, prosseguimento dos remates; às 20,00 hs solenidade de entrega dos prêmios aos expositores. Dia 18, terça-feira, às 10,00 hs. prosseguimento dos remates. Dia 19, quarta-feira, às 10,00 hs prosseguimento dos remates e encerramento.

MIRAGUAI

SINDICATO COM NOVA DIRETORIA

Em solenidade que contou com a presença de autoridades municipais e entidades técnicas profissionais e representativas do município, realizou-se no dia 31 de agosto a posse da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai, em transmissão de cargo que aconteceu às 10,30 da manhã na sede da en-

tidade. Na presidência da entidade foi reeleito o sr. Aldomiro Antonio da Silva, tendo como companheiros imediatos Guilherme Waldemar Skalee e Antonio Maieron. Na suplência da diretoria estão Irineu Kunrath, Rosalvo Steilmann e Helmuth Carlos Lochder.

O conselho fiscal ficou assim constituído. Efetivos: Ro-

dolfo Alberto Matter, Lindolfo Eduino Arneman e José Nogueira, Suplentes: Hermann Britzius, Edvino Pluta e Nelson Schlemmer. Delegados junto a Federação. Efetivos: Aldomiro Antonio da Silva, Guilherme Waldemar Skalee. Suplentes: Antonio Maieron e Rosalvo Steilmann. Na foto uma pose dos membros da nova diretoria.



IJUI

ENTIDADES ASSOCIATIVAS TÉCNICAS

A Seção Regional de Ijuí da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul tem nova diretoria desde 1º de setembro. Foram eleitos para dirigir a entidade até setembro de 1978, os seguintes engenheiros agrônomos: Alberto Parenti Filho

(COTRIJUI), presidente; Castelo Branco y Castro (ASCAR), vice-presidente; Hélio Ito Pohlmann e Lauro Kühkamp, respectivamente secretário e tesoureiro, ambos da COTRIJUI.

TÉCNICOS AGRÍCOLAS

Foi fundada em Ijuí, du-

rante reunião realizada no dia 16 de setembro, tendo por local o auditório da COTRIJUI, a Comissão de Técnicos Agrícolas da COTRIJUI (COTACOTRI). A entidade, que tem em vista a defesa dos interesses da classe bem como o aperfeiçoamento profissional de seus

membros, elegeu e empossou na mesma oportunidade a seguinte diretoria: Presidente, Auri dos Santos Braga; vice-presidente, Vilmar Hendges; primeiro e segundo secretários, Sadi Pereira e Nelson Fiegenbaun e

primeiro e segundo tesoureiros, Iriné Roberto e Abrelino Rigodanzo. O conselho fiscal efetivo ficou constituído por Adroaldo Hartmann, Orivaldo Pruinelli e Romeu Rohde. Suplentes, Antonio Rossini, Walter Colombo e Arnaldo Valter Preissler.

AJURICABA

O DIA DA ÁRVORE

Dentro das comemorações da semana da árvore, a unidade da COTRIJUI de Ajuricaba, através da gerência e departamento técnico, junto com a comunidade, promoveu atividades que culminaram no dia da árvore, com palestras e plantio de essências nativas (pau-brasil, erva-mate). Essas atividades foram realizadas na Escola

D. Pedro I do distrito de Ramada, Escola Rural Monte Alvão da Linha 15 Norte e Escola Evangélica São da Linha 26 Norte, nas quais a COTRIJUI desenvolve um plano de arborização.

Idêntico trabalho desenvolveu-se junto à Praça Piratini, Grupo Escolar Comendador Soares de Barros. No CTG Gas-

par da Silveira Martins realizou-se o plantio de duas mudas de erva-mate. Na foto aparecem os srs. Geraldo Schorn e Wilmar Hedger, respectivamente gerente e técnico da COTRIJUI em Ajuricaba, supervisionando o trabalho de um grupo de estudantes na Escola de Monte Alvão, no interior do município de Ajuricaba.





CENOURA, GRANDE FONTE DE VITAMINA

A cenoura é um alimento de primeira ordem por conter alto teor de caroteno, elemento que, sob a ação de enzimas, transforma-se em vitamina A, durante a digestão. É um legume que se conserva por longo tempo, e seu sabor levemente adocicado combina com inúmeros outros alimentos.

As necessidades diárias que se tem de vitamina A podem ser supridas com apenas 100 g desse legume. Essa vitamina contribui para o bom estado da vista, da pele e das mucosas. Além disso, a cenoura contém muitos sais minerais, como fósforo, cloro, potássio, magnésio, cálcio e sódio. Porém é pobre em proteínas e hidrato de carbono. Por isso, é alimento indicado a pessoas que fazem dieta para emagrecimento.

A cenoura pode ser preparada sob a forma de sopas, saladas, cremes, suflês ou doces. É tão nutritiva que deve ser ingerida pelo menos três vezes por semana. Jamais se deve descascar a cenoura, pois as partes mais nutritivas estão próxi-

mas à superfície. Se for comida crua, é suficiente raspá-la ou limpá-la sob água corrente, com o uso de uma escova de cerdas duras.

A cenoura pode ser cozida de duas maneiras: inteira, com água fervente que cubra-a, durante vinte minutos, ou em rodela, com mais ou menos meio dedo de água. Para cada três cenouras, pequenas ou médias, juntar três colheres (de sopa), de manteiga e uma pitada de açúcar. Cozida desta forma em fogo brando, conserva-se bem o sabor e a cor, tornando-se ótimo acompanhamento de carnes e assados.

Uma gostosa sopa de legumes, papinhas para bebês, devem conter cenouras, assim como os caldos para molhos, as guarnições de legumes, sucos e vitaminas. Esse legume serve ainda para fazer doce em pasta, rocamboles, bolos e tortas. Na gaveta de legumes da geladeira, a cenoura conserva-se por duas semanas, e no congelador, cozidas e dentro de vasilhame com tampa, até três meses.

SALADA DE CENOURA

Prepara, 5 minutos; cozimento, 20 minutos. Usar como entrada, para 4 pessoas.

Ingredientes: 4 cenouras médias em rodela, sal, 6 colheres (de sopa) de óleo, 6 dentes de alho amassado, 2 colheres (de café) de cominho, 2 colheres (café) de páprica, 1 colher (café) de pimenta do reino e 3 colheres (de sopa) de vinagre.

Modo de fazer: abafe as cenouras em pouca água fervente com pouco sal, por 15 minutos. Reserve a água do cozimento. Aqueça um pouco o óleo. Junte o alho, o cominho, a páprica, o sal e a pimenta. Em seguida acrescenta a cenoura em rodela e deixe em fogo baixo por mais ou menos dois minutos, mexendo sempre.

Adicione então 4 colheres (de sopa) de água do cozimento da cenoura, e o vinagre. Ferva em fogo baixo por cerca de três minutos. Depois passe para uma travessa. Sirva esta salada de cenoura bem fria. Para ter uma variação, acrescenta ao molho da salada, salsa e cebolinha verde bem picadas.

SUFLÊ DE CENOURA

Ingredientes: meio quilo de cenoura, 5 ovos, 3 colheres de farinha de trigo, meia xícara de leite e sal.

Modo de fazer: cozinhe as cenouras e amasse bem; misture as gemas, farinha, sal e leite; junte por último as claras em neve. Ponha a mistura em forma pirex untada com manteiga e leve ao forno.

CORTE E COSTURA EM CORONEL BICACO



A valorização da mulher pela participação. Pensando assim é que o sindicato dos trabalhadores rurais de Coronel Bicaco continua realizando cursos destinados a senhoras e filhas de agricultores. Na foto o grupo que concluiu corte e costura a 23 de setembro, na localidade de Esquina Evangélica. O curso, teve como ministrante a professora Tereza Perin Dalsoto, e contou com a participação de 16 senhoras e jovens. Outros cursos do sindicato, são o de corte e costura na Esquina Mendonça e de bordado na sede.

A nova safra de máquinas Singer está na Cotrijuí.

Apesar de serem as máquinas de costura mais maduras que você pode encontrar, elas não estão na Cotrijuí só para encher os seus olhos.

Elas estão lá para que você escolha uma e leve para sua mulher.

E dentro da sua casa, e nas mãos da sua mulher, as máquinas de costura Singer vão começar uma outra safra: de vestidos, calças, camisas.

E fácil costurar numa Singer, e ela faz de tudo: chuleia, caseia, prega botões, borda e até costura.

Para facilitar a sua escolha, a Cotrijuí estabeleceu preços mínimos sempre dentro da sua política de servir melhor ao associado. As máquinas Singer estão esperando para serem colhidas por você.

SINGER

Costurar é um ato de amor e poupança.

JOSÉ DE ALENCAR E SEU BERÇO EM MESSEJANA



O redator com um professor maranhense e funcionária da U.F.C.

Oculto entre cajueiros frondosos e mangueiras gigantes de mais de 200 anos, numa região de acentuado cheiro de maresia e próxima a dunas monumentais, lá está, nas proximidades da vila de Messejana, a casa de José de Alencar. Parece que para provar que é na humildade do lar destituído de pompa e riqueza; na rudeza do chão batido e entre paredes cobertas com barro, que despertam os gênios da inteligência e do talento.

Com José Martiniano de Alencar foi assim, apesar de nascido de pais dotados de inteligência, talento político e posses financeiras. Seu pai, que ostentava o mesmo nome dado ao filho, figura destacada na política do Reino (tomou parte na Revolução Pernambucana de 1817), era padre. Dai, com certeza, os dissabores vividos pelo casal, a época do nascimento do futuro grande escritor.

José Martiniano de Alencar — pai — contrariou as ordens monásticas ao desposar uma prima-irmã, Ana Josefina de Alencar. O fato motivou-lhe

problemas de ordem familiar e pública, como é fácil deduzir de tal desfecho para um eclésiástico ordenado em pleno albor do século XIX. Assim se explica o ter José de Alencar nascido no humilde "lar" que aparece na fotografia, que nada mais era do que a garagem da Casa Grande da Fazenda do Alagadiço Novo. Mais pelo fato de haver renegado a batina do que pelo consórcio com a prima Ana Josefa, um lar mais condizente com o nome de seus genitores foi negado para receber neste mundo o futuro indianista.

José de Alencar, chamado Cazuza pelos familiares, veio ao mundo a 1º de maio de 1829 nas proximidades de Messejana, a 10 quilômetros de Fortaleza, Ceará. Quando menino, brincando à sombra das mangueiras centenárias ou correndo sobre a areia fina das praias próximas, com certeza não chegou a ter consciência de que havia nascido no lar humilde nos fundos da Casa Grande. Depois, adulto no Rio de Janeiro ou em Fortaleza, já escritor famoso (chegou a ser jornalista,

jurisconsulto, deputado em diversas legislaturas e ministro de Estado da Justiça no Gabinete Itaboraí), decerto não teve tempo para pensar que lar tão humilde não lhe fazia justiça.

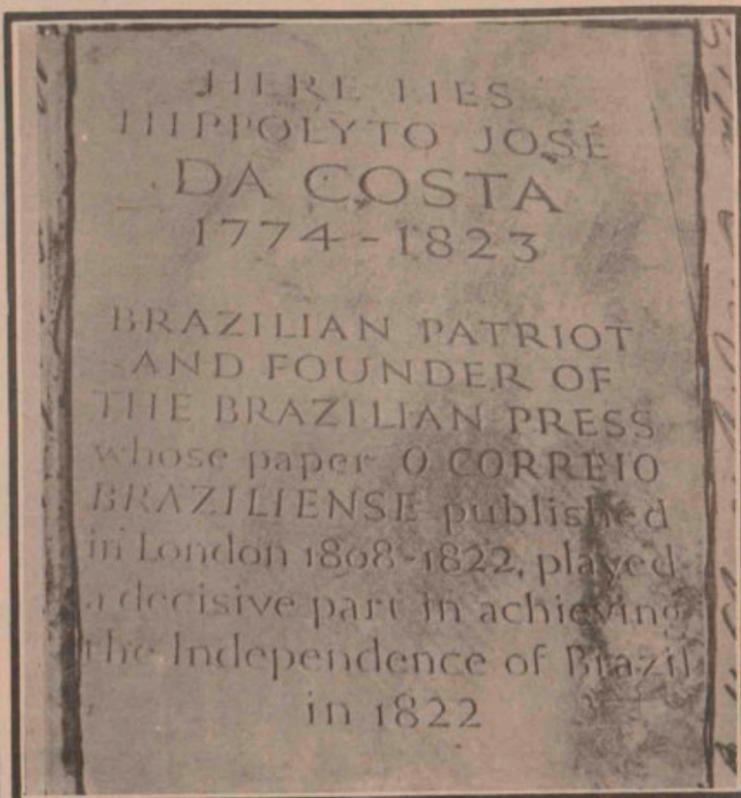
Já de muitos anos a Casa Grande não mais existe. Mas a casinha humilde dos fundos, por haver abrigado Ana Josefa de Alencar, sua genitora, nos momentos derradeiros do parto do menino ilustre, está conservada tal como era nos idos de 1829, quando o Cazuza anunciou num vagido tão imponente quanto o grito de guerra dos índios que ele viria a retratar em suas obras, o anúncio vibrante de sua chegada a este mundo. Conservada como um dos principais monumentos da história cearense, a casinha onde nasceu o escritor, devidamente tombada, está hoje agregada ao patrimônio da Universidade Federal do Ceará.

Visitada por todo o turista culto que chega em Fortaleza, a casinha branca de Messejana já é considerada o local de maior procura dentre todos os pontos turísticos da cidade. Quando o redator do COTRIJORNAL lá esteve, já encontrou um professor de criminalística de São Luiz do Maranhão e uma professora da Universidade do Ceará, como aparecem na fotografia.



Vista frontal da casa, aparecendo a esquerda a garagem para as carruagens da Casa Grande. A casa é conservada pela Universidade do Ceará.

HIPÓLITO DA COSTA E O SEU TÚMULO EM LONDRES



O jornalista Carlos Wallau, diretor da Revista "A Granja", esteve no ano passado na Europa. Durante estada na Inglaterra visitou a cidade de Hurley, no condado de Berkshire, onde se encontra no interior da Igreja de Santa Maria Virgem, o túmulo de Hipólito José da Costa, patrono do jornalismo brasileiro.

Wallau endereçou correspondência ao redator com a foto do epitáfio colocado sobre a campa pelo Duque de Sussex, irmão do Rei Georg III e então grão mestre da Maçonaria da Inglaterra, onde se lê em inglês o seguinte texto: "Aqui jaz Hippolyto José da Costa (1774 1823). Patriota brasileiro e fundador da imprensa no Brasil, cujo jornal, o Correio Braziliense publicado em Londres de 1808 a 1822, teve decisiva participação na conquista da independência do Brasil no ano de 1822".

Depois que depositar os lucros da minha lavoura na Caderneta Apesul de Poupança, deu até prá comprar um trator novo.

Olha só ele aí.

Dinheiro depositado na Apesul é lucro certo. Seu Faustino que o diga: com a lavoura já deu prá comprar um trator novo. A cada ano que passa, a lavoura dá mais lucro e seu Faustino não deixa por menos: vai até a Apesul fazer o seu depósito. Deposite na Apesul. Lá seu dinheiro está guardado pelo Governo Federal e rende muito mais, porque de três em três meses leva dividendo, correção monetária e a gente pode retirar quando e quanto quiser.

Caderneta APESUL de Poupança
Rua do Comércio, 219 - Rio de Janeiro



Faça como o seu Faustino: deposite os lucros da sua lavoura na Caderneta Apesul de Poupança. É renda certa.

MEDICINA PRÁTICA

Dr. Solon Gonçalves da SILVA

Em 1945 a dra. Beatrice Berle, sanitarista americana apaixonada pelos problemas brasileiros, publicou um livro sob o título "Problemas de Medicina Prática e Preventiva no Brasil", restrito, infelizmente, à uma limitada faixa de leitores. Escreveu-o em colaboração com quase vinte técnicos de saúde pública, entre os quais dezesseis brasileiros e quatro norte-americanos, um agrônomo, um antropologista, um engenheiro e um médico. Como ela mesma dizia, foi um belo esforço cooperativo, necessário e indispensável para o estudo e a solução dos problemas sanitários brasileiros.

É um livro a que tenho carinho especial pelo que representa de uma fase de minha vida quando também fui, discípulo de Bonifácio Costa, soldado de uma cruzada pelo interior do Rio Grande. — Revendo o passado, na soma dos erros e dos acertos do trabalho realizado, discutia com o estimado Mestre, a muita valia de seu esforço e dedicação por uma causa que, se deitou raízes profundas na consciência coletiva, na realidade, foi uma árvore plantada que não produziu os frutos desejados por uma dissintonia de estruturas.

Atualíssimas as palavras que Beatrice Berle escreveu no prefácio de seu livro: "A prescrição simples de um remédio não basta para a solução de problema de saúde. Nenhuma população pode ser curada, ou livrar-se de uma moléstia, apenas com pílulas. Curar-se e permanecer curado é um processo ativo que requer a cooperação do indivíduo e de toda a comunidade". Mais adiante acrescenta: "para obter saúde deve-se fazer um esforço coletivo tremendo, mas esse esforço precisa ser informado; daí a necessidade da educação intelectual. Cada indivíduo deve conhecer, com exatidão, quais as medidas preventivas a serem adotadas numa determinada situação, podendo ser também o orientador do ambiente em que vive".

Já se ve claramente que data de longos anos, a luta pela adoção de novos processos para se alcançar melhores índices de saúde dos povos. É bom recordar a Dra. Beatrice.

Porque foi uma lutadora e antecipava uma medicina global com participação integral do trimônio: médico-paciente-comunidade.

E antecipava a educação das massas, a informação e a divulgação permanente dos princípios fundamentais que norteiam a medicina preventiva em que se inclui não somente, evitar as doenças, proteger a saúde, mas também, saber mantê-la quando recuperada. Ainda hoje são notórias as andanças de doentes, cinco, dez, vinte vezes e mais, pelos ambulatórios, pelos consultórios, a busca de uma mesma solução, lamentavelmente, nesse ponto, sem maiores resultados e o que é pior, com desgaste econômico que quase sempre leva o indivíduo à indigência.

Está na ordem do dia, ainda com certa timidez, o debate sobre o problema das modalidades do exercício da medicina no Brasil. Alguns importantes órgãos de imprensa do país tem dedicado editoriais ao exame do assunto. Em São Paulo foi fundado o Centro Brasileiro de Estudos de Saúde e vem se dedicando corajosamente ao exame da problemática sanitária brasileira atento à realidade universal. Não somos, não podemos e não devemos ser indiferentes ou alheios ao que se passa ao nosso redor. Se as estatísticas revelam que, apesar de termos crescido em números em matéria assistencial — número de médicos por habitantes, número de hospitais e de leitos, número de órgãos e empresas assistenciais etc., — apesar de tudo isto, os índices de mortalidade, especialmente, o da mortalidade infantil, tem aumentado, nos últimos anos, o que está ocorrendo? O que há de errado? Todo o enorme esforço de decênios em matéria de saúde pública tem sido em vão? As populações não tem sido informadas, não tem sido educadas, não tem sido vacinadas? O número de consultas nos dispensários, ambulatórios, etc. de Saúde Pública não tem aumentado de ano para ano? O que é que está falhando? A resposta é dura e situa-se num campo que extrapola dos limites de ação da Saúde Pública. Na verdade, uma série de fatores contingentes do desenvolvimento nacional trazem consigo a contrapartida negativa desses reflexos e tornam inúteis todos os esforços.

CIGARRO COM FILTRO, UMA ALEGÓRICA SOFISTICAÇÃO

Ao contrário do que a maioria pensa, os cigarros com filtro talvez prejudiquem ainda mais a saúde do que os cigarros comuns, principalmente com relação aos propensos a problemas coronários e cardíacos em geral. Isso é que o dr. Nicholas Wald, do Departamento de Epidemiologia da Universidade de Oxford, está tentando provar.

O dr. Wald descobriu que

a produção de monóxido de carbono de uma certa quantidade de cigarros com filtro era, em média, 28% mais alta do que das marcas sem filtro.

O cientista diz também que o aumento dos índices de mortalidade por males cardíacos-coronários na Inglaterra e em Gales, de 1969 a 1973, fortaleceu a sua tese.

Em face das pesquisas de-

envolvidas pelo cientista inglês, é fácil chegar a conclusão que o filtro nada mais é do que uma sofisticação a mais no hábito doentio de fumar e nunca uma minimização dos graves perigos do fumo. Sem dúvida, por mais que se procure anti-dotos com vistas a diminuição dos riscos do fumante, a única solução é não fumar, segundo a conclusão da medicina.

DOENÇAS QUE MAIS ATACAM OS BRASILEIROS

Quais as doenças que mais atingem os brasileiros? Para encontrar a resposta basta acionar um computador, como o 7700, que o presidente Geisel inaugurou recentemente no Serviço de Processamento de Dados da Previdência, no Rio.

Já no dia da inauguração o computador começou a trabalhar e revelou que a hipertensão, a neurose e a artrite são, pela ordem, as doenças que mais atingem os brasileiros.

Também segundo seus dados, Rio de Janeiro e São Paulo são os Estados onde a hipertensão é responsável pelo maior número de aposentadorias; em Pernambuco e no Rio Grande do Sul, a principal causa da aposentadoria por doenças são as neuroses; em Goiás, artrite e no Pará, as doenças da vista.

O conjunto das doenças hipertensivas, conforme o computador, também aumentou para 6,1% este ano, contra

4,9% no ano passado. Em compensação, o computador anunciou uma redução na incidência da tuberculose, epilepsia e alcoolismo.

Para os técnicos da previdência, as informações do computador 7700 poderão alterar a curto prazo algumas teses sobre a saúde dos brasileiros. A principal: em 1977 as neuroses têm aumentado 9% — contra 8,3% em 1976 — atingindo principalmente as mulheres.

VI CONGRESSO AMRIGS

A Associação Médica do Rio Grande do Sul estará realizando entre 17 e 22 do corrente, tendo por local dependências da SOGIPA, em Porto Alegre, seu VI Congresso.

O tema escolhido como divisa do Congresso foi o "Câncer", que foi dividido em seis jornadas: Ginecologia e Obstetrícia, Neurologia, Pediatria, Pneumologia, Endocrinologia e Cirurgia. O tema será desenvolvido através de mesas-redonda, conferência e cursos, com horários programados para apresentação de temas livres.

Além de grande número de especialistas brasileiros, participarão como convidados destacados nomes da medicina internacional, de praticamente todos os continentes.

A comissão organizadora do VI Congresso Amrigs está assim constituída: presidente-executivo, médico Franklin J. Marcantônio Cunha, com os coordenadores de jornadas: Cirurgia — Jorge Luiz Antoniazzi; Ginecologia e obstetrícia, Gustavo Gomes da Silveira; Endocrinologia, Dinis José

Breda; Neurologia, Celso Aquino; Pediatria, Paulo Bersch e Pneumologia, Jo-

sé Chaieb, todos médicos capacitados em suas especialidades.



Milho... e só milho em sua lavoura.

**Quem conhece
PRIMEXTRA 500 FW
pode esquecer as ervas daninhas.**

PRIMEXTRA 500 FW
o herbicida seletivo
para milho, comprovado.



CIBA-GEIGY
CIBA-GEIGY QUÍMICA S.A.
Divisão Agroquímica
Av. Santo Amaro, 5137
Tel: 241-0691
São Paulo - SP

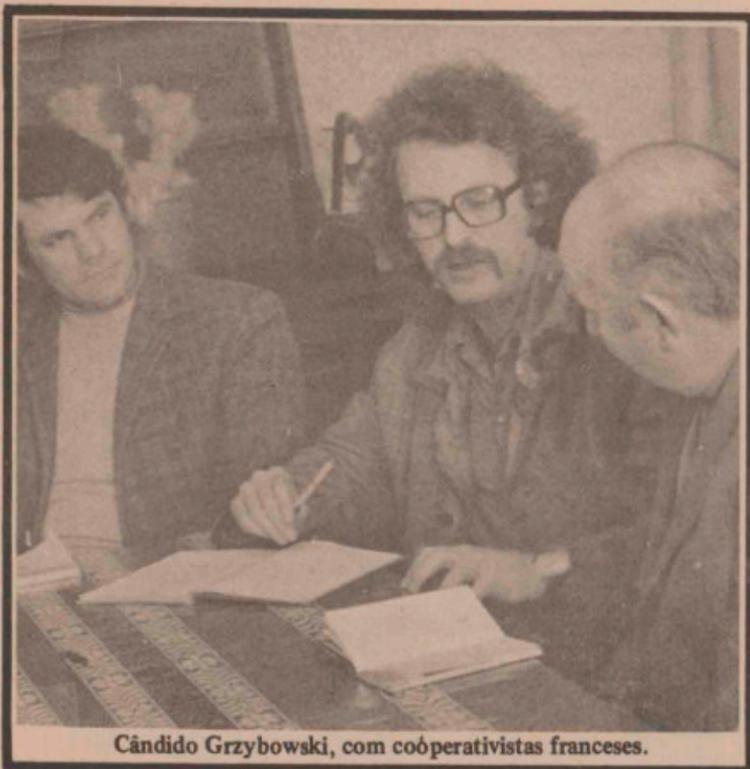
"em cada pedacinho de terra um amigo CIBA-GEIGY"

Desejo receber gratuitamente o boletim Técnico Primextra 500 FW.

Nome: _____ Rua: _____ Cidade: _____ Estado: _____ n.º _____

Imprensa Internacional

UMA "JOINT VENTURE" PODE



Cândido Grzybowski, com cooperativistas franceses.

"Notes du Cerei" é uma publicação dedicada à América Latina, editada pelo "Institut National de la Recherche Agronomique", de Paris. Exatamente por destinar-se a América Latina, é editada em francês, espanhol e português.

Em seu número correspondente a julho, "Notes du Cerei" publica estudo econômico do brasileiro Cândido Grzybowski, que cursa mestrado em sociologia na Sorbonne. Grzybowski é antigo colaborador do COTRI-JORNAL, para quem já remeteu diversos e importantes artigos sempre versando sobre economia e sociologia.

O artigo a seguir, tirado de "Notes du Cerei", é de sua autoria:

Em 27 de novembro de 1976, em Teerã, foi assinado um acordo preliminar entre o Banco de Desenvolvimento Agrícola do Irã e o Banco de Desenvolvimento Industrial do Irã, de um lado, e o Banco do Brasil e a COTRI-JUI de outro, para a realização dos estudos técnicos e econômicos com vistas à criação de uma "Joint Venture" ligada à importação de soja, trituração de soja e comercialização de óleo e farelo de soja no Irã. O acordo determina os estudos a serem realizados no que concerne ao fornecimento de soja brasileira, fretes marítimos entre o Brasil e o Irã,

a viabilidade técnica e econômica de construção de um porto graneleiro no Golfo Pérsico, a estimativa da produção e do mercado iraniano para óleos e farelos, em especial da soja, a localização, o dimensionamento e a organização de uma indústria de trituração de soja. Ainda segundo o acordo, uma vez verificada a viabilidade da empresa, esta será constituída com 85 por cento de capital sob responsabilidade do Grupo Iraniano e 15 por cento do Grupo Brasileiro.

O interesse por parte do Brasil em tal empreendimento é duplo: de um lado, está vendendo tecnologia (porto graneleiro e indústria trituradora de grãos) e assegurando um mercado para a crescente produção de soja; de outro lado, está associando um de seus produtos agrícolas exportáveis ao item que mais pesa na sua balança comercial: a importação de petróleo. A "Joint Venture" do Irã não é, por isto, um fato isolado, mas se inscreve na estratégia brasileira a nível do mercado mundial. Qual é esta estratégia? Quais as suas condições de realização? Quais são os agentes sócio-econômicos envolvidos e quais são os seus interesses? O caso concreto da empresa a ser implantada no Irã dá margem para serem levantados alguns

aspectos que mostram o tipo de ação do Brasil no mercado externo, sobretudo de produtos agrícolas.

A SOJA NO BRASIL

A soja é reveladora de certas condições sob as quais se desenvolve a agricultura brasileira. No ano agrícola de 1975-76, a produção brasileira de soja atingiu 16,2 por cento da produção mundial. Aproximadamente 70 por cento desta produção se realizou no mercado externo, gerando para o país mais US 1,5 bilhões (19,5 por cento do total das exportações).

Nosso objetivo é simplesmente levantar uma problemática e abrir um debate. Neste sentido, um primeiro aspecto que queremos salientar são as relações que estão na base do desenvolvimento interno da agricultura de exportação dos anos recentes. Sem dúvida, os preços a nível do mercado externo sendo favoráveis, (como no caso da soja), são uma condição necessária ao crescimento interno da agricultura, mas não uma condição suficiente. Esta é dada, de um lado, pelas possibilidades criadas a uma camada de produtores de realizar investimentos rentáveis, e, de outro, pela integração agricultura/indústria (produção e/ou importação de máquinas e implementos agrícolas e outros insumos modernos e transformação de produtos agrícolas), sendo esta integração de interesse crescente das multinacionais instaladas no país. A isto se acrescenta o fato de que, em seu conjunto, a economia nacional para pagar a crescente importação de tecnologia, os "royalties" os investimentos externos, os empréstimos, os juros e os lucros, etc., decorrentes do modelo de acumulação capitalista no Brasil, depende ainda em grande parte da exportação de produtos agrícolas (em torno de 2/3). O problema se apresenta em dois níveis: o primeiro se refere às relações diretas entre agricultura e indústria no processo de desenvolvimento; o segundo, às relações entre o modelo de acumulação no conjunto da economia e o desenvolvimento particular da agricultura de exportação.

O Estado, pela sua política

agrícola e de exportação, cria as condições para que esta relação entre as indústrias de "ponta" e o setor agrícola possa se dar e para que, vendendo os produtos agrícolas no mercado externo, sejam asseguradas as condições do atual modelo de desenvolvimento. Assim, a política de crédito agrícola, a juros negativos e os subsídios diretos (por exemplo, 40 por cento do preço dos fertilizantes até fins de 1976 ou, atualmente, o financiamento destes insumos sem juros) estão atuando no sentido da "modernização" do aparelho produtivo, pela aquisição de máquinas pelos produtores, adubos, etc., permitindo a especialização e a intensificação da produção. Tal política acarreta um aumento constante em termos de produtos agrícolas, a preços relativos mais competitivos no mercado externo e interno. A produção de soja se desenvolve dentro destas condições.

PRINCIPAIS AGENTES

Primeiramente cabe levantar a especificidade do complexo soja no Brasil em relação ao complexo dominante dos EUA. Se a principal característica da expansão da soja no Brasil é a sua estreita ligação ao mercado externo (diferente dos EUA), isto se deve tanto à sua marginalidade em relação à produção americana, como especialmente ao nível de transformação das condições internas do conjunto da agropecuária brasileira e, por consequência, ao poder de organização e intervenção dos seus agentes sócio-econômicos. A internalização do complexo soja no Brasil (diretamente associado ao desenvolvimento da cultura do trigo) depende, de um lado, da ação dos grandes grupos industriais instalados no país em vistas do aprovisionamento, especialmente de rações e da transformação dos produtos

SOJA

OS EXCELENTE RESULTADOS COMPROVAM:

Laço
Monsanto

+

Sencor

OU

Lexone

+

MISTURA COMPROVADA PARA O SUCESSO DA SOJA.

As aplicações de herbicida Laço mais Sencor® ou Lexone®, na superfície, após o plantio da soja e sem incorporar, resultam nos melhores controles de ervas e nas mais altas produções.

Laço
Monsanto

LAÇO® é marca registrada de Monsanto Co.

Comercialização e Serviços Técnicos no Brasil, pela Divisão Agrícola de **Indústrias Monsanto S.A.**
 01301 R. da Consolação, 881 - 1º and. - C. P. 8341
 Tel. 257-7966 (PABX) - Telex 011 21863 - S. Paulo, SP
 90000 Praça Dom Feliciano, 78 - 6º andar - sala 606
 Tel. (0512) 24-8469 - Porto Alegre, RS
 86100 Rua Professor João Cândido, 344 - sala 306
 Tel. (0432) 23-8029 - Londrina, PR

Imprensa Internacional

LEVAR A COTRIJUI AO IRÃ

Candido GRZYBOWSKI

agrícolas. Depende, de outro lado, de uma transformação dos métodos de criação, de extensivos a intensivos. A transformação da estrutura agrícola levanta problemas não só econômicos mas também sociais. Assim, expandiu-se a produção de soja, mas não se intensificou igualmente o consumo de torta de soja. Por isto, as exportações assumem grande importância no caso do Brasil.

Aqui é possível distinguir os grupos sócio-econômicos básicos que se definem neste processo. De um lado, os produtos agrícolas, com condições extremamente variáveis (desde empresas capitalistas aos pequenos estabelecimentos familiares de produção), na maior parte organizados em cooperativas comuns. De outro lado, as indústrias de máquinas e insumos agrícolas e da agroindústria, predominantemente sob controle multinacional. No Rio Grande do Sul, principal zona produtora de soja, as cooperativas contam com uma capacidade de armazenamento de mais de 5 milhões de toneladas, coletando em torno de 80 por cento da produção de soja no Estado. Além disso, está nas mãos das cooperativas um porto graneleiro (o porto é de propriedade da COTRIJUI). Elas estão praticamente ausentes tanto da trituração de grãos (uma das exceções é ainda a COTRIJUI, com uma capacidade instalada de trituração de aproximadamente 550 mil toneladas), como da indústria de abastecimento (máquinas, adubos, etc). Assim, nas mãos dos produtores estão as atividades exigentes em investimento (coleta, armazenamento, escoamento, porto, etc), pouco rentáveis. Nas mãos dos grandes grupos, especialmente multinacionais, estão as atividades de industrialização e certas atividades comerciais, as mais lucrativas. Desenha-se, sem dúvida, uma divisão de trabalho entre cooperativas de produtores e grupos comerciais e industriais multinacionais. Esta divisão é reforçada pela ação do Estado.

Através da política agrícola geral (II Plano Nacional de Desenvolvimento), dos órgãos concretos do Ministério da Agricultura e do financiamento agrícola, o Estado se baseia nas cooperativas para operar a transformação da estrutura produtiva, difundir a utilização de tecnologia de origem industrial, "modernizar" a agricultura e organizar as atividades de coleta e estocagem dos produtos. As cooperativas neste processo reforçam a tendência à integração da agricultura com a indústria, buscada pelas multinacionais.

Na divisão de funções decorrente da exportação de soja cabe, predominantemente, às cooperativas a exportação de grãos. As multinacionais da trituração exportam farelo e óleo de soja. Daí porque é uma cooperativa que participa no projeto do Irã.

A ESTRATÉGIA BRASILEIRA

Mas o problema da exportação de soja brasileira e os diferentes interesses aí presentes se inscrevem num quadro de relações bem mais amplo. A soja brasileira no mercado externo entra em concorrência com a soja americana. Os EUA exercem um monopólio no mercado mundial desta oleaginosa, dada a sua produção e a capacidade de intervenção nas condições de concorrência que possuem seus agentes sócio-econômicos, através do Estado americano e dos organismos de ação internacional. É evidente que também nos EUA os diferentes agentes consideram a produção brasileira de maneira diferentes. As indústrias americanas são as mesmas que industrializam a soja brasileira e tem, por vezes, interesses contrários aos dos produtores quanto à expansão da cultura de soja no Brasil e suas exportações. Assim mesmo, no ano de 1976, o Secretário do Tesouro do governo Ford interveio diretamente junto às autoridades brasileiras visando acabar com os subsídios de que goza a produção e a exportação de soja, entre outros. Como conse-

quência, já em fins de 1976 e janeiro de 1977, o governo brasileiro anunciou uma reformulação parcial de sua política de crédito e de subsídios ao uso de fertilizantes.

Nesta conjuntura, dada a crescente importância da soja como geradora de divisas para o país, uma estratégia de exportação se define. Desde 1972 e mais precisamente desde fins de 1975, a estratégia comercial do Brasil no mercado externo usa o potencial de negociação que representam as suas compras no exterior (mais de US 12 bilhões, em 1976), especialmente de petróleo (mais de US 3 bilhões no mesmo ano).

Em 1975 foi criada uma "Trading Company", a Interbras, uma filial da Petrobras. A finalidade desta companhia é vender produtos brasileiros no mercado externo, associando, quando possível, as exportações à política de importação de petróleo. A Interbras atua em estreita vinculação com as cooperativas agrícolas.

No quadro estreito de manobras no mercado externo, o Brasil marca a sua ação com a busca de tratados comerciais a longo prazo, em que seus produtos (especialmente agrícolas) são trocados contra petróleo e produtos industriais de que necessita. A preferência é dada aos países com economia centralizada (como países do bloco socialista) ou com aqueles em que as transações comerciais passam por órgãos e empresas estatais. Por exemplo, foi assinado um tratado entre o Brasil e a Polônia, para o período 1976-80, em que os dois países se comprometem trocar produtos no valor de US 3,2 bilhões. Do lado brasileiro, entre outros, tal tratado assegura um mercado de 300 mil toneladas de farelo de soja e 150 mil toneladas de soja em grãos.

PROJETO NO IRÃ

É neste contexto que foi assinado o acordo com respeito à "Joint Venture" no Irã. O ne-

gócio, sem dúvida, é de soja e de petróleo. Muita coisa poderá acontecer antes da realização completa do projeto. Mas já é possível se interrogar sobre alguns aspectos. Em primeiro lugar, por que o Irã e o que significa a soja para este país?

O Irã é um importador líquido de produtos agrícolas (US 1,5 bilhões em 1975), mas pouco representam as tortas e farinhas (0,8 do valor total em 1975), sendo nula a importação de torta de soja. Os óleos em geral, pelo contrário, representam uma parcela importante das importações agrícolas (14,1 por cento do valor em 1975), sendo que o óleo de soja atingiu 2/3 do valor total deste item (153.200 toneladas). O projeto da "Joint Venture" poderá vir a atender este mercado.

Mas o Irã tem também grandes projetos em relação ao desenvolvimento da pecuária.

Tais projetos podem representar um importante mercado para a torta de soja, como componente das rações animais.

A questão que resta levantar é sobre o papel das multinacionais (indústrias de abastecimento e transformação dos produtos agrícolas) em relação ao projeto iraniano/brasileiro em si e ao desenvolvimento da agricultura do Irã em geral. Mesmo se o projeto da "Joint Venture" visar os mercados vizinhos (sobretudo a URSS), a relação dele com as multinacionais é decisiva como o é no Brasil, na Europa, no Japão, nos EUA.

É nesta ampla problemática que situamos o projeto da COTRIJUI e do Banco do Brasil S.A., no Irã. Cabe aos fatos dizerem o real alcance desta ação de grupos brasileiros no conturbado mercado mundial de matérias-primas agrícolas.

O dinheiro não está fácil para ser jogado no mato.

Na hora de comprar herbicida, é melhor perder um pouco de tempo comparando um a um, do que perder muitos cruzeiros depois. Milhares de agricultores já fizeram isso.

E acabaram preferindo Treflan, o mata-mato.

Vale a pena conhecer suas razões:

- Treflan é mais do que um herbicida, é um Sistema, o Sistema Treflan.
- Treflan nunca falhou.
- Treflan tem assistência técnica que não falha.
- Treflan tem a garantia do Controle de Qualidade Elanco.
- Treflan ou Treflan Combinado controla os matos de folhas estreitas e largas.
- Treflan é feito pela Elanco, com matéria-prima brasileira.
- Treflan tem experiência, faz o que diz há 13 anos.
- Treflan já está provado e comprovado.
- Treflan dá tranquilidade.
- Treflan e Elanco, produto e companhia que os Engenheiros Agrônomos podem recomendar.

Estas são as vantagens que você tem quando usa Treflan.

E isso é uma coisa que nenhum outro herbicida pode oferecer.

Como você pode ver, esta simples comparação não é só uma questão de ganhar dinheiro. É uma questão de ganhar tranquilidade.

Fale com o Engenheiro Agrônomo de sua cooperativa.

ELANCO

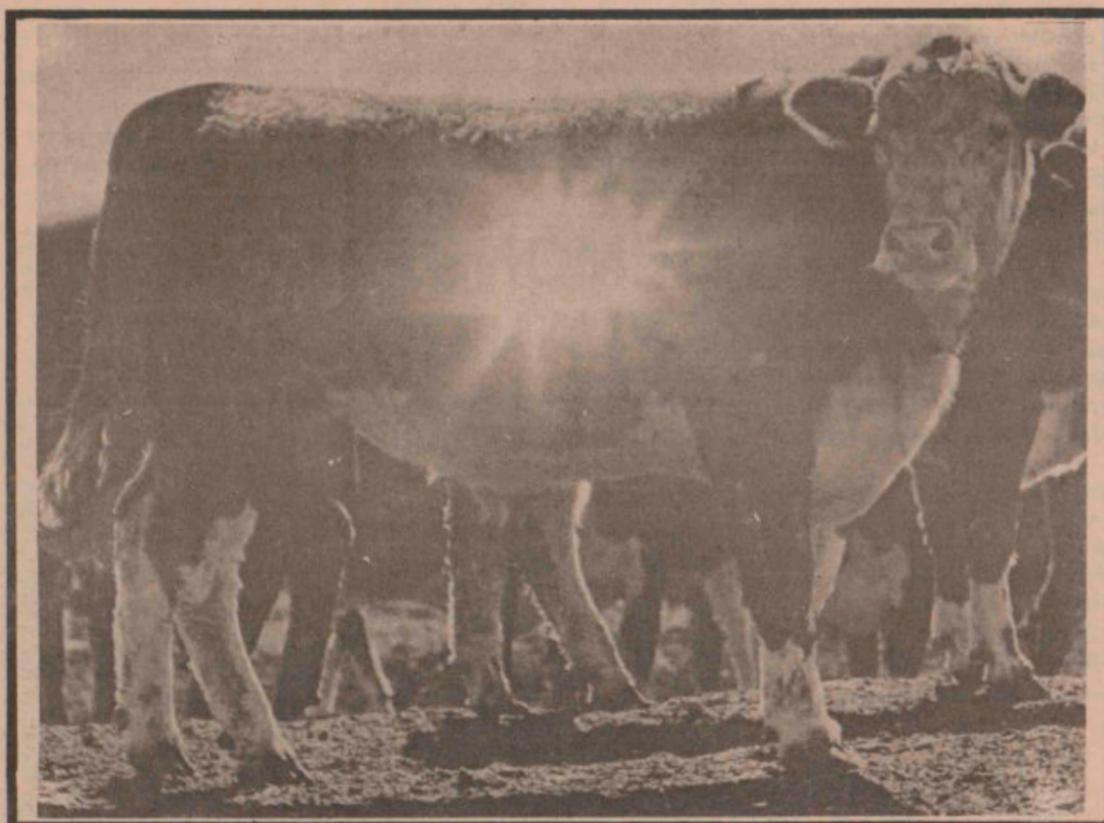
Treflan

Fabricante de Treflan, Cobari, Hygromix, Perflan, Tylan e Trifluralina.

Tipificação de Carcaças:

TÉCNICOS QUEREM AUMENTAR OS LUCROS DO PECUARISTA

Realiza-se em Dom Pedrito o I Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, promovido pela COTRIJUI.



Um novilho pode chegar aos dois anos e meio de idade com um peso mínimo de 380 quilos em pé, e com 200 quilos só de carcaça? Vai se saber se isso é possível nesta primeira quinzena de outubro, quando se terá o resultado do I Concurso de Novilhos Precoces do Rio Grande do Sul, promovido pela COTRIJUI.

Os objetivos principais desse concurso, que será realizado entre os dias 6 a 15, na unidade da cooperativa em Dom Pedrito, é ativar as atividades dos pecuaristas para apressar o tempo de criação dos novilhos, dentro das melhores qualidades e tipos, para garantir mais rendimentos e obter maiores lucros.

Para isso, há mais de um ano o Departamento Técnico da COTRIJUI vem prestando assistência técnica a inúmeros pecuaristas da região, para participarem do concurso. O resul-

tado positivo será uma coroação dos trabalhos e também uma prova que a pecuária precisa trabalhar dentro de padrões fixados.

O veterinário da COTRIJUI, Valdir Groff, acha possível o novilho alcançar em dois anos e meio o peso de 380 quilos em pé, e 280 quilos só de carcaça. Ele diz que "para conseguir esse padrão, é preciso, antes de tudo, uma boa alimentação, principalmente com pastagens. Mas não se pode descuidar da saúde e das instalações".

As vantagens do pecuarista seguir essa padronização, segundo Valdir Groff, são muitas, "Principalmente porque o pecuarista abatendo o novilho com dois anos e meio já com o peso ideal, terá uma carne de melhor qualidade. Ao contrário, como muitas vezes acontece, que o boi chega a ficar velho, com quatro, cinco anos, e a carne já está dura e gordurosa.

Desta maneira o consumidor será beneficiado, pois receberá uma carne nova e de boa qualidade. Outra vantagem que Valdir Groff considera, é que o pecuarista terá uma maior rotação de animais, serão vendidos mais rapidamente, o que proporcionará maiores lucros.

A própria Secretaria da Agricultura do Estado, no início do mês de setembro, também se manifestou, através do secretário Getúlio Marcantônio, favorável ao desenvolvimento mais rápido do gado. Ele sugeriu a efetivação de um plano, em todo o Estado que vise a tipificação da carcaça, com o objetivo de proporcionar ao pecuarista melhores qualidades de carne do gado, com preços mais compensadores.

Essa idéia, bastante difundida durante a 40ª Exposição Estadual de Animais, vem repercutindo muito bem entre os pecuaristas gaúchos.

EXPOSIÇÃO DE GADO LEITEIRO EM IJUI

Com a realização em Ijuí da 5ª. Exposição de Gado Leiteiro, renova-se a oportunidade aos criadores de adquirir fêmeas bovinas com registro, atestados negativos de doenças e certificados de prenhez positiva. Trata-se de certame oficializado pelo Ministério da Agricultura e Secretaria da Agricultura do Estado. A exemplo de edições anteriores a promoção conjunta da Prefeitura Municipal e IMERAB está contando com os serviços da COTRIJUI, que presta assessoramento técnico.

A exposição terá lugar no Parque Regional de Feiras e Exposições "Assis Brasil", km 334 da BR-285. Por ocasião do leilão, representantes da rede bancária autorizada estarão presentes à disposição dos compradores interessados em obter financiamentos. As datas destinadas para recebimento dos animais são 12 e 13 do corrente. Neste último dia terá início a exposição, estendendo-se até o dia 15 de outubro.

BAHIA QUER EXPERIÊNCIA DA COTRIJUI

"A cooperativa só cresce quando o associado cresce com a cooperativa". Com essas palavras o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva resumiu o avanço alcançado pela COTRIJUI, ao presidente do Banco de Desenvolvimento da Bahia (Badesba), Silvio Santos Faria, que esteve no início de setembro na cooperativa em companhia do vice-presidente em exercício do Banco Nacional de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul (Badesul), Sérvulo Luiz Zardin, e da assessora de direção do mesmo Banco, Carmem Englert.

Antes porém, Ruben Ilgenfritz fez uma exposição de todas as atividades que a COTRIJUI vem desenvolvendo e as funções de cada setor. Acentuou principalmente a participação dos associados agricultores, através do sistema de nucleação e dos meios de comunicação interno. No final, o presidente do Badesba disse entusiasmado: "Esse é um modelo vitorioso que deve ser levado para a realidade da Bahia".

O principal objetivo da visita dos dirigentes bancários, especialmente de Silvio S. Faria (o Badesul esteve mais como elo de ligação), era para conhecer o sistema cooperativista desenvolvido pela COTRIJUI. E a sua impressão, conforme confessou, foi a melhor possível.

Logo se pensou em como realizar um intercâmbio de experiência. O presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, juntamente com o vice-presidente, Arnaldo Drews e do diretor financeiro, Osvaldo Meotti, apresentou a disposição da COTRIJUI em receber associados, membros do conselho e dirigentes das cooperativas baianas para conhecerem, aqui, todas as atividades que são desenvolvidas.

Silvio Santos Faria considerou essa alternativa a mais eficiente e mostrou-se disposto a incentivar, de imediato, o cooperativismo baiano, dizendo que "é um dever de cada banco assumir o desenvolvimento das cooperativas de sua região".

ÉPOCAS DE SEMEADURA NO RIO GRANDE DO SUL

A escolha da melhor época de semeadura é da maior importância para a obtenção de altos rendimentos e deve sempre levar em conta o ciclo das cultivares que serão usadas e as condições do local, principalmente quanto a fotoperíodo (luz) e temperatura.

A soja, de uma maneira geral, apresenta alta sensibilidade à variação do fotoperíodo e isto traz em mudanças muito acentuadas no comportamento (rendimento, fenologia, porte, altura de inserção de vagens, etc) quando uma mesma cultivar é semeada em latitudes diferentes, ou mesmo dentro da mesma latitude, em épocas diferentes. A resposta de uma variedade ao fotoperíodo é o que determina se ela é de ciclo precoce, médio ou tardio, visto que cada uma delas tem um comprimento de dia crítico abaixo do qual tem início o processo de florescimento. Assim, uma cultivar tardia a 30° de latitude no Rio Grande do Sul, irá encurtar o ciclo a 20° de latitude em São Paulo, onde poderá ser considerada de ciclo médio ou até precoce, mesmo semeada na mesma data. O mesmo ocorre quando, à mesma latitude, atrasarmos a data de plantio. O sub-período de emergência ao florescimento sofrerá um encurtamento, pois o fotoperíodo será atingido com menor número de dias, o que implicará em mudanças no comportamento da cultura.

Por seu turno, a temperatura também é um fator importante na determinação da melhor época de semeadura. Assim, a uma mesma latitude, em diferentes locais podemos ter condições térmicas bem diversas em função da altitude e da continentalidade.

Há que se ressaltar dois aspectos, quanto às disponibilidades térmicas: temperatura para a germinação e temperatura para o desenvolvimento das plantas.

A temperatura do solo deve ser levada em conta para a semeadura e ela muitas vezes é fator limitante, especialmente em locais mais frios. Normalmente é considerado como limite inferior para boas condições de germinação e emergência

da soja a temperatura de 18° C na profundidade em que a semente é colocada. Por outro lado, temperaturas de solo muito elevadas também são prejudiciais, principalmente se a umidade estiver em deficiência ou excesso.

A temperatura do ar tem grande influência no desenvolvimento da soja e normalmente interage com o fotoperíodo. Isto porque a soja acelera o seu desenvolvimento entre 15° e 30° C, declinando um pouco acima desta faixa. Com isto, em regiões mais quentes a cultura atingirá as suas exigências térmicas com um menor número de dias encurtando o ciclo, o mesmo acontecendo quando, em um mesmo local, a cultura for semeada dentro da faixa de maior disponibilidade térmica. Afetando o índice de crescimento, a temperatura influi também no rendimento, no porte da planta, na altura de inserção de vagens, e em muitas outras características da soja.

Para fins de escolha da melhor época de semeadura, pode-se concluir que nas regiões mais quentes a faixa ideal é mais ampla e pode ser atendida até mais tarde, notadamente quando se trata de cultivares tardias. Nestas regiões o fator mais limitante é o fotoperíodo, a não ser quando outros fatores entram em jogo, tais como sucessão com culturas de inverno, problemas de deficiência ou excessos de umidade do solo (destaque para várzeas úmidas, onde as semeaduras muito precoces e muito tardias normalmente são prejudicadas, quer no plantio, quer na maturação e na colheita). Locais sem grandes limitações de temperaturas oferecem melhores condições para planejar a semeadura, visando escalar a colheita, tanto na escolha de variedades (ciclo) como da época de plantio.

Em locais mais frios, as melhores épocas de semeadura ficam restritas a uma faixa menos ampla. O seu início fica limitado tanto pela baixa temperatura do solo para uma germinação, como pelos riscos de ocorrências de períodos frios (e até geadas) durante a primavera. (Fonte: IPAGRO e Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul).

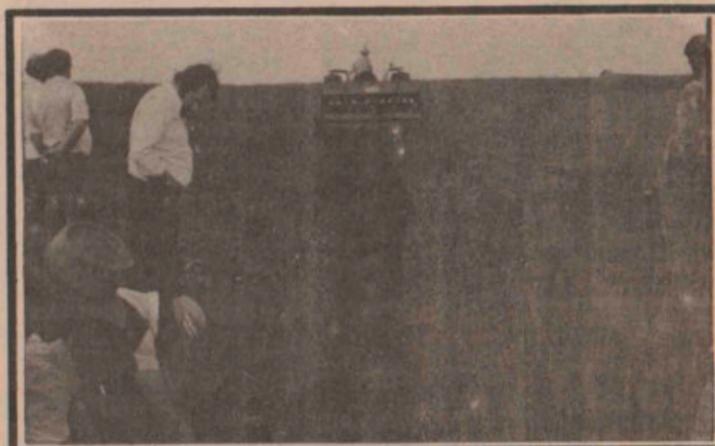
VARIEDADES - Calendário de Semeadura.

ÉPOCAS	GRUPOS DE MATURAÇÃO EM ORDEM PREFERENCIAL Dentro de cada época	VARIEDADES
01 a 15-10	Tardias	Santa Rosa, Hardee
16-10 a 25-10	Semi-tardias Tardias	Bossier Santa Rosa, Hardee
26-10 a 20-11	Preoces e Semi-preoces Médias Semi-tardias e Tardias	IAS-2, Prata, Planalto, Pérola IAS-5 e Paraná IAS-1, IAS-4, Bragg e Hampton Bossier, Santa Rosa e Hardee
21-11 a 05-12	Médias Semi-tardias e Tardias	IAS-1, IAS-4, Bragg e Hampton Bossier, Santa Rosa e Hardee
06-12 a 15-12	Semi-tardias Tardias	Bossier Santa Rosa, Hardee
16-12 a 31-12	Tardias	Santa Rosa, Hardee

G %	P.M.S. /METRO L	VARIEDADES EM kg / ha				
		BRAUD HARDEE P.M.S. 155 g	IAS 2 E IAS 1 P.M.S. 185 g	PRATA, BOSSIER E PEROLA P.M.S. 122 g	SANTA ROSA IAS 5 E PARANÁ P.M.S. 144 g	IAS 4 E HAMPTON P.M.S. 178 g
70 a 73	34	102	108	80	95	117
74 a 76	32	98	104	77	91	112
77 a 79	31	94	100	74	87	108
80 a 83	30	90	95	71	83	103
86	28	87	92	68	80	99
87 a 89	27	84	90	66	78	96
90 a 93	26	80	85	63	74	92
94 a 99	25	75	80	59	70	86

G % - Germinação. P.M.S. - peso de mil sementes (média de várias pesagens). Espaçamento - 50 cm. Densidade - 24 plantas por metro linear (stand).

DEMONSTRAÇÃO DE PLANTIO DIRETO



Com a presença de mais de 70 pessoas, entre associados da COTRIJUI, agrônomos e técnicos agrícolas da região, realizou-se dia 31 de agosto, nas dependências da COTRIJUI, em Santo Augusto, uma demonstração de plantio direto com a nova máquina Ibirubá. Na oportunidade o agrônomo Luiz Volney M. Viau destacou a importância do plantio direto e a necessidade de partirmos para esta técnica de plantio que se desenvolve em grande escala em outros países e com bons resultados. Fez um breve histórico sobre o início do plantio direto nos Estados do Sul do Brasil e sobre lavouras em nossa região, que apresentaram excelentes resultados. Salientou a deficiência de máquinas apropriadas no mercado até o momento.

A nova máquina apresentada, de fabricação da Indústria de Máquinas Ibirubá, promete realizar um trabalho satisfatório, como ficou demonstrado. Totalmente inovada, apresentando dispositivo especial contra a vibração e bem mais leve que as similares existentes, pode perfeitamente ser operada por um trator com 60 HP. Os técnicos da Ibirubá explanaram o funcionamento da máquina, os cuidados que requer e as regulagens de profundidade de plantio e quantidades de sementes e adubo.

Na demonstração da máquina na lavoura, comprovou-se seu bom funcionamento. Os associados e técnicos presentes puderam ver um trator de 60 HP operando-a sem dificuldades. A distribuição de sementes e adubo, a profundidade de semeadura foram amplamente satisfatórios e, principalmente, o revolvimento do solo foi mínimo.

A COTRIJUI, através de seu Departamento técnico está incentivando e conscientizando seus associados para que o número de lavouras de plantio direto seja aumentado, para que todos percebam as vantagens que o sistema apresenta, principalmente no que se refere à conservação do solo. Se hoje não nos preocuparmos com a conservação do solo, as novas gerações dificilmente terão condições de tirar da terra o seu sustento. O plantio direto é uma das melhores técnicas de conservação do solo.

O comparecimento de grande número de associados à demonstração, mostra seu interesse pelo plantio direto e a sua conscientização quanto à necessidade de conservação do solo.

Téc. Agr. Osvaldir A. ANDRIGHETTO

MECANIZE SUA LAVOURA DE MILHO

Nesta safra a COTRIJUI terá à disposição dos associados máquinas para colheita de milho. As máquinas disponíveis são da marca BRAUD-108, de fabricação francesa. No entanto, há necessidade que o plantio seja feito com o espaçamento

entre linhas de 80 centímetros, para que a colheita possa ser realizada com a referida máquina. Esta máquina tem capacidade para colher de 150 a 200 sacos por hora.



PLANTIO DIRETO

Eng. Agr. Luiz Volney M. VIAU

A cultura da soja no Estado iniciou há 60 anos, na região das Missões e Alto Uruguai. Inicialmente, a finalidade do cultivo dessa leguminosa se restringia a utilização para consumo em rações para suínos.

A partir de 1950 houve um certo interesse pelos produtores no cultivo da soja, em função das condições ecológicas favoráveis para o desenvolvimento da cultura e também face às grandes correntes de imigrantes, que afluíram para o território riograndense em busca de uma policultura. Iniciou assim o cultivo da leguminosa, que em poucos anos passou a dominar o panorama agrícola da região, tornando-se o principal produto gaúcho de exportação. Assim, a sucessão trigo-soja se tornou o binômio agrícola da região, exigindo a adoção de novas técnicas, principalmente a mecanização da lavoura. O solo passou a ser exigido cada vez mais em função das necessidades das duas culturas, condicionando a um desgaste progressivo oriundo da sua intensa mobilização.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O solo da Região — O solo que predomina na região pertence ao grupo Latosolo Roxo Distrófico, tendo como denominação regional Unidade de Mapeamento Santo Ângelo.

Este solo apresenta elevada grau de latolização, que é a lavagem de sílica e bases dos horizontes superficiais para os mais profundos, resultando uma concentração de Fe e Al na camada mais superficial do solo. Este processo ocorre em clima de alta precipitação e temperatura, tornando-o fortemente intemperizado e altamente susceptível à erosão hídrica.

Fisicamente não apresentam restrições para cultivos, porque são profundos, bem drenados, friáveis, não apresentando limitações para o uso de máquinas e implementos agrícolas.

Quimicamente são solos ácidos, (decorrente do processo de latolização) de baixa fertilidade natural, sendo pobres principalmente em fósforo, potássio e matéria orgânica.

Clima — O clima da região, segundo o sistema de classificação de W.Koppen, é subtropical úmido, sem estiagem, com temperatura média do mês mais quente, superior a 22° C e a do mês menos quente é inferior a 18° C e superior a 3° C.

A precipitação, de acordo com os dados colhidos no antigo Posto Agropecuário de Ijuí, num período de 25 anos apresenta uma média anual de 1.642,50 mm, assim distribuída:

Janeiro 140,78 mm
Fevereiro 118,37 mm
Março 124,56 mm
Abril 122,99 mm

Maio 98,78 mm
Junho 159,35 mm
Julho 118,35 mm
Agosto 138,20 mm
Setembro 186,76 mm
Outubro 179,58 mm
Novembro 108,27 mm
Dezembro 146,51 mm

Relevo — O relevo da região é um dos fatores que mais influenciaram na formação dos solos. É caracterizado por um conjunto de elevações arredondadas e amplas, com declividade média de 8 por cento. Este relevo se torna mais acentuado junto aos rios e arroios, caracterizando a zona colonial onde a declividade pode atingir até 25 por cento.

Sistema de Produção — O crescimento verificado na área cultivada com soja e trigo a partir de 1969, tem sido acompanhado de uma série de novas técnicas referentes a novas variedades, defesa fitossanitária, correção do solo, aumento da fertilidade do solo e com o surgimento de novas máquinas e implementos para mecanização da lavoura.

Desta maneira tem-se conseguido aumentar a produção e produtividade, procurando satisfazer as necessidades internas e exportar os excedentes.

Com a sucessão trigo-soja, face a necessidade de uma intensa mobilização do solo, aliada à topografia acentuada e ao regime de chuvas, tem condicionado o aparecimento de uma crescente erosão, decorrente da falta de um sistema de conservação eficiente para conter o processo erosivo em nossas lavouras. Este problema pode, em futuro próximo, comprometer grande parte dos atuais esforços da pesquisa, do crédito e da assistência técnica na busca da obtenção de melhor produtividade.

Essa intensa mobilização é decorrente das práticas de preparo do solo, como lavra-

ção e gradagens. Até o presente momento o preparo do solo tem sido encarado por um lado como uma operação necessária para o desenvolvimento das culturas e, por outro lado, como um importante fator no custo da produção.

O preparo do solo visa afofar, compactar ou pulverizar o solo para que a semente encontre condições para germinar e se desenvolver. Mas se à medida que se intensifica o preparo do solo damos condições para o aparecimento da erosão, concorrendo para o desgaste progressivo da camada superficial do solo. Com a finalidade de reduzir ao mínimo o preparo do solo surgiu o plantio direto.

A semeadura direta é um método no qual a semente é colocada no solo mediante um implemento que abre um sulco através da resteva do cultivo anterior, suficientemente largo e profundo para receber a semente, adubo e prever suficiente cobertura para os mesmos. Não é preciso mais operação alguma. Os inços são controlados pelo uso cuidadoso de herbicidas selecionados.

As primeiras experiências sobre plantio direto foram realizadas no ano de 1941, na Estação Experimental Rothamstead, na Inglaterra, pelos pesquisadores Russel e Deen (Silva, I.A.S. da — plantio direto da soja no Estado do Rio Grande do Sul).

A primeira referência sobre cultivo mínimo em nosso meio foi feita em 1961, por Clibas Vieira e Russel O. Frazier, em Minas Gerais (Vieira, Clibas e Frazier, Russel D. 1961, cultivo mineiro — novas técnicas de agricultura tratorizada, Ceres, Vol. XI, nº 6).

Em 1971 iniciaram os estudos sobre o sistema no norte do Paraná, pelos engenheiros agrônomos Milton Ramos e Rolf Derpesch no IPEAME.

Em 1972 uma equipe da

Companhia Imperial de Indústrias Químicas do Brasil criou o Centro de Pesquisas e Desenvolvimento de Plantio Direto, em Rolândia, Paraná. A partir de 1973 alguns produtores passaram a implantar o sistema em suas propriedades. Esse sistema apresenta vários fatores que podem ser considerados vantajosos, tais como:

Influência Sobre o Solo: Estrutura — A estrutura do solo é formada por agregados das partículas do solo, o que acarreta melhor porosidade, maior capacidade de infiltração de água e melhor aeração. O constante revolvimento do solo no sistema convencional causa a desagregação dessas partículas, diminuindo a sua capacidade de retenção de água, tendo como consequência o escoamento superficial sob forma de erosão.

A não movimentação do solo, a manutenção dos restos de cultura, a decomposição dos resíduos e a maior atividade dos microrganismos são fatores essenciais na recuperação

e estabilização da estrutura do solo. **Compactação** — O bom desenvolvimento da cultura depende do aproveitamento da umidade e nutrientes do solo pelo sistema radicular das plantas. A compactação do solo exercida pelo peso dos equipamentos, aliada a excessiva movimentação no preparo convencional, oferecendo resistência à penetração das raízes ou limitando a aeração, pode causar consideráveis danos à produção.

Erosão e Poluição — O escoamento da água sob forma de enxurrada arrasta nutrientes, inseticidas, herbicidas, herbicidas e sedimentos do solo para os rios e lagos, contribuindo para a poluição ambiental.

Em trabalho de avaliação de perdas do solo por erosão, que está sendo conduzido no Centro de Treinamento Cotrijui sob a orientação do eng. agr. Elemer Cassol, do Instituto de Pesquisas Agronômicas da Secretaria da Agricultura, demonstra que com o plantio direto se diminuem as perdas de solo por erosão (tabela 1).

TABELA 1: TRABALHO AVALIAÇÃO PERDAS DE SOLO POR EROSAO

SISTEMA DE PLANTIO	PERDA DO SOLO KG/HA	PRODUÇÃO KG/HA
Plantio Direto	400	4.671
Convencional	1.600	3.124
Solo Descoberto	32.900	—

O ensaio está sendo conduzido em solo representativo da região e os resultados da tabela se referem a cultura da soja. As perdas de solo ocorrem no período de 14/12/76 a 2/6/77.

Importância da Cultura Vegetal — A cobertura vegetal sob o solo diminui o impacto da gota d'água sobre o solo, reduzindo a desagregação das partículas do solo e consequentemente dificultam o processo erosivo.

Conservação da Umidade — A camada de palha que fica sob a superfície do solo diminui a evaporação e o escoamento superficial, aumentando o teor da umidade, o que favorece a germinação e desenvolvimento da planta.

Influência Sobre as Culturas: Época de Semeadura — Na região predomina a sucessão cultural trigo-soja. Neste sistema a época mais indicada para a semeadura de soja (novembro), coincide com a maturação e colheita do trigo, acarretando sobrecarga dos trabalhos de preparo do solo e plantio. Quando ocorrem estiagens nessa época, acarreta também atraso no plantio, com consequente redução nos rendimentos.

A adoção do sistema de plantio direto elimina os trabalhos de preparo do solo, permitindo que a semeadura seja feita na época mais adequada, trazendo também como outros

benefícios a incorporação da resteva das culturas anteriores, eliminando a queima que favorece a destruição da matéria orgânica do solo. Resumindo podemos citar como vantagens do plantio direto o seguinte:

Redução nos trabalhos de preparo do solo; plantio na melhor época; melhor germinação da semente; melhor conservação da água do solo; redução da erosão; redução nas perdas de solo e fertilizantes; redução dos investimentos em máquinas; redução nos gastos de combustíveis, lubrificantes e mão-de-obra; aumento do teor de matéria orgânica do solo; eliminação da queima da resteva; melhor trânsito de máquinas sobre o solo, diminuindo a compactação; os rendimentos obtidos no plantio direto têm sido semelhantes ao sistema de plantio convencional.

A COTRIJUI está desenvolvendo um programa sobre plantio direto. O Departamento Técnico realizou várias demonstrações para que os associados pudessem conhecer com mais detalhe este sistema de plantio. Terá à disposição dos associados as sementeiras para plantio e também todos os herbicidas recomendados para o controle dos inços. Os agricultores interessados na adoção dessa técnica deverão entrar em contato com o Depto. Técnico mais próximo, onde encontrarão todas as informações e a assistência necessária.

A CCGL JÁ NO BENEFICIAMENTO E INDUSTRIALIZAÇÃO DO LEITE

Em ato levado a efeito ao anoitecer de 30 de setembro, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL — adquiriu por compra o parque industrial da empresa Carlos Franke S.A. — Cafrasa, passando a operar já no dia seguinte, 1º de outubro, no beneficiamento de leite para consumo direto e industrialização de sub-produtos. No mesmo ato, a filial da Cafrasa que operava em Santa Maria, também passou a integrar a CCGL.

A Cooperativa Central Gaúcha de Leite foi representada no ato por seu diretor-presidente, Frederico Gunnar Dürr e vice-presidente, Rubem Wolf, que assinaram o termo de compra. Pela Cafrasa assinaram a venda a sra. Alciria Franke e Carlos Franke Filho, assinando como testemunhas o prefeito municipal, sr. Wilson Maximino Mânica, o presidente da Câmara Municipal,

vereador José Wilson Sandri; o vice-presidente da COTRIJUI, Arnaldo Oscar Drews e o advogado João Glaschester, da Cafrasa.

Prestigiaram o ato o diretor da Cooperativa Regional Triticola de Panambi, Karl Walter Teng, o inspetor-chefe do DIPOA junto à indústria, médico-veterinário, Luiz Santos da Silva; o gerente do Banco Nacional de Crédito Cooperativo em Ijuí, Ivan Costa Bidart; o diretor-financeiro da COTRIJUI, Oswaldo Olmiro Meotti, entre outros convidados e representantes da imprensa.

Após a assinatura do contrato de compra e venda os presentes participaram de um churrasco de confraternização na sede da indústria, oferecido pela Carlos Franke S.A.

Após o ato de compra da empresa, os

funcionários foram convidados a participar de reunião informal, a fim de conhecerem os novos dirigentes da empresa. O jovem Carlos Franke Filho, em breves palavras, despediu-se dos funcionários, agradecendo-os pela colaboração emprestada durante os vários anos que trabalharam juntos e dizendo que os mesmos passariam a ter novo empregador.

O diretor-presidente da CCGL, Frederico Gunnar Dürr, deu as boas vindas aos funcionários, dizendo que os recebia como funcionários na expectativa de que participassem do esforço da CCGL com o mesmo dinamismo e entusiasmo com que se dedicaram a Cafrasa, pois em cooperativismo é válida a máxima de que o esforço de todos depende do esforço particular de cada um.

PARANÁ SEDIA ESTE MÊS O II SIMPÓSIO NACIONAL DA SOJA

Entre 18 e 21 do corrente mês estará se realizando em Curitiba, o II Simpósio Nacional da Soja, sob o patrocínio da Assembléia Legislativa do Paraná. A promoção, que foi inspirada no Primeiro Simpósio realizado em 1975 pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, tem como presidente da Comissão Diretora o deputado José Lázaro Dumont.

Dentre os conferencistas constantes do programa do Simpósio estão o ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli; o governador do Rio Grande do Sul, Sinval

Guazzelli; o presidente do Banco do Brasil, Carlos Rischbieter e o diretor-executivo da Comissão de Financiamento da Produção, Paulo Vianna.

Explicando os objetivos do Simpósio, disse o deputado Lázaro Dumont que o mesmo se justifica em face do momento de indefinição que vive a agricultura brasileira. Para ele, um Simpósio com o fim específico de analisar toda a problemática da soja justifica-se plenamente. E tanto mais se se considerar a má comercialização havida na última safra e as medidas de ordem econômica to-

madas pelo governo federal no setor agrícola. Ao considerar a importância do produto no atual contexto econômico, o parlamentar paranaense citou o exemplo do Oeste do Paraná, cuja área conheceu um desenvolvimento muito grande nos últimos anos em função de sua produtividade agrícola e em especial a soja.

Ressaltou o deputado Lázaro Dumont que a soja está para o Oeste como o café esteve há alguns anos para o Norte do Paraná. Por essa razão, exemplificou, não se pode admitir mais uma política de improvização.

FETAG EMPOSSOU NOVA DIRETORIA

Em solenidade que teve por local o Parque Assis Brasil, no município de Esteio, no último dia 28, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul — FETAG — passou a ser gerida por nova diretoria. Ficaram a frente do órgão os líderes rurais Gelindo Ferri, na presidência, tendo como vice o sr. Orgênio Rott, natural de Ijuí. O presidente Gelindo Ferri substituiu a Otávio Klafke.

Na saudação aos presentes, onde se destacaram autoridades do setor agrícola do Estado, tendo a frente o secretário da Agricultura Getúlio Marcantônio, Gelindo Ferri ressaltou que uma de suas metas é o fortalecimento do sindicalismo rural. O novo dirigente vai preocupar-se com o incentivo às pequenas propriedades defendendo a introdução de novas tecnologias como forma de obter maiores rendimentos de safra.

Entende Ferri que campanhas como a do feijão e do milho, lançadas pela Secretaria da Agricultura deverão ter respostas favoráveis, porém é de opinião que o governo adote uma política de preços mínimos de maior impacto, pois só assim sensibilizará os produtores positivamente.

A diretoria da FETAG ficou assim constituída: Gelindo Zulmiro Ferri, presidente; Orgênio Rott, vice-presidente; Canisio F. Weschenfelder, secretário-geral; Valmir Antônio Susin, 1º secretário; Luiz Martins da Rosa, tesoureiro-geral e Noreno Pellin, 1º tesoureiro. Suplentes da diretoria: Jatir Mezacasa, Arator da Rosa Cândido, Luiz Trentin, Jacob Claudino Rech, Adélio Bergamo e Heitor Fontes Pinheiro. Conselho fiscal: Binício Fernandes da Silva, Arlindo Lorenzoni e José Luiz Frederick Franck. Suplentes: Roque Ferronato, Claudino Gasparetto e João Ernesto Herbert. Delegados confederativos (titulares). Gelindo Zulmiro Ferri e Canisius Kotz. Suplentes: Silvio Inácio da Silva e Luiz Martins da Rosa.

TRABALHA-SE PARA MELHORAR SEMENTE

Produção de semente de trigo foi o tema central da reunião havida dia 23 de setembro passado na sede da AFUCOTRI-Ijuí. Dela tomaram parte além dos integrantes do Conselho de Produtores de Semente

da região de Ijuí, os funcionários do armazém de sementes da unidade sede. Os assuntos foram debatidos na parte da manhã com a orientação do engenheiro agrônomo Sidney Gervini de Souza. O encontro

culminou com um churrasco servido ao meio-dia, oferecido aos funcionários que aparecem na foto (em cima). Embaixo, o grupo de conselheiros representativo dos produtores de sementes.





SUPLEMENTO INFANTIL
-Outubro- 1977

ELABORAÇÃO: MARITA KELM - ISELDA SAUSEN

Escola
Francisco
de Assis

FIDENE

CANTIGA DA BABÁ

Eu queria pentear o menino
como os anjinhos de caracóis.
Mas ele quer cortar o cabelo,
porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino
com umas botinhas de cetim.
Mas ele diz que agora é sapinho
e mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino
umas asinhas de arame e algodão.
Mas ele diz que não pode ser anjo
pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está sempre brincando,
dizendo-me coisas assim.
Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido,
um anjo que troça de mim.)



Alô criança, tudo bem?

Hoje resolvi escrever, conversar contigo. Gostaria de poder usar as palavras que costumamos usar, com aquele jeitinho natural, espontâneo, sem se importar com convenções e correções e concordância. O problema é que eu sou um adulto, e, não sei quem resolveu fazer a gente acreditar que o adulto deve falar e ter uns comportamentos que nós chamamos de padrão.

Sabes, eu me sinto envergonhada quando te vejo. Quantas coisas eu faço contigo! Eu me alego direitos de impor minhas vontades, de achar que só eu é que tenho condições de saber o que é bom e ruim para ti. Eu é que decido teu futuro, como se tu não tivesses capacidade de realizar, descobrir e decidir por ti próprio as coisas que gostas ou não.

Mas, hoje eu vou te contar um segredo, (há adultos que temem que este segredo seja desvendado):

Tu tens condições, tu possuis mais riquezas que eu. Tu ainda tens em ti a curiosidade, a fantasia, a espontaneidade, o poder de criar, que eu há muito já perdi. Para mim é difícil admitir que tu és mais gente que eu. E tem mais: — Eu só tenho uma chance de ser uma pessoa tranquila feliz: deixar despertar em mim a criança adormecida. Garanto, que isto tu não sabias). A criança jamais morre. Nem que o adulto a sufoque, ela permanece em todos, esperando que um dia ele tire sua máscara, e viva de maneira mais espontânea.

Tu és criança. E isto é maravilhoso! Quero te agradecer, e pedir para não te incomodares se eu fico a te admirar e recordar a criança que fui.

Atenciosamente
Um Adulto



IJUÍ: 87 ANOS

No dia 19 de outubro os ijuienses comemoram 87 anos do início da Colonização.

A colonização não foi outra causa, no Rio Grande do Sul, que a ocupação das regiões de mato. Esta ocupação de início era feita quase exclusivamente com imigrantes.

Mas cedo, dado o pequeno lote recebido e à família numerosas os filhos de imigrantes também continuaram a colonização.

Em 1890, restava por ocupar toda mata da Bacia do Rio Uruguai. A Delegacia de Terras e Colonização, iniciava a ocupação desta mata, encarregando ao Engenheiro José Manoel da Siqueira Couto, que era Chefe da Comissão de Terras em Silveira Martins, de medir lotes coloniais às margens do rio Ijuí. A 19 de outubro de 1890 inaugurava a "Colônia de Ijuí" distribuindo os primeiros lotes, a imigrantes que mandara vir de Silveira Martins, sendo na maioria letos.

Logo depois chegavam os imigrantes, que de Porto Alegre vieram diretamente à nova Colônia, eram na maioria poloneses e Alemães.

Já, em janeiro de 1891, Ijuí era elevada à Sede da Comissão de Terras e Colonização transferindo-se para cá o Engenheiro Siqueira Couto que em maio é substituído pelo Agrimensor Ernesto Mutzzell Filho, que por sua vez é substituído pelo Agrimensor Horácio da Silva Lima, em dezembro de 1892.

Os imigrantes vinham em pequenos grupos de 100 a 120 pessoas cada vez, mas continuamente, criando mesmo problemas para sua colonização imediata, dado o número.

O recenseamento de 1897 dava para Ijuí a população de 6.068 hab. Os colonos cultivaram sobretudo milho, trigo e feijão.

Em janeiro de 1899 a chefe da Comissão de Terras de Ijuí era assu-

mida pelo Engenheiro Augusto Pestana. Em seus 12 anos de administração procurou desenvolver mais possível a colônia. Entre outros casos, procurou harmonizar desavenças que estavam surgindo entre colonos; Como muitos imigrantes, não se adaptavam a vida da colônia (especialmente os poloneses, que na pátria eram artesões) procurou atrair para Ijuí os filhos de colonos das "Colônias Velhas" que já tinham prática na agricultura em nosso Estado; melhorou e abriu estradas, distribuiu mudas e sementes de variedades novas (como de videira. Neste período a população cresceu de uns 7.000 para uns 25.000 habitantes.

Empenhou-se para que Ijuí, fosse ligado pela estrada de ferro, cuja estação foi aqui inaugurada a 19 de outubro de 1911, (quando Ijuí completava 21 anos). A estrada de ferro fez com que as terras quadruplicassem o valor. A produção dobrou e exportação triplicou.

A maioria de Ijuí foi oficialmente reconhecida com a criação do município a 30 de janeiro de 1912, sendo instalado a 2 de fevereiro. Como primeiro intendente (nome que se dava então ao prefeito) foi nomeado o próprio Augusto Pestana, que, uns meses depois, foi substituído por Antônio Soares de Barros (o Coronel Dico).

Ijuí continuou progredindo. Na Colônia praticava-se policultura, com predominância de produtos exportáveis, como: laticínios, erva-mate, aguardente, milho e porco, com o derivado a banha.

Na cidade desenvolviam-se numerosas pequenas indústrias e um comércio bem variado, que chegou a tornar-se um centro regional, cuja influência atingia até Oeste do Paraná.

A bem da verdade, houve também dificuldades. As maiores foram enfrentadas pelos agricultores, cujos

produtos tinham bons preços quando a produção era pouca e preços baixos quando a produção era boa. E por outra parte viam suas terras se esgotando ano por ano, vendo-se obrigado a plantar cada vez mais mandioca, que passou de 5.000 toneladas em 1939 para 94.000 em 1950.

A esta altura a industrialização começa trocar o modo de produção em toda parte. Há necessidade de vender máquinas, implementos, adubos, inseticidas, o governo vê a perspectiva de mais impostos . . . o comércio espera maiores lucros.

Incentiva-se a produção de alguns produtos. Os financiamentos são fáceis. Criou-se as Cooperativas para facilitar a comercialização. A policultura desaparece para dar lugar ao trigo e soja. O boi e arado também desapareceram para dar lugar aos tratores e automotrizas.

Para ligar as áreas de produção e consumo abriu-se estradas e asfaltou-se outras.

A fisionomia do município de Ijuí se transforma. As Zonas Agrícolas, cobriu-se de trigo e soja. A mecanização libera grande parte da mão de obra, que vem concentrar-se na cidade. Aqui as pequenas indústrias vão desaparecendo, para dar lugar a pequenas casas de comércio, que vendem produtos das grandes empresas de São Paulo. Mas em expansão estão apenas as empresas ligadas à agricultura: Bancos, Cooperativas, máquinas, e implementos agrícolas, adubos, inseticidas e herbicidas e supermercados.

Estamos no "climax" desse processo de transformação, parece-me cedo para um julgamento: se isto é bom ou não. No entanto, como em todo os aniversários se faz, almejo que esta data se repita sempre para Ijuí, vendo seus filhos cada vez mais felizes.

Danilo Lazarotto

A FELICIDADE

“Bebe. Sacia tua sede um momento nas palavras úmidas que escrevo para ti”.

Teresinha Turcato.

Maricota ouvia sempre dizer em casa que sua tia não era feliz.

Aos domingos, iam visitá-la.

Seu rosto era pálido, seu olhar, carregado de tristeza.

Havia, ao que lhe parecia, um poço escuro e fundo através daquela face.

E então Maricota resolveu sair e descobrir a felicidade para trazer à titia.

Foi andando, andando.

Viu um grande rio alegre e saltitante, onde canoieiros lançavam linhas, pescando peixes luminosos.

— Olá, rio, disse Maricota. Preciso um pouco de tua alegria para levar à titia.

— Está certo. Então, apanhe um pouquinho de minha água numa vasilha transparente, coloque

nela o peixinho mais colorido que encontrar e ponha algumas plantinhas no fundo.

De posse dessas coisas, Maricota agradeceu e se despediu:

— Adeus, rio.

— Adeus.

Lá adiante, Maricota encontrou um parque cheio de meninos brincando.

Havia muito sol colorindo as faces das crianças, e Maricota responsabilizou-o por aquela festa.

— Olá, sol. Preciso levar um pouco da alegria deste parque para minha tia. Pode me ajudar?

— Sim. Apanhe aquele palhacinho na prateleira do mercador. Ele guarda no sorriso a alegria do parque.

Maricota assim o fez, e seguiu andando.

Lá adiante, encontrou um velhinho de longas barbas brancas, trazendo uma tranquilidade no ma-

pa da face que parecia estampar a própria felicidade.

— Quem é você? — perguntou Maricota.

— Eu sou o Gênio da Paz. Minha tarefa é harmonizar os homens para que, diminuindo seus conflitos, sejam mais felizes.

— Então poderá ajudar a titia, que não é feliz?

— Claro, que posso. Leve para ela este cartão.

Maricota, carregando as preciosas encomendas, retornou à casa de titia.

Encontrou-a, como sempre, envolta nas nuvens escuras da tristeza mais triste.

Primeiro, deu-lhe o peixinho.

— Que lindo aquário, minha querida!

E a titia se deteve um momento na doce contemplação do bichinho, que rabanava para um lado e outro, cheio de luz.

As nuvens espessas de sua tristeza parece que se tornaram menos espessas.

Depois, Maricota lhe deu o palhacinho.

E uma ternura até ali inexistente aflorou na sombria tarde daquele rosto.

Finalmente, Maricota entregou-lhe o cartão.

Nele, a titia leu:

“FORA DE SEU MUNDO
UM MUNDO ESPERA POR VOCÊ”

A titia abraçou Maricota, e uma lágrima, como um tênue fio de esperança, escreveu um traço luminoso em seu sorriso.

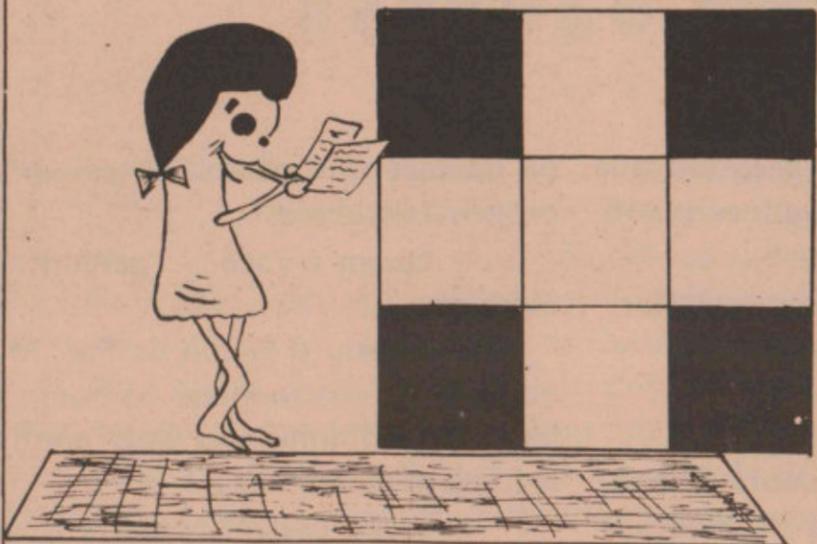
E ela ficou pensando, cheia de deslumbramento, que a felicidade, às vezes, é feita de um quase nada.

O importante, é encontrá-la.

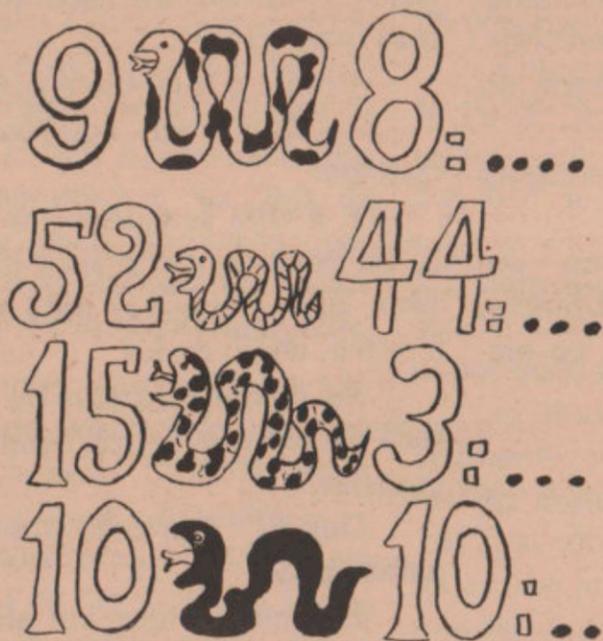
Maria Dinorah



"MAIS 9"



Vejam se serão capazes de colocar números de 1 a 5 nos quadradinhos em branco, de modo a somar 9, tanto verticalmente como horizontalmente



As cobras estão representando sinais de subtração. Faça as contas e encontre o ano do início da colonização de LUI.

OUTUBRO – MÉS DEDICADO AO PROFESSOR
AQUI VAI UMA MENSAGEM EM FORMA DE SUGESTÃO
PARA QUE ELE POSSA TRABALHAR COM SEUS ALUNOS
DE MANEIRA MAIS AGRADÁVEL E DIVERTIDA

MINISTÉRIO DAS PERGUNTAS CRETINAS

Millôr Fernandes

Este Ministério, como o nome indica, não visa responder perguntas, mas apenas perguntar respostas.

- O olho d'água, tem pestana?
- Golpe de vista provoca hemorragia?
- As maçãs do rosto têm vitaminas?
- O ponteiro de futebol também marca horas?
- O mata-borrão é assassino?
- O Pão de Açúcar, se lambe?
- Miolo de pão, raciocina?
- A barriga da perna tem umbigo?
- Deve-se ter vergonha do que se vê a olho nu?
- Se Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil quem foi que o cobriu?

- Um cego pode pagar contas a vista?
- Pé-de-vento, calça meias?
- Banana d'água, mata a sede?
- O calor de uma paixão, dá para cozinhar o jantar?
- Você conhece o ilustre desconhecido?

Muitas palavras, na língua portuguesa, possuem mais de um sentido. Millôr Fernandes, no texto Ministério das Perguntas Cretinas, aproveita-se desse duplo sentido da palavra ao se perguntar:

"Quando uma mulher tem pé-de-galinha, deve ser posta no galinheiro?"

Vamos trabalhar com as palavras aproveitando os vários sentidos em que elas podem ser empregadas.

Você encontrará uma relação de palavras. Trabalhe com elas, como o fez Millôr Fernandes, construindo uma frase que engloba dois sentidos.

- a) folhas.
"As folhas do livro caem no outono?" — Millôr .
- b) bico

- c) lua de mel

- d) cachorro quente

- e) costas

- f) cara de pau

- g) pé de moleque

- h) braço

- i) boca da noite

Ser criança é amar sem ligar para regras com que o mundo pretende amarrar e bitolar o amor. Quando a gente sente, que na vida se estabeleceu, precisa voltar a ser criança para reaprender o amor" (Mário O. Marques)

Uma mensagem de um adulto que percebeu o real valor da criança. Nós acreditamos em ti.